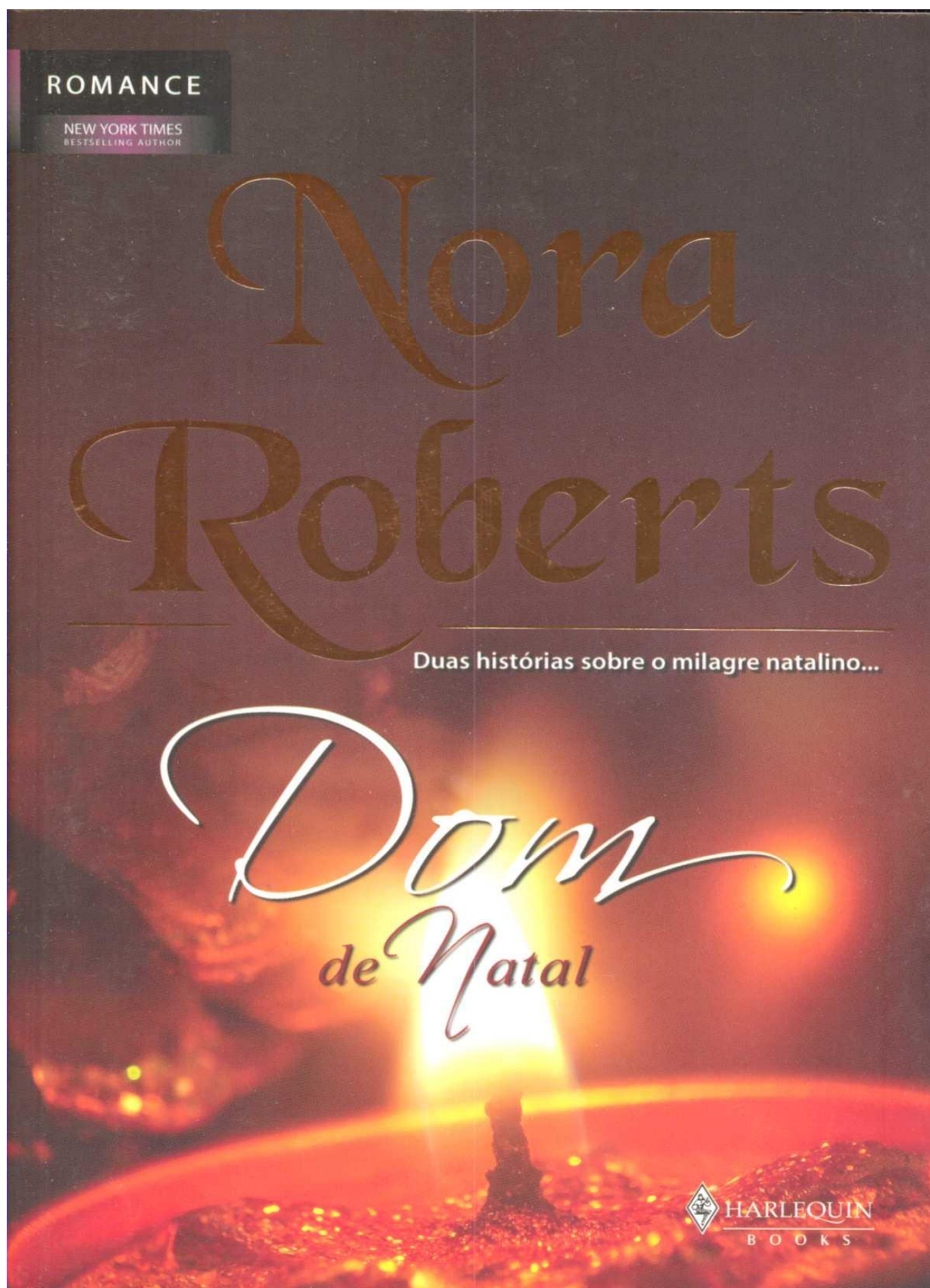




Apresenta:



DE VOLTA, NO NATAL

Faith não tinha escolha a não ser aceitar se casar com um homem que não amava. Ela precisava superar a decepção de ter sido abandonada por Jason quando ele decidiu ir embora de Quiet Valley, New Hampshire, em busca de aventuras. Agora um jornalista premiado por suas reportagens audaciosas em lugares inóspitos, ele começa a sentir o peso do isolamento... Toda a fama e a fortuna acumuladas ao longo de dez anos não foram suficientes para aquecer seu coração... É hora de Jason refazer seus caminhos e reacender a chama do jovem que foi um dia. Contudo, para isso acontecer, ele terá de voltar a Quiet Valley e reencontrar Faith. Mas estaria ela disposta a lhe dar uma segunda chance?

NOSSO PEDIDO DE NATAL

A vida agitada de Nova York não a atrai mais. Agora, tudo que Nell queria era um lugar tranquilo. Por isso, nada melhor do que se mudar para uma cidade do interior onde pudesse lecionar música para crianças e simplesmente ser... feliz! Mas ela não esperava conhecer Zeke e Zack, gêmeos idênticos com um único pedido para Papai Noel: uma nova mãe. No entanto, Mac Taylor, o pai, resiste a deixar que seu coração seja cativado. Seria insuportável a dor de amar e ser abandonado... outra vez. Mas o milagre do Natal pode surpreendê-lo... abençoando-o com um presente que mudará sua vida para sempre.



Verdadeiro fenômeno editorial, Nora Roberts é a autora de maior destaque da lista de mais vendidos do *The New York Times*. Com mais de duzentos romances lançados, seus livros já foram traduzidos para 25 idiomas e publicados em todo o mundo.

*Dom
de Natal*



Nora
Roberts

Dom
de Natal

Tradução de
ANA RODRIGUES



HARLEQUIN
BOOKS™

Rio de Janeiro
2009



**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS
EDITORES DE LIVROS, RJ.**

**Roberts, Nora, 1950-R549d Dom de natal: de volta, no natal; nosso pedido de
natal/ Nora Roberts; tradução de Ana Lúcia Rodrigues. - Rio de Janeiro: HR, 2009.**

Tradução de: Home for Christmas; AH I want for Christmas;

ISBN 978-85-7687-935-0

**1. Romance americano. I. Rodrigues, Ana Lúcia. II. Título. III. Título: De volta, no
natal. IV Título: Nosso pedido de natal.**

09-5010

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

**Titulo original norte-americano: HOME FOR CHRISTMAS Copyright © 1986 by
Nora Roberts**

ALL I WANT FOR CHRISTMAS Copyright © 1994 by Nora Roberts

Copyright da tradução © 2009 by EDITORA HR LTDA

**Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem
autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com
exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde
que citada a fonte.**

**Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas
vivas ou mortas é mera coincidência.**

**Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela HARLEQUIN
ENTERPRISES II**

**B.W S.A.R.L. para EDITORA HR LTDA. Rua Argentina, 171, parte, São Cristóvão - Rio
de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000**

Impresso no Brasil ISBN 978-85-7687-935-0

Sumário

De volta, no Natal

Nosso pedido de Natal

Panquecas do Papai

Esta é uma antiga tradição da minha família para o café da manhã do dia de Natal. A casa dos meus pais estava sempre cheia de pessoas e de barulho, e todos ajudavam — fosse tomando conta da chama sob a frigideira, ou segurando seus pratos pedindo por mais. Nós tínhamos permissão para fritar o bacon ou para virar a panqueca na frigideira. Mas ninguém — ninguém — a não ser meu pai fazia a massa das panquecas. Havia sempre duas enormes tigelas de massa, prontas para alimentar aquele monte de gente, antes que começássemos a trocar os presentes e a rasgar pedaços de papel colorido em tiras. Como éramos muitos, frequentemente comíamos em turnos, nos amontoando ao redor da mesa da sala de jantar e sobre a bancada onde tomávamos o café da manhã. Onde quer que eu esteja, a primeira mordida nessas panquecas sempre me leva de volta à infância.

6 ovos batidos

1 lata de leite condensado

1/4 de xícara de manteiga ou margarina, derretida

1 1/2 xícara de leite (apenas 1 xícara se quiser fazer waffles

com a mesma receita)

3 xícaras de farinha de trigo

6 colheres de sopa de fermento em pó

Junte os ingredientes na ordem em que aparecem na receita. Misture bem. Deixe descansar por 10 minutos para que a massa cresça. Para fazer as panquecas, coloque colheradas da massa na frigideira quente. E seja paciente — não vire até que comecem a aparecer bolhas.

Aproveite!

Biscoitos de Natal Simples ou Pintados

Assar biscoitos faz com que eu entre no espírito de Natal. Não há nada como um pouco de farinha nas mãos para que comece a tocar "Jingle Bells" na cabeça. Aqui em casa, a tradição é a seguinte: antes mesmo de começar o trabalho já colocamos uma canção de Natal para tocar. Não é possível trabalhar próximo a um forno quente sem o clima adequado. Separe os ingredientes:

3/4 de xícara de gordura vegetal

1 xícara de açúcar

2 ovos

1 colher de sopa de essência de baunilha

2 1/2 xícaras de farinha de trigo

1 colher de sopa de fermento em pó 1 colher de sopa de sal

Opcional: leite condensado, corante culinário, pincéis pequenos, açúcar colorido ou granulado de chocolate

Se você tem filhos, essa é a hora de deixar que eles participem do trabalho. É divertido, e a bagunça quase vale a pena. Deixe que um deles misture a gordura vegetal com o açúcar. Enquanto isso, peça que o outro quebre os ovos numa tigela. Então, você pode ajudá-los retirando os pedaços de cascas de dentro da tigela. Acrescente a essência de baunilha e misture bem. Acrescente a farinha, o fermento e o sal. Cubra e coloque na geladeira por pelo menos uma hora.

Preaqueça o forno a 200°C. Agora chegou a hora em que as crianças brigam para ver quem vai abrir a massa. Fique atenta para que ela seja aberta em uma espessura de cerca de 2,5cm sobre uma superfície enfarinhada. Se você não tiver cortadores de biscoitos em formatos bonitinhos com temas de Natal, deve providenciar. Nós, normalmente, usamos os já consagrados formatos de anjos, Papai Noel e árvores de Natal.

Quando cortar os biscoitos, certifique-se de passar os cortadores na farinha de vez em quando ou terminará com um Papai Noel pendurado em um deles. Coloque os

biscoitos num tabuleiro não untado. Agora cada um pode polvilhar sobre eles açúcar comum ou colorido, ou, se você estiver com espírito aventureiro, pode usar aqueles pequenos pincéis. Coloque pequenas porções de leite condensado em várias xícaras e pingue algumas gotas de corante alimentício em cada uma delas. Então, vá em frente e pinte. Lembre-se de que não tem importância se o Papai Noel sair azul ou a árvore de Natal terminar vermelha. E caso a mistura fique muito grossa, basta acrescentar um pouco de água.

Asse por 6 ou 7 minutos. Durante o processo, faça uma pausa de vez em quando para cantar "Deck the Halls". Você se sentirá melhor. No final você deveria ter cerca de quatro dúzias de biscoitos, mas, caso tenha filhos, esqueça esse número. Quando seu marido chegar em casa e perguntar pelo jantar, enfie um biscoito na boca dele!

Pudim de Pão à Moda Antiga

Eu faço muitas receitas complicadas nesta época do ano — gostosuras de preparo demorado que me mantêm na cozinha por horas. Realmente não me importo, mas também gosto de simplicidade. Uma das minhas favoritas é uma receita passada de geração em geração desde os ramos escoceses da minha árvore genealógica, através do meu pai até mim. É incrivelmente simples e antiga, e pode ser preparada rapidamente, apenas misturando algumas coisas, quando você descobre que terá mais visitantes do que esperava para as festas de fim de ano. E, melhor do que tudo, como é feita em apenas uma travessa, há muito pouco para lavar no fim. Mas devo avisar que a maioria das medidas é apenas uma estimativa. Experimente. É o tipo de prato perfeito para isso.

6 a 8 fatias de pão, cortadas em pedaços

3 a 4 ovos, levemente batidos

1/4 de xícara de margarina derretida

1/4 a 1/3 de xícara de açúcar

3 a 3 1/2 xícaras de leite

Cerca de 1/4 de xícara de passas (ao seu gosto)

Canela para dar sabor (eu gosto muito e coloco cerca de 3 colheres de sopa ou alguma coisa assim. Realmente, eu não meço, decido pela aparência do prato.)

Preaqueça o forno a 200°C. Junte todos os ingredientes com delicadeza, mas de modo que fiquem bem misturados. Leve ao forno por uma hora. Pode ser comido quente ou frio.

De volta, no Natal

Capítulo Um

MUITA COISA PODIA mudar em dez anos. Ele estava preparado para isso. Durante todo o voo procedente de Londres e por toda a longa e sinuosa viagem de Boston até a pequena Quiet Valley, em New Hampshire, com apenas 326 habitantes — ao menos esse era o número há dez anos, quando Jason Law estivera ali pela última vez —, ele imaginou o que teria mudado. Em uma década, mesmo uma pequena cidade esquecida na Nova Inglaterra tinha a obrigação de ter mudado alguma coisa. Pessoas teriam nascido e morrido. Casas e lojas teriam mudado de mãos. Algumas delas nem existiriam mais.

Não era a primeira vez, desde que decidira visitar sua cidade natal, que Jason se sentia ridículo. Afinal de contas, era muito provável que ele nem fosse reconhecido. Quando partira, era um rapaz magro e rebelde de 20 anos, usando surradas calças jeans. E, agora, voltava como um homem que aprendera a substituir a rebeldia por arrogância e fora bem-sucedido. Seu corpo ainda era magro, mas ajustava-se perfeitamente às roupas feitas sob medida em Savile Row e na Quinta Avenida. Dez anos haviam transformado o garoto desesperado, determinado a deixar sua marca no mundo, em um homem visivelmente satisfeito consigo mesmo por já ter alcançado esse objetivo. O que esses dez anos não haviam mudado era seu interior. Jason ainda buscava suas raízes, seu lugar. E era por isso que estava voltando para Quiet Valley.

A estrada cheia de curvas ainda contornava o bosque subindo a montanha e, então, voltava a descer. Do mesmo jeito que era quando ele fez o caminho contrário, num ônibus da Greyhound. A neve cobria o solo, lisa na estrada e mais irregular onde se acumulava sobre as rochas. As árvores cintilavam com o reflexo do sol na neve. Será que sentira falta daquilo? Passara um inverno com neve até a cintura nos Andes e outro sofrendo com o

calor da África. Os anos pareciam se fundir uns aos outros, porém, por mais estranho que pudesse parecer, Jason ainda conseguia se lembrar de cada lugar onde passara o Natal nos últimos dez anos, embora nunca celebrasse a data. Agora ele podia ver as montanhas, cobertas de pinheiros e neve. Sim, ele sentira saudades daquele lugar.

O sol atravessou os montes de neve. Jason ajeitou os óculos escuros e diminuiu a velocidade. Então, num impulso, parou. Quando saiu do carro, sua respiração fazia espirais de fumaça e a pele se arrepiou de frio. Mas ele não abotoou o casaco nem procurou pelas luvas nos bolsos. Precisava sentir aquele frio. Respirar o ar gelado era como encher os pulmões com milhares de agulhas bem finas. Jason deu alguns passos até a borda da montanha e olhou para Quiet Valley, lá embaixo.

Ele nascera ali, fora criado ali. Naquela cidade aprendera sobre luto, dor... E se apaixonara. Mesmo da distância em que estava, podia ver a casa dela — a casa dos pais dela, Jason lembrou a si mesmo. E sentiu uma onda antiga e familiar, de raiva. Ela agora estava vivendo em algum outro lugar, com marido e filhos.

Quando percebeu que havia cerrado as mãos dentro dos bolsos, concentrou-se em relaxá-las. Controlar e canalizar as próprias emoções eram habilidades que ele aprendera a transformar em arte ao longo da última década. E se podia fazer isso em seu trabalho, documentando a fome, as guerras e o sofrimento, também poderia fazer em relação a si mesmo. O que sentira por Faith havia sido coisa de criança. Ele era um homem agora e ela, assim como Quiet Valley, apenas parte de sua infância. Viajara mais de 8 mil quilômetros apenas para provar isso. Virando-se, Jason voltou para o carro e começou a descer a montanha.

À distância, a cidade era como um quadro de Currier e Ives, toda branca, confortavelmente acomodada entre a montanha e a floresta. Mas, à medida que chegava mais perto, ela se tornava menos idílica e mais acessível. O desgaste da pintura era visível aqui e ali nas casas mais afastadas do centro. Cercas arqueavam-se com o peso da neve. Jason viu algumas casas novas onde antes era campo aberto. Mudanças. Ele lembrou a si mesmo que já esperava por isso.

Fumaça saía pelas chaminés. Cachorros e crianças corriam na neve. Uma rápida olhada no relógio revelou que já eram 15h30. O horário escolar já acabara e ele estava viajando há 15 horas. A coisa mais inteligente a fazer era ver se o Valley Inn ainda existia e,

se fosse o caso, conseguir um quarto. Jason sorriu ao imaginar se o velho sr. Beantree ainda era o responsável pelo lugar. Perdera a conta do número de vezes em que Beantree lhe dissera que jamais conseguiria nada na vida a não ser encrenca. Bem, agora Jason tinha um Pulitzer e um prêmio como correspondente internacional para provar que o homem estava errado.

Agora as casas já estavam agrupadas mais próximas umas das outras, e ele as reconhecia. A casa dos Bedford, a de Tim Hawkin, a da viúva Marchant. Jason voltou a reduzir a velocidade do carro quando passou pela casa azul, de madeira, da viúva. Ela não mudara a cor, ele percebeu, sentindo-se tolamente satisfeito. E o velho abeto no jardim já estava coberto de fitas brilhantes vermelhas. Ela fora boa para ele. Jason não se esquecera das vezes em que lhe servia chocolate quente e o escutava por horas, enquanto ele lhe contava sobre as viagens que pretendia fazer e os lugares que sonhava conhecer. Ela já devia ter cerca de 70 anos quando ele partiu, mas era da linhagem forte da Nova Inglaterra. Jason imaginou que ainda a encontraria na cozinha, alimentando pacientemente o forno a lenha e ouvindo Rachmaninoff.

As ruas da cidade estavam limpas e em ordem. Os habitantes da Nova Inglaterra eram pessoas práticas e, pensou Jason, tão resistentes quanto às rochas sobre as quais haviam se estabelecido. A cidade não mudara como ele havia imaginado. A loja de artigos domésticos, Railings Hardware, ainda ocupava uma das esquinas da rua principal e o posto dos correios continuava a funcionar no prédio de tijolos pouco maior do que uma garagem. O mesmo tipo de guirlanda vermelha ligava todos os postes da cidade, como sempre acontecia naquela época do ano, desde que ele era jovem. Algumas crianças estavam fazendo um boneco de neve em frente à casa dos Litner. Mas de quem eram aquelas crianças?, imaginou Jason. Ele ficou olhando para os cachecóis vermelhos e para as botas brilhantes, sabendo que algum deles poderia ser filho de Faith. A raiva voltou e ele desviou o olhar.

A placa sobre o Valley Inn fora recém-pintada, mas, além disso, todo o resto continuava igual no prédio de três andares. A calçada estava limpa e saía fumaça das duas chaminés. Mas Jason não parou, ainda. Havia uma coisa que precisava fazer antes, uma coisa que já sabia que teria de fazer. Ele poderia ter virado na esquina seguinte, dirigido por uma quadra e veria a casa onde crescera. Mas não foi o que fez.

Quase no final da rua principal havia uma casa branca, muito bonita, maior do que a maioria das outras, com duas grandes janelas e uma larga varanda na frente. Fora para lá que Tom Monroe levara sua noiva. Um jornalista do nível de Jason sabia muito bem como desencavar uma informação desse tipo. Talvez Faith tivesse pendurado nas janelas as cortinas de renda que sempre desejara. Tom, provavelmente, lhe comprara o belo jogo de chá de porcelana que ela sempre cobiçara. Ele, com certeza, dera a Faith exatamente o que ela queria. Enquanto Jason só lhe teria dado uma mala e um quarto de motel, em um sem-número de cidades. Faith fizera sua escolha.

Depois de dez anos, ele descobriu que não ficara mais fácil aceitar essa decisão. Mas, ainda assim, forçou-se a acalmar-se enquanto parava o carro no acostamento. Ele e Faith haviam sido amigos, e amantes por pouco tempo. Jason tivera outras mulheres desde então, e Faith se casara. Mas ele ainda se lembrava de como ela era aos 18 anos. Adorável, gentil, ávida. Faith quis ir com ele, mas Jason não permitira. Então, ela prometera esperar. Mas não o fizera. Ele respirou fundo e saiu do carro.

A casa era encantadora. Pela janela maior, que dava para a rua, era possível ver uma árvore de Natal, muito verde e cheia de enfeites. À noite, ela, com certeza, brilharia como por magia. Ele tinha certeza disso, porque Faith sempre acreditara piamente em magia.

Parado na calçada, Jason percebeu que estava com medo. Ele já cobrira guerras e entrevistara terroristas, mas nunca sentira o aperto de medo no estômago que sentia naquele momento, parado na calçada estreita, observando a casa de um branco imaculado, com arbustos ao lado da porta. Podia se virar e ir embora, lembrou a si mesmo. Voltar para a pousada ou simplesmente sair da cidade. Não havia necessidade de vê-la novamente. Ela estava fora da sua vida. Então, Jason viu as cortinas de renda na janela e o velho ressentimento ressurgiu, tão forte quanto o medo que sentia.

Quando ele começou a descer a calçada, uma menina saiu correndo da lateral da casa, fugindo de uma bola de neve. Ela mergulhou, rolou e conseguiu se esquivar. Em um instante, já estava de pé novamente, arremessando a própria munição.

— Acertei na mosca, Jimmy Harding! — Ela deu um grito de guerra, virou-se para correr e acabou atropelando Jason. — Desculpe. — Com a neve cobrindo-a da cabeça aos pés, a garota olhou para cima e sorriu. Jason sentiu que voltava no tempo.

A menina era a imagem exata da mãe. O cabelo negro escapava do gorro e descia até os ombros. O rosto pequeno e triangular era dominado por enormes olhos azuis que pareciam esconder alguma coisa muito engraçada. Mas era o sorriso que perguntava "Isso não é engraçado?" que fez com que a garganta dele se apertasse. Trêmulo, recuou um passo, enquanto a garota limpava a neve que a cobria e o analisava.

— Nunca vi você antes.

Jason enfiou as mãos nos bolsos. Mas eu já vi você, pensou ele.

— Não. Você mora aqui?

— Sim, mas a loja fica ao lado. — Outra bola de neve caiu aos pés dela, que ergueu uma das sobrancelhas numa expressão sofisticada. — Aquele é Jimmy — disse ela, com o tom que uma mulher usa quando mal tolera um pretendente. — Ele tem péssima pontaria. A loja fica bem ao lado — repetiu ela, curvando-se para apanhar mais munição.

Então, saiu correndo novamente, segurando uma bola de neve em cada mão. Jason imaginou que o pobre Jimmy estava prestes a ter uma surpresa.

A filha de Faith! Ele não perguntara o nome dela e quase a chamou de volta. Não importa, disse a si mesmo. Só ficaria na cidade por poucos dias, antes da próxima missão. Estou apenas de passagem, pensou. Apenas revisitando rapidamente o passado para poder deixá-lo para trás.

Ele recuou alguns passos e andou até a lateral da casa. Embora não pudesse imaginar que tipo de loja Tom poderia ter, achou que seria melhor vê-lo primeiro. Jason quase gostou da ideia.

A pequena oficina que ele esperara encontrar acabou se revelando um minichalé vitoriano. No trenó em frente à porta estavam sentadas duas bonecas em tamanho natural, de gorros, mantos e botas de cano alto. Sobre a porta havia uma placa onde se lia "Doll House" escrito à mão, em letras rebuscadas. Jason abriu a porta da casa de bonecas e sinos tocaram.

— Já vou atendê-lo.

Ouvir novamente a voz dela foi como cair para trás e não encontrar o chão firme. Mas ele lidaria com isso, disse Jason a si mesmo. Tirando os óculos escuros, guardou-os no bolso e olhou ao redor.

Peças de mobília de brinquedo estavam distribuídas pelo cômodo de modo a reproduzir uma aconchegante sala de visitas. Bonecas de todas as formas, tamanhos e estilos ocupavam cadeiras, bancos, estantes e armários. Sentada em uma pequena cadeira de balanço, em frente a uma lareira de tamanho diminuto, onde as chamas cintilavam, estava uma boneca avó, com touca de renda e avental. A ilusão era tão forte que Jason quase esperou que ela começasse a se balançar.

—Me desculpe por fazê-lo esperar. — Com uma boneca de porcelana em uma das mãos e um véu de noiva na outra, Faith entrou pela porta de trás. — Estava bem no meio de... — O véu deslizou de suas mãos e caiu no chão sem barulho quando ela se deteve subitamente. A cor fugiu de suas faces, fazendo com que o azul profundo de seus olhos se tornasse quase violeta com a surpresa. Como reação, ou defesa, ela segurou a boneca de encontro ao peito. — Jason.

Capítulo Dois

E MOLDURADA PELO BATENTE da porta, com a tênue luz do inverno insinuando-se pelas pequenas janelas, ela estava ainda mais encantadora do que ele se lembrava. Jason tivera esperança de que fosse diferente. Esperara que as imagens que guardava dela fossem exageradas, do jeito que muitas fantasias são. Mas Faith estava ali, em carne e osso, e tão linda que o fez perder o ar. Talvez por isso, o sorriso que apareceu no rosto dele foi cínico e sua voz, fria. — Olá, Faith.

Ela não conseguia se mexer, nem para trás, nem para frente. Ele a encurralara, do mesmo modo que fizera muitos anos antes. Jason não soubera disso naquela época e ela não poderia deixá-lo saber agora. A emoção, que durante tanto tempo ficara contida, mantida em segredo, lutava contra a força de vontade dela, mas finalmente foi posta de lado.

— Como você está? — ela conseguiu perguntar, as mãos ainda segurando com força a boneca.

— Bem. — Ele caminhou para ela. Deus, como o deixava satisfeito ver o quanto estava nervosa. Deus, como o atormentava perceber que o perfume era o mesmo. Suave, jovem, inocente. — Você está maravilhosa. — Ele disse isso descuidadamente, como se estivesse apenas bocejando.

— Você era a última pessoa que eu esperaria ver entrar por essa porta. — E era a pessoa que ela aprendera a parar de aguardar a cada vez que uma porta se abria. Decidida a recuperar o controle, Faith afrouxou a pressão em torno da boneca. — Quanto tempo vai ficar na cidade?

— Apenas alguns dias. Vim por impulso. Ela riu e esperou não ter parecido histérica.

— Você sempre faz isso, não é? Nós lemos muito a seu respeito. Você conseguiu conhecer todos os lugares que queria.

— E mais alguns.

Faith virou-se de costas, dando a si mesma um momento para fechar os olhos e se recompor emocionalmente.

— Quando você ganhou o Pulitzer, colocaram uma matéria na primeira página do jornal. O Sr. Beantree pavoneou-se pela cidade como se tivesse sido seu mentor. "Bom garoto esse Jason Law", dizia ele. "Eu sempre soube que ele seria alguém."

— Vi sua filha.

Aquele era o maior medo de Faith, e também sua maior esperança, o sonho que colocara de lado tantos anos atrás. Ela curvou-se casualmente para pegar o véu.

— Clara?

— Aqui fora. Ela estava a ponto de massacrar um garoto chamado Jimmy.

— Sim, essa é a Clara. — O sorriso espontâneo era tão devastador quanto fora quando Faith ainda era uma criança. — Ela é uma adversária cruel — completou, e quis acrescentar "como o pai". Mas não ousou.

Havia tanto a ser dito! E tanto que não poderia ser dito! Se ele tivesse direito a um único desejo naquele momento, teria sido chegar mais perto e tocá-la. Tocá-la apenas uma vez e lembrar-se de como era antes.

— Vi suas cortinas de renda.

O arrependimento a inundou. Ela teria se contentado com janelas nuas e paredes brancas.

— Sim, eu tenho minhas cortinas de renda. E você tem suas aventuras.

— E tem também esta loja. — Ele virou-se para olhar ao redor. — Quando tudo isso começou?

Faith prometeu a si mesma que poderia lidar com aquilo. Com a odiosa conversa fiada.

— Eu a abri há cerca de oito anos.

Ele pegou uma boneca de pano que estava deitada em um cesto de vime.

— Então você vende bonecas. Um hobby?

Alguma coisa a mais cintilou nos olhos dela. Força.

— Não, este é o meu negócio. Eu as vendo, conserto. Até faço algumas.

— Negócio? — Jason colocou a boneca de volta no berço e sorriu para ela de um jeito que não tinha nada a ver com humor. — É difícil para mim imaginar Tom aprovando que sua esposa abra um negócio próprio.

— É mesmo? — Aquilo a magoou, mas ela colocou a boneca de porcelana sobre o balcão e começou a arrumar o véu na cabeça da boneca. — Você sempre foi muito perceptivo, Jason, mas estive longe por muito tempo. — Ela levantou os olhos e, agora, seu olhar não demonstrava nervoso ou força. Era apenas frio. — Muito tempo mesmo. Tom e eu estamos divorciados há oito anos. A última vez que tive notícias dele, estava morando em Los Angeles. Como você pode ver, Tom também não gosta muito de cidades pequenas. Ou de garotas de cidades pequenas.

Jason não conseguia enumerar a quantidade de coisas que lhe passavam pela cabeça e optou por colocá-las de lado. Era mais simples ser amargo.

— Parece que você escolheu mal, Faith.

Ela riu novamente, mas o véu estava amassado em suas mãos.

— Parece que sim.

— Você não esperou. — As palavras saíram antes que ele pudesse impedi-las. E Jason odiou a si mesmo por isso, e a ela também.

— Você foi embora. — Ela virou-se lentamente para ele e cruzou as mãos.

— Eu disse que voltaria. Disse que mandaria buscá-la assim que pudesse.

— Você nunca ligou, nem escreveu. Por três meses, eu...

— Três meses? — Furioso, ele segurou-a pelos braços. — Depois de tudo o que conversamos, de tudo pelo que esperamos, três meses era tudo o que você podia me dar?

Ela teria dado a ele uma vida inteira, mas não tivera escolha. Lutando para manter a voz calma, Faith olhou bem dentro dos olhos. Eram os mesmos olhos — intensos, impacientes.

— Eu não sabia onde você estava. Nem mesmo isso você me deu. — Ela afastou-se dele, porque o desejo que sentia era tão grande como sempre fora. — Eu tinha 18 anos e você havia ido embora.

— E Tom estava aqui. Ela levantou o queixo.

— Sim, Tom estava aqui. Dez anos se passaram, Jason, e você nunca escreveu. Por que agora?

— Eu me perguntei a mesma coisa — murmurou ele, e deixou-a sozinha.

Os sonhos de Faith sempre haviam sido muito extravagantes. Quando criança, ela ansiara por cavalos brancos e sapatinhos de cristal. A realidade era uma coisa a ser encarada diariamente em uma família onde o dinheiro era escasso, mas o orgulho, não. Mas os sonhos não estavam restritos apenas às horas de sono.

Faith se apaixonou por Jason quando tinha apenas 8 anos de idade. Ele tinha 10 anos e enfrentou corajosamente três garotos que a haviam jogado na neve. Foram necessários três, até que ela caísse. Faith ainda podia se lembrar da satisfação que sentira por isso. Mas lembrava ainda melhor de Jason vindo impetuosamente em seu socorro e fazendo seus agressores fugirem. Ele era magro, seu casaco estava grande demais e tinha remendos nos cotovelos. Ela ainda conseguia ver seus olhos, de um castanho intenso, sob as sobrancelhas franzidas em desaprovação quando baixou o olhar para ela. A neve cobria o cabelo louro-claro e deixara seu rosto vermelho. Faith olhou dentro dos olhos dele e se apaixonou. Jason resmungara alguma coisa, ajudara-a a se levantar e a repreendera por se meter em confusão. Então, saíra caminhando com aquele andar arrogante, as mãos nuas enfiadas nos bolsos do casaco grande demais.

Durante o resto da sua infância e por toda a adolescência ela nunca olhara para outro garoto. É claro que de vez em quando fingia olhar, com a esperança de que isso fizesse Jason Law reparar nela.

Então, quando estava com 16 anos, e usava um vestido feito pela mãe no baile da primavera nos salões da Prefeitura, ele finalmente a notara. Havia vários outros rapazes e Faith flertara escandalosamente com eles, apenas com um objetivo em mente: Jason Law. Irritado e rebelde, ele a vira dançar com um garoto depois do outro. Ela fizera questão disso. Assim como fizera questão de olhar diretamente para ele quando saiu para tomar ar no balcão. Jason a seguira, como ela esperara. Faith fingiu ser sofisticada. Ele foi rude.

E, então, caminhou ao lado dela de volta para casa sob uma enorme lua cheia.

Houve outras caminhadas depois dessa. Na primavera, no verão, no outono e no inverno. Eles se apaixonaram de um modo que só os muito jovens conseguem se apaixonar.

Sem cuidado, sem prudência, totalmente inocentes. Faith contou a ele sobre seu desejo de ter uma casa, filhos, cortinas de renda nas janelas e belas xícaras de porcelana. Jason contou a ela sobre sua paixão pelas viagens, a vontade de conhecer tudo e escrever sobre o que via. Ela sabia que ele se sentia encurralado naquela cidade pequena, limitado por um pai que não lhe dava amor e pouca esperança. Ele sabia que ela sonhava com salas tranquilas decoradas com flores em vasos de cristal. Mas eles estavam juntos e acabaram misturando os sonhos dos dois em apenas um.

Então, numa noite de verão, quando o ar estava doce e a relva alta, eles deixaram de ser crianças e seu amor deixou de ser inocente.

— Mamãe, você está sonhando novamente.

— O quê? — Com água e sabão até os cotovelos, Faith virou-se. A filha estava parada na porta da cozinha, confortavelmente metida em uma camisola de flanela que lhe chegava até o queixo. Com o cabelo recém-escovado e o rosto reluzente de tão limpo, a menina parecia um anjo. Mas Faith a conhecia muito bem. — Acho que estava. Você já terminou seu dever de casa?

— Sim. É uma burrice ter dever de casa quando as aulas estão quase acabando.

— Nem me lembre.

— Você está irritada — declarou Clara, de olho no pote de biscoitos. — Deveria sair para uma de suas caminhadas.

— Apenas um — disse Faith, adivinhando com facilidade as intenções da filha. — E não se esqueça de escovar os dentes depois. — Ela esperou enquanto Clara pegava o pote.

— Você viu um homem esta tarde? Um homem alto, com cabelos louros?

— Uh-hmmm. — Com a boca cheia, a menina virou-se para a mãe. — Ele estava vindo na direção da casa. Eu o mandei para a loja.

— Ele... disse alguma coisa a você?

— Na verdade, não. Ele me olhou de um jeito engraçado no início, como se já tivesse me visto antes. Você o conhece?

Sentindo um baque surdo no coração, Faith secou as mãos.

— Sim. Ele morou aqui muito tempo atrás.

— Oh! Jimmy gostou do carro dele. — Clara imaginou se conseguiria convencer a mãe a deixá-la pegar outro biscoito.

– Acho que vou mesmo dar aquela caminhada, Clara, mas quero você na cama.

A menina reconheceu o tom e entendeu que o biscoito teria de esperar.

– Posso contar os presentes sob a árvore mais uma vez?

– Você já os contou dez vezes!

– Talvez haja algum novo... Rindo, Faith pegou a filha no colo.

– Sem chance. – Então, rindo, levou a filha para a sala de estar. – Mas não vai fazer mal se você quiser contá-los mais uma vez.

O ar estava muito frio quando ela saiu de casa, e cheirava a neve. Não havia motivos para trancar a casa em uma cidade onde conhecia todo mundo. Aconchegando-se mais no casaco, Faith levantou os olhos para a janela no segundo andar onde a filha dormia. Clara era o motivo pelo qual a casa não era fria e sua vida não era vazia, duas coisas que poderiam facilmente ser verdade.

Ela deixou a árvore acesa e as luzes ao redor da porta piscando em um festival de cores. Faltavam apenas quatro dias para o Natal, pensou, e a magia que acompanhava a data se repetia mais uma vez. De onde estava parada, a cidade parecia bonita como um cartão-postal, com as fileiras de luzes penduradas, a árvore com a estrela em cima, na praça principal, as luzes da rua acesas. Faith podia sentir o cheiro da fumaça que saía das chaminés e o aroma característico dos pinheiros.

Algumas pessoas poderiam achar tudo aquilo arrumadinho demais, outras poderiam achar uma tolice. Mas ela fizera daquele lugar um lar para si mesma e para sua filha. Alterara sua vida para fazer o que considerou melhor para Clara, e tudo parecia estar bem-ajustado.

Sem arrependimentos, ela refletiu, com um último olhar para a janela da filha. Sem arrependimentos mesmo.

O vento aumentou um pouco enquanto ela caminhava. Haveria neve no Natal. Faith podia sentir. E aguardava ansiosamente por isso.

– Ainda gosta de caminhar?

Capítulo Três

ELA SABIA QUE Jason a encontraria? Talvez sim. Talvez precisasse que ele fizesse isso.

— Algumas coisas não mudam — disse Faith, simplesmente, enquanto Jason acertava o passo com o dela.

— Descobri isso em apenas uma tarde. — Ele pensou na cidade que permanecera tão igual. E em seus sentimentos pela mulher ao seu lado. — Onde está sua filha?

— Está dormindo.

Jason sentia-se mais calmo do que à tarde, e estava determinado a continuar assim.

— Eu não lhe perguntei se você teve outros filhos.

— Não. — Ele ouviu a melancolia na voz dela. Apenas um suspiro de melancolia. — Tenho apenas Clara.

— Como você escolheu o nome?

Faith sorriu. Era bem típico dele fazer perguntas que mais ninguém pensaria em fazer.

— Do *Quebra-nozes*. Eu queria que ela fosse capaz de sonhar. — Assim como ela mesma fora. Enfiando as mãos nos bolsos, Faith disse a si mesma que eles eram apenas dois velhos amigos caminhando pela cidade silenciosa. — Você está na pousada?

— Sim. — Distraído, Jason esfregou a mão no queixo. — Beantree levou minhas malas para o quarto pessoalmente.

— O garoto da cidade que venceu na vida. — Ela virou-se para olhar para ele. De alguma forma, era mais fácil caminhar assim. Era estranho, percebeu Faith, quando olhara para ele na primeira vez em que vira o garoto. Agora, viu o homem. O cabelo havia escurecido um pouco, mas ainda era bem louro. Não estava mais despenteado, mas sim

cortado em um estilo atraente e descuidado, com mechas caindo sobre as sobrancelhas. O rosto ainda era magro, com os málares altos, como sempre a fascinara. E a boca continuava cheia, mas havia uma dureza ao redor dela que não estivera ali quando ele partira. — Você venceu na vida, não é mesmo? Realizou tudo o que queria.

— A maioria das coisas. — Quando os olhos dele encontraram os seus, Faith sentiu todos os antigos anseios retornarem. — E quanto a você, Faith?

Ela balançou a cabeça, observando o céu enquanto caminhava.

— Eu nunca quis tanto quanto você, Jason.

— Você é feliz?

— Se uma pessoa não é feliz, é por sua própria culpa.

— Parece bem simples.

— Eu não vi as coisas que você viu. Não precisei enfrentar o que você enfrentou. Eu sou simples, Jason. Esse foi o problema, não foi?

— Não. — Ele virou-a para encará-la e levou as mãos ao rosto dela. Jason não usava luvas e seus dedos se aqueceram quando se encostaram à pele cálida. — Deus, você não mudou nada. — Enquanto Faith permanecia parada, muito quieta, ele enfiou as mãos nos cabelos dela. Então, deixou que as pontas dos dedos tocassem seus ombros. — Pensei sobre como você fica sob o luar, vezes sem conta. Era exatamente assim.

— Eu mudei, Jason. — Mas a voz dela estava ofegante. — Assim como você.

— Em algumas coisas, não — ele lembrou-a, e capitulou diante da necessidade que sentia.

Quando sua boca tocou a dela, Jason soube que estava em casa. Tudo o que recordava, tudo o que pensara que havia perdido, era dele novamente. Faith era delicada e cheirava a primavera, mesmo com a neve acumulada no chão ao redor deles. Sua boca era tão sedenta quanto fora na primeira vez em que ele a saboreara. Jason não conseguiria explicar, nem para si mesmo, que todas as outras mulheres que tivera não haviam sido nada além de uma sombra da lembrança de Faith. Agora ela era real, e estava ali, em seus braços, lhe dando tudo o que ele esquecera que poderia ter.

Só uma vez, Faith prometeu a si mesma enquanto se moldava ao corpo dele. Só mais uma vez. Como ela poderia saber que havia um vazio tão grande em sua vida? Tentara fechar a porta da parte da sua vida que incluía Jason, embora soubesse que isso não era

possível. Tentara dizer a si mesma que tudo fora apenas uma paixão de juventude, uma fantasia de menina, mas sabia que era mentira. Nunca houvera outro homem, apenas lembranças daquele único, além de desejos e sonhos um tanto esquecidos.

Agora, Faith não estava mais se apegando a nenhuma lembrança e sim a Jason, tão real e intenso como sempre fora. Tudo nele era tão familiar. O sabor dos seus lábios nos dela, seu cheiro rude de homem — um cheiro que sempre fora dele, mesmo quando ainda era um garoto. Jason murmurou o nome dela e abraçou-a ainda mais apertado, como se os anos estivessem tentando separá-los novamente.

Faith passou os braços ao redor dele, sentindo-se tão ardente, ávida e apaixonada quanto se sentira na última vez em que Jason a abraçara. O vento soprou ao redor dos tornozelos deles, levantando nuvens de neve, enquanto o luar os mantinha juntos.

Mas eles não estavam no ontem, Faith lembrou a si mesma enquanto se afastava. Nem no amanhã. Estavam no hoje, que precisava ser encarado. Ela não era mais uma criança sem responsabilidades e sentindo um amor tão grande que eclipsava todo o resto. Era uma mulher com uma criança para criar e uma casa para manter. Jason era um cigano e nunca fingira ser outra coisa.

— Está terminado para nós, Jason. — Mas ela continuou segurando a mão dele por mais um instante. — Terminou há muito tempo.

— Não. — Ele segurou-a antes que ela pudesse se virar. — Não terminou. Tentei convencer a mim mesmo que havia terminado, e que voltaria para cá e provaria isso. Você vem me corroendo por dentro durante metade da minha vida, Faith. E isso nunca vai acabar.

— Você me deixou. — As lágrimas que ela se prometera não derramar agora escorriam por seu rosto. — Você partiu meu coração e mal tive tempo de juntar os cacos, Jason. Não vai parti-lo de novo.

— Você sabia que eu precisava seguir meu caminho. Se tivesse esperado...

— Isso não importa agora. — Balançando a cabeça, ela afastou-se dele. Nunca seria capaz de explicar a Jason por que não fora possível esperar. — Não importa por que, em poucos dias você terá partido novamente. Não permitirei que entre e saia da minha vida e deixe minhas emoções no caos. Nós dois fizemos nossas escolhas, Jason.

— Diabo, eu sentia sua falta!

Faith fechou os olhos. Quando os abriu novamente, estavam secos.

— Eu tive que parar de sentir falta de você. Por favor, deixe-me sozinha, Jason. Se eu achasse que poderíamos ser amigos...

— Nós sempre fomos.

— Esse "sempre" já se foi. — Apesar de tudo, ela estendeu as mãos e segurou as dele.

— Oh, Jason, você foi meu melhor amigo, mas não posso lhe dar as boas-vindas porque você me apavora.

— Faith. — Ele entrelaçou os dedos aos dela. — Nós precisamos de mais tempo para conversar.

Ela continuou olhando para ele e deixou escapar um longo suspiro.

— Você sabe onde me encontrar, Jason. Sempre soube.

— Deixe-me levá-la até em casa.

— Não. — Mais calma, ela sorriu. — Não desta vez.

Da janela de seu quarto Jason podia ver a maior parte da rua principal. Podia, se quisesse, observar o fluxo dos negócios na loja de miudezas Portfield's ou a grande quantidade de pessoas que caminhava pelo centro da cidade. Como se sentia inquieto, ele já estava de pé e na janela quando Faith saiu de casa com Clara para se despedir da menina que ia para a escola com um grupo de crianças. Ele observou quando ela se agachou para ajeitar a gola do casaco da filha. E quando voltou a ficar de pé, com a cabeça descoberta, de costas para ele, enquanto via as crianças se arrastando para mais um dia entre os livros. Faith permaneceu ali por longo tempo, com o vento brincando em seus cabelos, e ele esperou que ela se virasse, que olhasse para a pousada, que de alguma forma sentisse que ele estava lá. Mas Faith andou até a lateral da casa, em direção à loja, sem olhar para trás.

Agora, horas depois, ele estava novamente na janela, ainda inquieto. Pela quantidade de pessoas que ele podia ver entrando na Doll House, o negócio dela parecia ser muito próspero. Faith estava ocupada, trabalhando, enquanto ele estava ali, na janela, com a barba por fazer, sua máquina de escrever portátil descansando silenciosa na mesa ao seu lado.

Jason planejava trabalhar em seu romance por alguns dias — o romance que ele prometera a si mesmo que escreveria. Era apenas mais uma promessa que não fora capaz de cumprir por causa das exigências das viagens e das reportagens. Imaginara que seria ca-

paz de trabalhar ali, na cidade tranquila e pacata de sua infância, longe das exigências do jornalismo e do ritmo vertiginoso que estabelecera em sua vida. Imaginara um monte de coisas. O que não imaginara fora descobrir-se tão desesperadamente apaixonado por Faith como estivera aos 20 anos.

Jason afastou-se da janela e olhou para a máquina de escrever. Os papéis estavam ali, anotações que enchiam um envelope. Ele podia se sentar e se obrigar a trabalhar o dia inteiro, até noite adentro. Era bastante disciplinado para isso. Porém, naquele momento, havia mais em sua vida do que um livro pela metade. Ele estava apenas começando a perceber isso.

Pelo tempo que levou para se barbear e se vestir, já passava do meio-dia. Ele pensou por um instante em atravessar a rua e ir até o Mindy's, para descobrir se ainda serviam a melhor sopa feita em casa da cidade. Mas não estava com disposição para jogar conversa fora no balcão do restaurante. Deliberadamente, dirigiu-se para o sul, para longe de Faith. Ele não ia fazer papel de tolo correndo atrás dela.

Enquanto caminhava, passou por algumas pessoas conhecidas. Foi saudado com tapinhas nas costas, apertos de mão e uma curiosidade ávida. Jason desceu pela margem esquerda do rio, voltou a subir pela Carnaby Street e caminhou pelas ruas estreitas de Venice. Depois de uma década de ausência, se pegou descendo pela rua principal tão fascinado quanto sempre ficara antes de ir embora. Havia o característico poste da barbearia, com suas linhas vermelhas e brancas ondulando para cima e ao redor de si mesmas. Um Papai Noel em tamanho real, de cartolina, de pé do lado de fora de uma loja de roupas, convidando as pessoas a entrar com um gesto de mão.

Jason viu uma vitrine cheia de bicos-de-papagaio, entrou na loja e comprou a maior quantidade de flores que conseguiu carregar. A vendedora era uma antiga colega de colégio e o reteve por dez minutos, antes que ele conseguisse escapar. Jason esperara por perguntas, mas não imaginara que se tornaria a celebridade da cidade. Divertido, ele desceu a rua, fazendo o mesmo caminho que fizera vezes sem conta no passado. Quando alcançou a casa da viúva Marchant, não se deteve na porta da frente. Seguindo um antigo hábito, contornou a casa e bateu na porta dos fundos. Ela ainda rangia. Esse pequeno detalhe o deixou imensamente satisfeito.

Quando a viúva abriu a porta e seus pequenos olhos de passarinho espreitaram através das folhas vermelhas brilhantes das flores que levava, Jason se pegou sorrindo como um menino de 10 anos de idade.

— Já não era sem tempo — disse ela, abrindo caminho para que ele entrasse. — Limpe os pés.

— Sim, madame. — Jason esfregou as botas no capacho diante da porta antes de colocar os bicos-de-papagaio sobre a mesa da cozinha.

A viúva, que não tinha mais do que 1,50m de altura, ficou parada, de pé, com as mãos nos quadris. Ela estava um pouco curvada por causa da idade e seu rosto era uma melodia de linhas e rugas. O avental que usava estava coberto de farinha. Jason sentiu o cheiro dos biscoitos que assavam no forno e ouviu o som majestoso da música clássica que saía dos alto-falantes na sala de estar. A viúva acenou para as flores.

— Você sempre foi chegado a grandes declarações. — Quando ela se virou para olhá-lo de cima a baixo, Jason se pegou endireitando a postura automaticamente. — Posso ver que ganhou uns poucos quilos, porém alguns mais não fariam mal algum. Venha, me dê um beijo.

Ele inclinou-se para lhe dar um beijo respeitoso, mas logo se viu abraçando-a apertado. Ela parecia frágil. Jason não percebera isso apenas olhando-a. Mas a viúva ainda cheirava a todas as coisas gostosas de que ele se lembrava — sopa, talco e açúcar derretido.

— A senhora não parece surpresa por me ver — murmurou ele, endireitando o corpo.

— Eu sabia que você estava aqui. — Ela virou-se para se ocupar de alguma coisa no fogão, para esconder os olhos marejados. — Soube antes mesmo que a tinta com que você assinou seu registro na pousada tivesse secado. Sente-se e tire o casaco. Preciso tirar esses biscoitos do forno.

Jason sentou-se enquanto ela trabalhava e absorveu a sensação de lar. Fora ali que sempre pudera se refugiar quando criança, onde sempre se sentira seguro. Enquanto ele observava, a viúva começou a esquentar chocolate em uma pequena panela amassada.

— Quanto tempo vai ficar?

— Não sei. Provavelmente, terei que ir a Hong Kong daqui a duas semanas.

— Hong Kong. — A viúva franziu os lábios enquanto arrumava os biscoitos em uma travessa. — Você esteve em todos os lugares que queria, Jason. Eles são tão excitantes quanto você achava?

— Alguns, sim. — Ele esticou as pernas. Já havia esquecido o quanto era bom relaxar o corpo, a alma e a mente. — Outros, não.

— Agora você voltou para casa. — Ela andou com agilidade para colocar os biscoitos sobre a mesa. — Por quê?

Ele poderia ser evasivo com qualquer outra pessoa. Poderia mentir até para si mesmo. Mas, para ela, só poderia dizer a verdade.

— Faith.

— Sempre foi. — De volta ao fogão, ela mexeu o chocolate. Jason fora um garoto atormentado, agora era um homem atormentado. — Você soube que ela se casou com Tom.

Dela ele não precisava esconder sua amargura.

— Seis meses depois que parti, eu liguei. Havia conseguido trabalho no *Today's News*. Estavam me mandando para um lugar pequeno e desconhecido em Chicago, mas já era alguma coisa. Liguei para Faith, mas só consegui falar com a mãe dela. Ela foi muito bondosa, simpática até, quando me contou que Faith estava casada, que se casara havia três meses e que ia ter um bebê. Eu desliguei, tomei um porre e na manhã seguinte fui para Chicago. — Ele pegou um biscoito da travessa e deu de ombros. — A vida continua, certo?

— Sim, ela segue. E nos reboca com ela, ou passa por cima de nós. E agora que você sabe que ela está divorciada?

— Havíamos prometido alguma coisa um ao outro. E ela se casou com outra pessoa. Ela fez um barulho que parecia o vapor escapando da chaleira.

— Você é um homem agora, ao que parece, ao se olhar para você, não um garoto cabeça-dura. Faith Kirkpatrick...

— Faith Monroe — ele lembrou-a.

— Muito bem, então. — Pacientemente, ela serviu o chocolate nas xícaras. Depois de colocá-las sobre a mesa, sentou-se um pouco ofegante. — Faith é uma mulher forte e bela, por dentro e por fora. Ela está criando aquela garotinha completamente sozinha e está fazendo um bom trabalho. Começou um negócio próprio e está conseguindo fazê-lo prosperar. Sozinha. E sei alguma coisa sobre ser sozinha.

— Se ela tivesse esperado...

— Bem, ela não esperou. E seja lá o que for que eu pense a respeito disso, vou guardar para mim mesma.

— Por que ela se divorciou de Tom?

A velha senhora recostou-se, descansando os cotovelos nos braços gastos da cadeira.

— Ele deixou-a e ao bebê quando Clara tinha apenas 6 meses.

Os dedos de Jason apertaram com força a alça da xícara.

— Como assim, ele deixou-a?

— Você deveria saber o que isso significa. Afinal, fez a mesma coisa. — Ela pegou o chocolate e segurou a xícara com ambas as mãos. — Quero dizer que ele fez as malas e partiu. Faith ficou com a casa... e com as contas. Tom limpou a conta no banco e foi para o Oeste.

— Mas ele tem uma filha.

— Ele não põe os olhos na menina desde que ela usava fraldas. Faith seguiu em frente. Precisou fazer isso pela filha, se não por si mesma. Os pais lhe deram apoio. Eles são boas pessoas. Faith pegou um empréstimo e começou o negócio de bonecas. Estamos orgulhosos por tê-la aqui.

Ele olhou para fora pela janela, para onde se espalhavam os ramos de um velho plátano, pingando gelo e neve.

— Portanto, eu parti, ela se casou com Tom e, então, ele partiu. Parece que Faith tem o costume de escolher o homem errado.

— É o que você pensa?

Jason esquecera como a voz dela podia ser seca e quase sorriu.

— Clara se parece com Faith.

— Hmm. Ela lembra a mãe. — A viúva sorriu dentro da xícara. — Eu sempre fui capaz de ver o pai na menina. Seu chocolate está esfriando, Jason.

Ele deu um gole na bebida, distraído. O sabor trouxe uma inundação de lembranças.

— Eu não esperava me sentir tão em casa novamente. É engraçado. Acho que eu não me sentia em casa quando morava aqui, mas agora...

— Você ainda não esteve em sua antiga casa?

— Não.

— Há um bom casal morando lá, agora. Eles acrescentaram uma varanda nos fundos.

Aquilo não significava nada para ele.

— Lá nunca foi meu lar. — Ele apoiou a xícara na mesa e pegou a mão dela. — Aqui era. Jamais conheci outra mãe além da senhora.

A mãe dela, fina, seca como papel, agarrou a dele.

— Seu pai era um homem duro, talvez ainda mais duro por ter perdido sua mãe ainda tão jovem.

— Quando ele morreu, a única coisa que senti foi alívio. Não consigo nem mesmo lamentar o fato. Talvez tenha sido por isso que parti naquele momento. Ele se fora, a casa também, parecia ser a hora certa.

— Talvez fosse, para você. Talvez agora seja o tempo certo para voltar. Você não foi um bom menino, Jason. Mas também não foi tão mau. Dê a si mesmo um pouco desse tempo que você estava tão desesperado para que passasse logo há dez anos.

— E Faith?

A viúva se recostou novamente.

— Pelo que me lembro, você nunca foi muito galante. Parece-me que a garota foi atrás de você com os olhos bem abertos. Um homem que esteve em todos os lugares em que você esteve deve saber como cortejar uma mulher. Provavelmente, aprendeu alguma coisa nessas línguas elegantes e sofisticadas.

Jason pegou outro biscoito e deu uma mordida.

— Uma frase ou duas.

— Nunca conheci uma mulher que não estremecesse ao ouvir uma língua sofisticada.

Jason inclinou-se para beijar ambas as mãos da senhora.

— Senti sua falta.

— Eu sabia que você voltaria. Na minha idade, sabemos esperar. Vá encontrar sua garota.

— Acho que vou fazer isso. — Ele se levantou e vestiu o casaco. — Voltarei para visitá-la novamente.

— Estarei esperando por isso. — Ela aguardou até que ele abrisse a porta. — Jason...
abotoe o casaco. — A viúva não usou seu lenço até ouvir a porta se fechar depois que ele
partiu.

Capítulo Quatro

O SOL ESTAVA ALTO e brilhante quando Jason saiu para a calçada. Do outro lado da rua um homem de neve estava perdendo peso rapidamente. Ele encontrou as ruas do mesmo jeito que estavam na véspera, quando passara dirigindo. Cheia de crianças recém-saídas da escola. E relembrou a sensação de liberdade. Enquanto se encaminhava para o norte, viu uma menina se afastar do grupo de amigos e caminhar na direção dele. Mesmo ela estando toda agasalhada com o gorro e o cachecol, ele reconheceu Clara.

— Com licença. Você morava aqui?

— Isso mesmo. — Ele teve vontade de colocar o cabelo dela para dentro do gorro, mas se deteve.

— Minha mãe me contou que você tinha morado. Hoje, na escola, a professora disse que você foi embora da cidade e ficou famoso.

Jason não pôde evitar sorrir.

— Bem, eu fui embora.

— E você ganhou um prêmio. Como o troféu que o irmão da Marcie ganhou no boliche?

Ele pensou no seu Pulitzer e conseguiu controlar o riso com dificuldade.

— Alguma coisa assim.

Para Clara, ele parecia uma pessoa comum e não alguém que rodara o mundo vivendo aventuras. Os olhos dela se estreitaram.

— Você realmente esteve em todos esses lugares que disseram?

— Depende do que disseram. — Em um tácito acordo, eles começaram a caminhar juntos. — Estive em alguns lugares.

— Como Tóquio? Lá é a capital do Japão, nós aprendemos na escola.

– Como Tóquio.

– Você comeu peixe cru?

– Algumas vezes.

– Isso é muito nojento. – Mas Clara parecia satisfeita. Ela se inclinou e pegou um bocado de neve sem diminuir o passo. – Eles amassam as uvas com os pés na França?

– Não posso dizer que tenha visto isso com meus olhos, mas já ouvi falar.

– Eu, com certeza, não beberia o suco depois disso. Você já andou de camelo?

Jason observou-a jogar a bola de neve na base de uma árvore.

– Na verdade, sim.

– E como é?

– Desconfortável.

Clara aceitou prontamente a descrição porque já imaginara que fosse assim.

– A professora leu uma de suas histórias hoje. Sobre aquela tumba que eles encontraram na China. Você viu as estátuas?

– Sim, vi.

– Foi como nos *Caçadores*?

– Como o quê?

– Você sabe, o filme do Indiana Jones.

Jason levou um minuto para entender, e então riu. Sem pensar, ele puxou o gorro para cima dos olhos dela.

– Acho que foi, um pouco.

– Você escreve bem.

– Obrigado.

Estavam parados na calçada, em frente à casa dela. Jason levantou os olhos, surpreso. Não percebera que haviam caminhado até tão longe, e agora se arrependia de não ter diminuído um pouco o passo.

– Vamos ter que fazer um trabalho sobre a África. – Clara torceu o nariz. – Terá que ter cinco páginas inteiras. A Srta. Jenkins quer que entreguemos logo depois das férias de Natal.

– Há quanto tempo ela passou a tarefa? – Já se passara muito tempo desde sua época de escola.

Clara desenhou um círculo na neve acumulada na beira do seu gramado.

— Há umas duas semanas.

Não, ele percebeu com algum prazer, não se passara tanto tempo assim.

— Imagino que você já tenha começado a trabalhar nela.

— Bem, fiz alguma coisa. — Então, ela se virou com um rápido e lindo sorriso para ele. — Você esteve na África, não esteve?

— Umas duas vezes.

— Imagino que saiba todas essas coisas como clima, cultura...

Ele riu.

— Sei o bastante.

— Talvez você pudesse ficar para jantar esta noite.

— Sem dar chance para que Jason respondesse, ela pegou a mão dele e encaminhou-se para a loja.

Quando entraram, Faith estava colocando uma boneca em uma caixa. Seu cabelo estava preso para trás e ela usava uma blusa de moletom larga e calça jeans. Estava rindo de alguma coisa que sua cliente tinha dito.

— Lorna, você sabe que não conseguiria isso de outra maneira.

— Ora! Tolice!, como diria o bom e velho Scrooge.

— A mulher colocou a mão sobre a barriga enorme e suspirou. — Eu realmente gostaria que esse bebê aparecesse antes do Natal.

— Você ainda tem quatro dias.

— Oi, mamãe.

Faith virou-se para sorrir para a filha. Quando viu Jason, deixou cair o rolo de fita vermelha que tinha nas mãos.

— Clara, você não limpou os pés — foi só o que conseguiu dizer, enquanto mantinha os olhos fixos em Jason.

— Jason! Jason Law! — A mulher adiantou-se e agarrou-o pelos dois braços. — Sou Lorna. Lorna McBee.

Ele baixou os olhos para o belo rosto redondo de sua vizinha de muito tempo.

— Olá, Lorna. — Jason baixou um pouco mais o olhar e voltou a levantá-lo. — Parabéns!

Com uma das mãos sobre a barriga, ela riu.

— Obrigada, mas é meu terceiro.

Ele lembrou-se da garota magrinha e esquentada que morava na casa ao lado da sua.

— Três? Você trabalhou rápido.

— Eu e Bill. Você se lembra de Bill Easterday, não lembra?

— Você se casou com Bill? — Ele se lembrava de um rapaz que costumava andar pelo centro da cidade procurando encrenca. Algumas poucas vezes, Jason o ajudara a encontrar o que buscava.

— Eu o coloquei na linha. — Quando ela sorriu, ele acreditou. — Agora ele é gerente do banco. — A expressão no rosto de Jason fez com que ela desse uma risada. — Estou falando sério, passe por lá um dia desses. Bem, tenho que ir. Esta caixa precisa ser trancada no armário antes que minha filha mais velha a veja. Obrigada, Faith, é simplesmente adorável.

— Espero que ela goste.

Para manter as mãos ocupadas, Faith começou a enrolar novamente a fita que caíra. Uma rajada de ar frio entrou e logo foi cortada quando Lorna saiu.

— Era a boneca vestida de noiva? — Clara quis saber.

— Sim, era.

— Enfeitada demais. Posso ir para a casa de Marcie?

— E quanto ao seu dever de casa?

— Não tenho nenhum a não ser a estúpida reportagem sobre a África. Ele vai me ajudar. — Jason encarou o sorriso dela com uma sobrancelha erguida. — Não vai?

Jason desafiaria qualquer homem em um raio de mais de 100 quilômetros a resistir àquele olhar.

— Sim, vou.

— Clara, você não pode...

— Está tudo bem, mamãe, porque eu o convidei para jantar. — Ela sorria, feliz, quase certa de que a mãe seria pega na armadilha das boas maneiras sobre as quais sempre falava. — Mas como não haverá aulas pelos próximos dez dias, posso fazer minha reportagem depois do jantar, não posso?

Jason resolveu que não faria mal algum dar uma forcinha:

— Eu passei seis semanas na África em uma das minhas viagens. Clara pode conseguir um A.

— Isso pode ser bom para Clara — resmungou Faith. Os dois ficaram parados, juntos, olhando para ela. Seu coração já pertencia a ambos. — Acho, então, que é melhor eu começar a preparar o jantar.

Clara já estava correndo pelo quintal da casa vizinha antes mesmo que Faith fechasse a porta da loja e pendurasse a placa com "Fechado" virado para fora.

— Sinto muito se ela o incomodou, Jason. Clara tem o hábito de cansar as pessoas com perguntas.

— Gosto dela — disse ele simplesmente, e observou enquanto Faith atrapalhava-se com a tranca da porta.

— É gentil da sua parte, mas não precisa se sentir obrigado a ajudá-la com a reportagem.

— Eu disse que ajudaria. Mantenho minha palavra, Faith. — Ele tocou a presilha do cabelo dela. — Mais cedo ou mais tarde.

Ela teve que olhar para ele. Era impossível não fazê-lo.

— Você é bem-vindo para o jantar, é claro. — Seus dedos estavam ocupados com os botões do casaco, enquanto ela falava. — Eu ia mesmo fazer frango frito.

— Vou ajudar.

— Não, isso não é...

Jason cortou-a, cobrindo os dedos dela com os dele.

— Eu não costumava deixá-la nervosa. Com esforço, Faith se acalmou.

— Não, você não costumava. — Ele vai embora novamente em poucos dias, ela lembrou a si mesma. Sairia de sua vida. Talvez ela devesse aproveitar o tempo que lhe estava sendo dado. — Está certo, você pode me ajudar.

Ele segurou o braço dela enquanto atravessavam o gramado. Embora sentisse a resistência inicial de Faith, ignorou-a.

— Fui visitar a viúva Marchant. Ganhei biscoitos recém-saídos do forno.

Faith relaxou quando empurrou a porta de sua cozinha.

— Ela guarda cada palavra de tudo o que você já escreveu.

A cozinha tinha duas vezes o tamanho da outra, de onde ele acabara de sair, e ali havia traços da criança da casa nas pinturas penduradas na porta da geladeira e nos chinelos acolchoados jogados em um canto. Como sempre fazia, Faith, primeiro, colocou a chaleira com água para esquentar e, depois, tirou o casaco. Ela pendurou-o em um gancho ao lado da porta e virou-se para pegar o agasalho dele. As mãos de Jason se fecharam sobre as dela.

— Você não me disse que Tom a abandonou. Faith sabia que não demoraria muito para que ele ouvisse a respeito, ou para que lhe perguntasse.

— Isso não é alguma coisa sobre a qual penso a respeito diariamente. Café?

Ela pendurou o casaco dele em um gancho, virou-se e encontrou-o bloqueando seu caminho.

— O que aconteceu, Faith?

— Nós cometemos um erro — disse ela com calma, com frieza até. Era um tom de voz no qual Jason nunca a ouvira falar.

— Mas havia Clara.

— Não! — A fúria surgiu rapidamente nos olhos dela e continuou ali, fervendo. — Deixe isso para lá, Jason. Estou falando sério. Clara é problema meu. Meu casamento e meu divórcio são problemas meus. Você não pode esperar voltar só agora e ter todas as respostas.

Eles ficaram parados por um instante, encarando-se em silêncio. Quando a chaleira apitou, Faith pareceu voltar a respirar.

— Se quer ajudar, pode descascar algumas batatas. Elas estão ali, na despensa.

Ela trabalha metodicamente, pensou ele irritado, enquanto Faith colocava o óleo para aquecer em uma frigideira e empanava o frango. O gênio dela não era nenhuma novidade para Jason. Já sentira seu peso antes, algumas vezes desviando-se dele, outras vezes batendo de frente. Mas ele também sabia como acalmá-la. Então, começou a falar sobre alguns lugares onde estivera, quase para si mesmo a princípio. Mas ao chegar no dia em que acordou com uma cobra enrolada perto de sua cabeça, quando acampava na América Central, ela riu.

— Não achei tão engraçado na época. Em cinco segundos eu estava fora da tenda, completamente nu. Meu fotógrafo conseguiu um rolo de fotos muito interessantes. Tive que pagar 50 dólares para conseguir os negativos.

— Estou certa de que elas valiam muito mais. Você não mencionou as cobras em suas séries sobre El Salvador.

— Não. — Interessado, ele deixou o descascador de legumes na mesa. — Você leu? Faith colocou o frango para fritar no óleo quente.

— É claro. Li todas as suas histórias. Jason levou as batatas até a pia para lavá-las.

— Todas?

Ela sorriu diante do tom, mas continuou de costas para ele.

— Não deixe seu ego falar por você, Jason. Esse sempre foi seu maior problema. Estimo que pelo menos 90 por cento das pessoas em Quiet Valley leram todas as suas histórias. Pode-se dizer que todos nós sentimos que apostamos em você. — Ela ajustou a chama do fogão. — Afinal de contas, ninguém mais por aqui já jantou na Casa Branca.

— A sopa estava rala.

Rindo, Faith colocou uma panela com água no fogo e jogou as batatas dentro.

— Pelo jeito, tudo tem mesmo um lado bom e outro ruim. Vi uma foto sua há uns dois anos. — Ela ajeitou a presilha do cabelo e sua voz se tornou mais suave. — Acho que foi tirada em Nova York, em algum glamouroso evento de caridade. Você estava com uma mulher seminua nos braços.

Jason balançava-se para a frente e para trás, nos calcanhares.

— Eu estava?

— Bem, ela não estava exatamente seminua — contemporizou Faith. — Acho que só me pareceu assim porque a mulher tinha muito mais cabelo do que roupa. Loura... muito loura se não me falha a memória. E deixe-me dizer... bem peituda.

Ele correu a língua pelos dentes.

— Encontra-se muita gente interessante no meu tipo de trabalho.

— Com certeza. — Com a eficiência nascida do hábito, ela virou o frango na frigideira. O óleo chiou. — Estou certa de que você acha isso muito estimulante.

— Não tão estimulante quanto nossa conversa.

— Se você não consegue aguentar o calor — ela murmurou.

- Acho que não consigo. Está escurecendo. Clara não deveria estar em casa?
- Ela está na casa vizinha. E sabe que tem que estar de volta às 17h30.

Mesmo assim, Jason foi até a janela e espiou a casa ao lado. Faith observou seu perfil. Era mais forte agora, mais duro. Ela imaginou que ele também estivesse assim, que precisara ficar assim. Quanto será que sobrara do rapaz que ela amara tão desesperadamente? Talvez essa fosse uma coisa que nenhum deles pudesse dizer ao certo.

– Pensei muito em você, Faith. – Embora estivesse de costas para ela, Faith quase pôde sentir as palavras roçando sua pele. – Mas pensava ainda mais nesta época do ano. Geralmente, eu conseguia bloqueá-la da minha mente quanto tinha trabalho para fazer, prazos apertados para cumprir, mas no Natal você não saía de minha cabeça. Lembro-me de todos os Natais que passamos juntos, do modo como você me arrastava pelas lojas. Aqueles poucos anos com você compensaram todas as vezes que eu era criança e acordava sem nada no Natal.

A antiga simpatia voltou.

– Seu pai não conseguia enfrentar as festas de fim de ano, Jason. Ele simplesmente não conseguia suportá-las sem sua mãe.

– Hoje eu entendo isso melhor. Depois de perder você. – Ele virou-se. Ela não o olhou, permaneceu curvada sobre o fogão. – Você também vem passando o Natal sozinha.

– Não, eu tenho Clara.

Ela se retraiu quando ele começou a andar em sua direção.

– Ninguém para encher as meias de presentes com você, ou para dividir os segredos sobre o que está embaixo da árvore de Natal.

– Eu dei um jeito. Você precisa mudar a vida para fazer as coisas do seu jeito.

– Sim. – Ele levantou o queixo dela com as mãos. – Estou começando a acreditar nisso.

A porta bateu. Clara entrou, molhada e radiante, e ficou pingando sobre o tapetinho junto à porta.

– Nós fizemos anjos de neve. Faith ergueu uma sobrancelha.

– Estou vendo. Bem, você tem 15 minutos para se livrar dessas roupas molhadas e sentar à mesa.

A menina lutou para sair de dentro do casaco.

- Posso ligar as luzes da árvore de Natal?
- Vá em frente.
- Vamos. – Clara pegou a mão de Jason. – É a melhor do quarto.

Tonta de emoção, Faith observou-os saírem juntos da cozinha.

Capítulo Cinco

F AITH AINDA ESTAVA tonta de emoção quando o jantar terminou. Ela sabia que a filha era sociável, uma criança aberta até demais algumas vezes, mas Clara se relacionou com Jason como faria com um antigo amigo há muito tempo perdido. Tagarelou com ele como se o conhecesse há anos.

Era tão óbvio, pensou Faith enquanto observava a filha empilhar os pratos. Nenhum deles percebeu. O que ela faria se percebesse? Não acreditava em mentiras, por mais que tenha se visto forçada a viver em uma.

Os dois prestaram pouca atenção em Faith, enquanto se instalavam com os livros de Clara. Com o estilo fácil e fluente que lhe era característico, Jason começou a contar à menina histórias sobre a África

— O deserto, as montanhas, a selva muito verde e densa, cheia das suas próprias formas de vida e de seus próprios perigos.

Ao ver os dois com as cabeças juntas observando uma foto no livro de Clara, Faith sentiu uma súbita onda de pânico.

— Vou até aqui ao lado — disse ela num impulso.

— Tenho um monte de trabalho acumulado.

— Hmm-hmm — dispensou-a Jason.

Faith prendeu uma risada até sua garganta doer. Pegando o casaco, ela escapou.

Elas eram mais do que brinquedos para Faith. Com certeza, eram muito mais do que um negócio. Para ela, as bonecas que enchiam sua loja eram um símbolo de juventude, de inocência, da fé em milagres. Ela quis abrir a loja logo depois do nascimento de Clara, mas Tom fora inflexivelmente contra. Como se sentia em débito com ele, ela não insistiu, assim

como não insistira com muitas outras coisas. Então, quando se vira sozinha, com uma criança para sustentar, abrir a loja lhe parecera a coisa mais natural a fazer.

Ela trabalhava longas horas ali, tentando aliviar um pouco do vazio que nem o amor pela filha conseguia preencher.

Em sua sala de trabalho, atrás da loja, havia prateleiras cheias de peças e partes de bonecas. Havia cabeças de porcelana, pernas de plástico e torsos. Em outra parte da sala ficavam as bonecas que ela chamava de doentes e feridas. Bonecas com braços quebrados ou com os corpos destruídos eram trazidas para que ela as consertasse. Embora Faith gostasse de vender e achasse a confecção das próprias bonecas um grande estímulo para sua criatividade, nada a satisfazia tanto quanto pegar um brinquedo quebrado, que era muito amado, e deixá-lo inteiro novamente. Ela ligou a luz e o rádio e começou a trabalhar.

Aquilo a acalmou. Conforme o tempo ia passando, sentia o nervosismo se esvaindo. Usando uma agulha de croché, um elástico, cola e com muita atenção e cuidado, ela recolocava membros quebrados. Com um pouco de tinta e paciência, trazia sorrisos de volta a bonecas sem rosto. Para algumas dava roupas novas ou arrumava os cabelos, enquanto outras precisavam apenas de agulha e linha manejadas por dedos talentosos.

Quando pegou para consertar uma boneca de pano que passara por grave problema, Faith estava cantarolando.

— Você vai consertar isso?

Pega de surpresa, ela quase espetou o dedo com a agulha. Jason estava parado no umbral da porta, as mãos nos bolsos, observando-a.

— Sim, é isso o que eu faço. Onde está Clara?

— Ela quase adormeceu sobre o livro. Coloquei-a na cama.

Faith começou a se levantar.

— Oh, bem, eu...

— Ela está dormindo, Faith, com uma bola verde peluda que chamou de Bernardo.

Decidida a relaxar, Faith sentou-se novamente.

— Sim, ele é o seu favorito. Clara não gosta muito de bonecas comuns.

— Como a mãe? — Interessado, ele começou a andar pela sala de trabalho. — Sempre pensei que quando um brinquedo quebrava ou ficava velho era jogado fora.

— Com muita frequência é assim mesmo. Sempre achei que isso demonstrava uma tremenda falta de apreço por alguma coisa que já foi fonte de tanto prazer.

Jason pegou uma cabeça de plástico macio, careca e lisa, que sorria para ele.

— Talvez você esteja certa, mas não vejo o que pode ser feito com essa pilha de trapos que está em sua mão.

— Muita coisa.

— Ainda acredita em magia, Faith?

Ela ergueu o olhar e pela primeira vez seu sorriso foi completamente aberto, seus olhos estavam afetuosos.

— Sim, é claro que acredito. Principalmente na época de Natal.

Jason foi incapaz de controlar o impulso de acariciar-lhe o rosto.

— Já disse antes que senti sua falta. Acho que não havia percebido quanto.

Faith sentiu o desejo tremular e uma ânsia antiga agitar-se dentro de si. Negou-se ambos e se concentrou na boneca.

— Agradeço sua ajuda com Clara, Jason. Não quero prendê-lo mais.

— Você se incomoda em ter alguém a observando trabalhar?

— Não. — Ela começou a substituir o enchimento. — As vezes, uma mãe preocupada fica aqui enquanto atendo a uma paciente.

Jason encostou o quadril na bancada.

— Fiquei imaginando um monte de coisas quando vinha para cá. Nunca imaginei isso.

— O quê?

— Que eu estaria aqui a observando fazer uma boneca de pano voltar à vida. Você pode não ter percebido, mas ela nem mesmo tem um rosto.

— Terá. Como está indo a tarefa de Clara?

— Ela precisa fazer a redação final.

Faith levantou os olhos do trabalho. Seus olhos se arregalaram com a piada.

— Clara?

— Ela teve a mesma reação. — Então, ele sorriu enquanto se reclinava sobre a bancada. A sala tinha o cheiro dela. Jason imaginou se Faith sabia disso. — Clara é uma criança brilhante, Faith.

— Às vezes até demais.

— Você tem sorte.

— Eu sei. — Com movimentos rápidos e experientes, ela colocou o enchimento no lugar.

— As crianças nos amam aconteça o que acontecer, não é?

— Não. — Ela olhou para ele novamente. — Você precisa conquistá-las. — Usando agulha e língua, Faith começou a reforçar a costura.

— Sabe, Clara mal estava se aguentando em pé, mas insistiu em parar na árvore para contar os presentes. Ela disse que estava com a sensação de que encontraria mais um.

— Receio que ela vá se desapontar. Sua lista parecia uma requisição militar. Precisei colocar um limite. — Baixando a agulha, Faith pegou o pincel. — Meus pais já a estragaram.

— Eles ainda vivem na cidade?

— Hmm, hmm. — Ela já captara a personalidade da boneca, enquanto trabalhava nela. Agora, começava a pintá-la. — Eles resmungam sobre ir para a Flórida de tempos em tempos, mas não sei se chegarão a ir. Por causa de Clara. Simplesmente a adoram. Precisa passar por lá para vê-los, Jason. Sabe que minha mãe sempre teve uma queda por você.

Ele examinou o vestido vermelho justo, menor do que sua mão.

— Seu pai, não. Ela riu.

— Ele apenas não confiava totalmente em você. — Ela lhe dirigiu um sorriso rápido e travesso. — Que pai confiaria?

— É, seu pai tinha uma boa razão. — Enquanto caminhava na direção de Faith, Jason viu a boneca que ela segurava. — Puxa vida! — Encantado, ele pegou-a e colocou-a sob a luz. O que antes fora uma pilha disforme de trapos transformara-se em uma boneca petulante e rechonchuda. Cílios exagerados se destacavam sobre os olhos arregalados. Os cachos haviam sido costurados de volta no lugar e caíam sobre os olhos de um modo provocante. Ela era macia, adorável e bela como uma pintura. Mesmo um homem adulto conseguia perceber Que aquela boneca faria uma menininha sorrir.

Faith sentiu um ridículo sentimento de realização ao vê-lo sorrir para seu trabalho.

— Você aprova?

— Estou impressionado. Por quanto você vende uma coisa como esta?

— Esta não é para vender. — Faith colocou a boneca de pano em uma caixa grande que estava no fundo da sala. — Há cerca de uma dúzia de garotinhas na cidade cujas famílias não podem se permitir fazer muitas despesas no Natal. Há meninos também, é claro, mas o Jake da loja de miudezas e eu fizemos um trato há alguns anos. Na noite de Natal, uma caixa é deixada na soleira da porta. As garotas ganham uma boneca e os meninos um caminhão, uma bola, ou alguma outra coisa.

Ele deveria ter imaginado. Aquilo era tão típico dela, tão parte do que Faith era.

— Papai Noel vive.

Ela virou-se e sorriu para ele.

— Em Quiet Valley, sim.

Foi o sorriso que provocou tudo. Era tão aberto, tão familiar! Jason cruzou a distância entre eles antes que qualquer um dos dois percebesse.

— E você? Ganha o que quer no Natal?

— Tenho tudo de que preciso.

— Tudo? — Ele emoldurou o rosto dela com as mãos. — Não era você a garota que costumava sonhar? Que sempre acreditou em desejos?

— Eu cresci. Jason, é melhor você ir agora.

— Não acredito nisso. Não acredito que parou de sonhar, Faith. Só de estar perto de você eu mesmo já comecei a sonhar de novo.

— Jason. — Ela pressionou as mãos contra o peito dele, sabendo que deveria parar o que nunca fora terminado. — Sabe que nem sempre podemos ter o que queremos. Você partirá em poucos dias. E pode seguir adiante e continuar a fazer uma centena de outras coisas, em uma centena de outros lugares.

— O que isso tem a ver com o presente? Estamos sempre no momento presente, Faith. — Jason passou as mãos pelos cabelos dela e a presilha se soltou. Os fios fartos e negros se espalharam pelos dedos dele. Ele sempre amara a textura daqueles cabelos, o perfume deles. — Você é a única — ele murmurou. — Sempre foi a única.

Ela fechou os olhos antes que ele pudesse puxá-la mais para perto.

— Você vai embora. Tenho que ficar aqui. Já fiquei parada observando-o partir antes. Acho que não conseguiria suportar passar por isso mais uma vez se o deixasse entrar em minha vida outra vez. Não consegue entender?

— Não sei. O que sei é que hoje quero você muito mais do que já quis. Não acho que vá conseguir me manter fora de sua vida, Faith. — Mas Jason recuou, pelo bem de ambos.

— Não por muito tempo. Você me disse antes que eu não tinha direito a todas as respostas. Talvez seja verdade. Mas preciso de ao menos uma.

Aquilo era um adiamento, um espaço para ela pensar. Faith deixou escapar um longo suspiro e assentiu.

— Está certo. Mas você promete que irá embora agora se eu lhe responder?

— Sim, irei. Você o amou?

Ela não podia mentir. Não estava nela. Então, fixou seus olhos diretamente nos dele e manteve o queixo erguido pela força do orgulho.

— Eu nunca amei ninguém a não ser você.

Tudo ficou aparente nos olhos dele — o triunfo e a fúria. Jason se inclinou para ela, mas Faith se afastou.

— Você disse que iria embora, Jason. Confiei em sua palavra.

Ela o pegara. E estava doendo.

— Você deveria ter confiado na minha palavra anos atrás. — Ele saiu cambaleando para a noite gelada.

Capítulo Seis

QUIET VALLEY ESTAVA agitada com a energia do Natal. De um alto-falante, colocado provisoriamente no telhado da loja de ferragens, músicas natalinas eram ouvidas. Um jovem empreendedor de uma fazenda vizinha conseguiu autorização para oferecer passeios de charrete para um lado e para outro da rua principal. As crianças, excitadas pelo fim das aulas e pela expectativa do Natal, gritavam e corriam por todos os cantos. O céu estava carregado de nuvens, mas a neve havia parado de cair.

Jason sentou-se ao balcão do restaurante e bebericou uma xícara de café enquanto escutava as fofocas da cidade. O assunto era que o filho mais velho dos Hennessy pegara catapora e passaria as festas se coçando. A loja de Carlotta estava vendendo árvores de Natal pela metade do preço e a loja de ferragens colocara as bicicletas em liquidação.

Dez anos antes, Jason teria achado aquelas conversas tolas. Agora continuou sentado, satisfeito, bebericando seu café e escutando. Talvez fosse isso o que estivesse faltando no romance que vinha tentando escrever há tanto tempo. Rodara o mundo todo, mas tudo sempre fora tão acelerado, tão urgente. Algumas vezes, tanto sua vida quanto a história que queria contar estiveram em perigo. A pessoa não pensa nisso quando está acontecendo. Não pode. Mas naquele momento, sentado no restaurante aquecido, com o cheiro de café e de bacon frito perfumando o ar, Jason podia olhar para trás.

Ele aceitara certas missões, uma grande maioria delas perigosa, porque não se preocupava. Já havia perdido a parte de si mesmo que valia a pena. Era verdade que ao longo dos anos construía alguma coisa, centímetro por centímetro, mas nunca se sentira completo — porque deixara o principal ali, onde crescera. Agora só precisava descobrir o que faria com essa constatação.

— Parece que eles servem qualquer um neste lugar.

Jason ergueu o olhar preguiçosamente e então começou a rir.

— Paul. Paul Tydings. — Ele sentiu sua mão ser agarrada por outras duas mãos enormes.

— Maldição, Jas, você está tão bonitão e magro como sempre.

Jason deu uma longa olhada em seu amigo mais antigo. O cabelo de Paul, grande e encaracolado, emoldurava um rosto cheio e vermelho, agora enfeitado com um enorme bigode. Sua compleição taurina lhe garantira de saída um lugar na linha ofensiva no futebol. Com o passar dos anos, aquela mesma silhueta engrossara a um ponto que era educadamente descrito como a silhueta de um homem bem-sucedido.

— Bem — Jason falou por fim. — Você também está com ótima aparência.

Com uma gargalhada estrondosa, Paul deu um tapa nas costas do amigo.

— Nunca esperei vê-lo de volta.

— Nem eu imaginei que o veria. Achei que você estava em Boston.

— E estava. Ganhei algum dinheiro, me casei.

— Está brincando! Há quanto tempo?

— Serão sete anos na próxima primavera. Cinco filhos.

Jason engasgou com o café.

— Cinco?

— Três e gêmeos. E quando trouxe minha esposa para conhecer a cidade há seis anos, ela se apaixonou. Eu tinha uma joalheria em Manchester, então abri uma aqui também. Acho que preciso agradecer a você por muitas dessas coisas.

— A mim? Por quê?

— Você estava sempre enchendo minha cabeça com ideias. Então, acabou partindo mesmo. Isso me fez pensar que eu também deveria tentar a sorte e sair para conhecer alguns lugares. Em um ano, mais ou menos, estava trabalhando nessa joalheria em Boston quando entrou a coisinha mais linda que eu já tinha visto na vida. Fiquei tão perturbado que nem peguei o cartão de crédito dela. Ela voltou no dia seguinte para me avisar e salvou meu emprego. E logo depois salvou minha vida casando-se comigo. E eu nunca a teria conhecido se não fosse por você falando sobre todos os lugares que havia para serem vistos.

— Paul assentiu quando seu café foi servido. — Imagino que já tenha visto Faith.

— Sim, já a vi.

— Dou um bom lucro a ela, já que três dos meus filhos são meninas e todas ainda pequenas. — Ele riu e colocou dois cubos de açúcar no café. — Ela ainda é tão bonita quanto era aos 16 anos, dançando nos salões da Prefeitura. Veio para ficar dessa vez, Jason?

Com meia risada, ele colocou o café frio de lado.

— Talvez.

— Você vai aparecer lá em casa para conhecer minha família, não vai? Estamos bem ao sul da cidade, numa casa de pedra de dois andares.

— Eu vi a casa quando passei de carro.

— Então, quando passar de novo, não deixe de entrar. Um homem não tem muitos amigos com quem possa relembrar os velhos tempos, Jason. Você sabe... — Ele olhou para o relógio — ... parece que Faith costuma fazer uma parada para o lanche mais ou menos a esta hora. Tenho que voltar. — Com um último tapa nas costas do amigo, Paul deixou-o no balcão.

Jason bebericou o café, meditando. Estivera afastado por dez anos, um tempo bem longo por qualquer padrão, e ainda assim todos com quem encontrava na cidade ainda viam a ele e a Faith como um casal. Parecia que era fácil apagar uma década. Fácil para todos, menos para ele e para Faith. Talvez pudesse apagar os anos, o tempo perdido, mas como ignorar o casamento dela e a filha que tivera?

Ainda a queria. Isso não mudara. Ainda estava magoado. Isso não melhorara. Mas como Faith se sentia? Na noite anterior ela lhe dissera que nunca amara outro homem. Será que isso significava que ainda o amava? Jason deixou uma nota no balcão e se levantou. Só havia uma maneira de descobrir. Ele ia perguntar a ela.

A Doll House estava cheia de crianças. Crianças barulhentas. Quando Jason entrou, os gritos e gargalhadas ricocheteavam pela loja. O teto estava cheio de balões de gás e o chão salpicado de migalhas de biscoito. Um grande castelo estava encostado ao batente da porta da sala de trabalho. Bem em frente a uma brilhante cortina branca havia uma marionete de Papai Noel e outra de um elfo vestido de verde. Com muita conversa e um esforço exagerado, eles enchiam de caixas coloridas um trenó dourado e brilhante. Por duas vezes o elfo caiu com a cara no chão enquanto tentava levantar uma caixa, fazendo com que as crianças dessem estrondosas gargalhadas. Depois de muita confusão, todos os presentes

foram arrumados no trenó. Soltando um "*Ho-ho-ko!*" que fez seu barrigão tremer, Papai Noel subiu no trenó. Com os sinos tocando, ele passou pelas cortinas e se foi.

Com um alarido de aplausos, uma série de marionetes voltou ao palco para saudar a plateia. Jason viu Mamãe Noel, dois elfos e uma rena com o típico nariz vermelho desfilarem pelo palco antes que Papai Noel aparecesse com um sonoro "*Feliz Natal!*". Quando

Faith entrou pelo castelo para também saudar a plateia, ele ainda não havia percebido que estava encostado na porta, rindo.

Mas ela o viu. Sentindo-se tola, Faith fez outra reverência, enquanto as crianças subiam no palco. Com a tranquilidade de uma professora de jardim de infância veterana, ela as guiou na direção do ponche e dos biscoitos.

— Impressionante — murmurou Jason no ouvido dela. — Lamento muito ter perdido a maior parte do show.

— Não foi nada demais. — Ela passou os dedos pelos cabelos. — Já venho fazendo isso há anos, sem muita variação. — Faith relanceou o olhar pelo grupo de crianças. — Mas elas parecem não se importar muito com a repetição.

— Eu diria que tudo isso tem importância. — Jason pegou a mão dela e levou-a aos lábios enquanto um grupo de meninas dava risadinhas. — E muita.

— Sra. Monroe — Um garotinho com o cabelo cor de cenoura e o rosto cheio de sardas puxou a calça dela. — Quando Papai Noel virá?

Faith agachou-se e alisou a cabeça do menino.

— Sabe, Bobby, ouvi dizer que ele está terrivelmente ocupado este ano.

O garotinho fez bico.

— Mas ele sempre vem.

— Bem, estou certa de que ele vai conseguir dar um jeito de deixar os presentes aqui.

Daqui a pouco vou até os fundos dar uma olhada.

— Mas preciso falar com ele. Aquele bico estava acabando com ela.

— Se ele não conseguir chegar a tempo, você pode me dar uma carta que eu me certifico de que ele a receba.

— Problemas? — murmurou Jason quando ela ficou em pé novamente.

— Jake sempre se veste de Papai Noel depois do show de marionetes. Nós distribuimos umas coisinhas, nada demais, mas as crianças contam com isso.

— Jake não pôde vir este ano?

— Ele pegou catapora do filho dos Hennessy.

— Entendo. — Ele não celebrara o Natal por anos, desde que... desde que deixara Faith. — Eu farei — disse ele, surpreendendo a si mesmo.

— Você?

Alguma coisa na expressão dela fez com que ele se sentisse ainda mais determinado a ser o melhor Papai Noel desde o original.

— Sim, eu. Onde está a roupa?

— No quartinho dos fundos, mas...

— Espero que tenha se lembrado dos travesseiros — disse ele, antes de sair disfarçadamente.

Ela não acreditou que ele conseguiria. Na verdade, cinco minutos depois que Jason saiu Faith já estava certa de que ele mudara totalmente de ideia e aproveitara a porta dos fundos para ir embora. Ninguém, incluindo o grupo de crianças com a boca cheia de biscoitos, ficou mais encantado do que ela quando Papai Noel entrou pela porta da frente com um saco nas costas.

Ele só conseguiu pronunciar um estrondoso "*Feliz Natal!*" antes de ser cercado. Estupefata demais para se mover, Faith observou as crianças pularem e agarrarem.

— O Papai Noel precisa de uma cadeira. — Jason lançou-lhe um olhar intenso, que a fez engolir com dificuldade antes que seus pés conseguissem se mover.

Indo rapidamente até o quartinho dos fundos, Faith trouxe uma cadeira de encosto alto e colocou-a no meio da loja.

— Agora, todos em fila — disse ela, reunindo as crianças. — Todos terão sua vez. — Faith pegou um pote cheio de bengalas de açúcar e colocou-o numa mesa ao lado da cadeira. Uma por uma, as crianças subiram no colo de Jason. Faith não precisou se preocupar. Ela precisara ensinar a Jake quais as respostas certas que deveriam ser dadas, e, mais importante do que isso, precisara alertá-lo para não fazer promessas e se arriscar a desapontar as crianças depois. Mas, após o terceiro da fila descer do colo de Papai Noel, Faith relaxou. Jason era maravilhoso.

E estava se divertindo muito. Ele se propusera a fazer aquilo apenas para ajudá-la, talvez para impressioná-la um pouco também, mas conseguira muito mais. Nunca antes tivera uma criança sentada em seu colo olhando-o com a mais completa crença e o mais absoluto amor. Jason ouviu seus desejos, suas confissões e reclamações. Cada uma recebeu autorização para enfiar a mão no saco que Papai Noel carregava e pegar um presente.

Ele foi abraçado, beijado com bocas meladas e apalpado. Um garoto especialmente ousado deu um bom puxão em sua barba antes que Jason conseguisse distraí-lo. Felizes, as crianças começaram a deixar a loja, com seus pais ou em grupos.

— Você foi o máximo. — Faith virou a placa da porta depois que a última criança saiu, para dar a si mesma uma chance de recuperar o fôlego.

— Quer sentar no meu colo? Ela riu e caminhou até ele.

— Estou falando sério, Jason, você foi mesmo o máximo. Não posso lhe dizer o quanto fico agradecida.

— Então me mostre. — Ele puxou-a para seu colo e ela afundou nos travesseiros. Faith riu novamente e beijou o nariz dele.

— Sempre fui louca por homens em roupas vermelhas. Queria que Clara estivesse aqui.

— Por que ela não estava?

Com um pequeno suspiro, Faith se permitiu relaxar de encontro ao corpo dele.

— Ela está muito velha para isso agora... pelo menos é o que me diz. Então, foi fazer compras com Marcie.

— Nove anos já é muito velha?

Ela não respondeu por um longo minuto e, então, encolheu os ombros.

— As crianças crescem rápido. — E virou a cabeça para olhar para ele. — Você fez muitas delas felizes hoje.

— Eu queria fazê-la feliz. — Jason ergueu a mão e acariciou-lhe o cabelo. — Houve um tempo em que eu conseguia.

— Você já desejou que pudéssemos voltar no tempo? — Satisfeita, ela se aninhou nos braços dele. — Quando éramos adolescentes, tudo parecia tão simples. Então, você fecha os olhos por um minuto e já é adulto. Oh, Jason, eu queria que você me levasse

embora, me carregasse para um castelo, para o topo de uma montanha! Eu estava entregue ao romance.

Ele continuou a acariciar os cabelos dela enquanto permaneciam sentados, cercados por bonecas e pelo eco das risadas das crianças.

— E eu não fui muito romântico, não é?

— Você tinha seus pés no chão e eu tinha minha cabeça nas nuvens.

— E agora?

— Agora, tenho uma filha para criar. Às vezes, é aterrorizante perceber que somos responsáveis por outra vida. Você...? — Ela hesitou, sabendo que o terreno era perigoso. — Você já desejou ter filhos?

— Nunca pensei sobre isso. Às vezes, preciso ir a lugares onde já é bastante difícil ser responsável pela minha própria vida.

Faith pensara a respeito — na verdade, tivera pesadelos com isso.

— Isso ainda o instiga.

Jason pensou em algumas das coisas que vira: a crueldade, a miséria.

— Isso parou de me instigar há muito tempo. Mas sou bom no que faço.

— Acho que eu sempre soube que seria, Jason. — Ela ergueu o corpo novamente, assim seus olhos ficaram na altura dos dele. — Estou feliz que tenha voltado.

Faith descansou o rosto na mão dele e os dedos de Jason acariciaram sua pele.

— Você teve que esperar até que estivesse estofado como uma morsa para me dizer isso.

Com uma risada, ela passou os braços ao redor do pescoço dele.

— Parece que essa é a hora mais segura.

— Não aposte nisso. — Ele pressionou os lábios contra os dela e sentiu-a tremer. — O que é tão engraçado mesmo?

Sufocando o riso, Faith recuou.

— Oh, nada, nada mesmo. Sempre sonhei em ser beijada por um homem de barba, usando um gorro vermelho e sinos. Preciso limpar essa bagunça.

Quando ela se levantou, ele também ficou de pé.

— O momento teria mesmo que terminar, mais cedo ou mais tarde. — Ela não disse nada, enquanto pegava pedaços de papel colorido. Jason pegou o saco de Papai Noel e deu uma olhada dentro. — Há mais uma caixa aqui.

— É para Luke Hennessy. Catapora.

Ele olhou para a caixa e novamente para Faith. Os cabelos estavam caídos sobre o seu rosto enquanto ela arrancava uma bengala de açúcar grudada no carpete.

— Onde ele mora?

Ainda segurando o doce, ela se levantou. Alguns poderiam dizer que ele parecia tolo, com enchimentos, do peito aos quadris, enrolado em uma roupa vermelha e com o rosto meio oculto por uma barba branca encaracolada. Mas Faith achava que Jason nunca parecera mais maravilhoso. Ela foi até ele e puxou a barba postiça para baixo do queixo. Seus braços o envolveram, sua boca encontrou a dele.

O beijo de Faith era tão quente quanto sempre fora, cheio de esperança e de uma bondade simples. O desejo percorreu o corpo de Jason de cima a baixo e acomodou-se em um doce contentamento.

— Obrigada. — Ela beijou-o novamente de um jeito amigo. — Ele mora na esquina da Elm com Sweetbriar.

Jason esperou um momento até estar se sentindo no controle novamente.

— Posso tomar uma xícara de café quando voltar?

— Sim. — Ela ajeitou a barba novamente. — Vou estar na porta ao lado.

Capítulo Sete

JASON PRECISAVA ADMITIR que fora um prazer passear pela cidade vestido daquele jeito. As crianças aglomeravam-se em torno dele. Os adultos chamavam e acenavam. Ele distribuiu uma quantidade incontável de biscoitos. A maior satisfação foi ver a surpresa no rosto do menino dos Hennessy. Chegou a superar os olhos arregalados da mãe dele quando abriu a porta para o Papai Noel.

Jason ainda demorou um pouco mais na volta, passeando pela praça. Era estranho, descobriu, como era fácil adotar a personalidade proporcionada por um conjunto de roupas. Ele se sentia... bem, benevolente.

Se qualquer pessoa com quem já tivesse trabalhado o visse agora, cairia dura na neve. Jason Law tinha a reputação de ser impaciente, brutalmente franco e de temperamento difícil. Não ganhara o Pulitzer por ser benevolente. Mesmo assim, de alguma maneira, naquele momento, ele se sentia mais satisfeito usando aquela barba sintética e os sinos comprados em lojas baratas do que jamais se sentira com todos os prêmios que já ganhara.

Ele vinha fazendo "*Ho-ho!*" em seu caminho de volta quando Clara saiu da loja de miudezas. Ela e a moreninha ao seu lado explodiram em estrondosas gargalhadas.

— Mas você é...

Bastou Jason estreitar os olhos para que ela entendesse. Clara interrompeu o que ia dizer, pigarreou e estendeu a mão.

— Como vai, Papai Noel?

— Estou muito bem, Clara.

— Não é Jake — Marcie informou a Clara. Ela chegou mais perto para tentar reconhecer o rosto por trás da barba branca.

Satisfeito consigo mesmo, Jason piscou o olho para ela.

– Olá, Marcie.

Os olhos da menina morena se arregalaram.

– Como ele sabe meu nome? – ela sussurrou para a amiga.

Clara cobriu a boca com a mão para disfarçar outra risada.

– Papai Noel sabe tudo, não é Papai Noel?

– Tenho minhas fontes.

– Papai Noel não existe. – Mas a sofisticação adulta de Marcie começava a vacilar.

Jason inclinou-se e deu um peteleco no pompom no alto do gorro da menina.

– Em Quiet Valley existe – ele lhe disse, e quase acreditou em si mesmo. Jason percebeu o exato momento em que Marcie parou de tentar ver o que havia por trás da barba e aceitou a magia. Decidido a não abusar da sorte, ele continuou a descer a rua.

Não era fácil para um homem gordo em uma roupa vermelha entrar discretamente por uma porta, mas Jason tinha alguma experiência. Quando finalmente se viu no quartinho dos fundos da loja de Faith, apressou-se em tirar as roupas de Papai Noel. E quis fazer tudo de novo. Enquanto vestia suas próprias calças de tamanho bem menor, ele percebeu que há anos não se divertia tanto. E parte do prazer fora ver a expressão nos olhos de Faith, o modo como ela se aconchegara a ele, mesmo que brevemente. E a outra parte fora o simples ato de proporcionar prazer. Quando fora a última vez em que fizera alguma coisa sem um interesse próprio? Em uma missão era necessário negociar o tempo todo. Você me dá isso, eu lhe dou aquilo. Jason precisou se endurecer contra a simpatia e contra a compaixão, para conseguir descobrir a verdade e informá-la. Se o seu estilo tinha arestas mais duras, era porque ele sempre estivera atrás de histórias que exigiam esse comportamento. E isso o ajudara a esquecer. Mas agora que viera para casa era impossível não lembrar.

Que tipo de homem ele era realmente? Não tinha mais certeza, só o que sabia é que havia uma única mulher que era dona do seu destino. Jason deixou a roupa no armário e foi encontrá-la.

Faith aguardava por ele. Aliás, estava pronta a admitir que estivera esperando por ele nos últimos dez anos. Durante o resto da tarde ela tomara suas próprias decisões. Obtivera sucesso em sua vida. Embora o caminho nem sempre tivesse sido fácil, estava sa-

tisfeita. A confiança em si mesma viera com os anos e ela sabia que poderia continuar sozinha. Era hora de parar de ter medo de como seria sua vida quando Jason partisse novamente, e de aceitar o presente que lhe estava sendo oferecido. Ele estava ali agora, e ela o amava.

Quando Jason entrou na casa, encontrou-a enrodilhada em uma cadeira, perto da árvore de Natal, com o queixo apoiado no braço. Ela esperou que ele se aproximasse.

— Às vezes, à noite, eu me sento assim, aqui. Quando Clara já está dormindo lá em cima e a casa está tranquila. Então, penso sobre pequenas coisas, sobre coisas enormes, exatamente como fazia quando era criança. As luzes piscando, o cheiro gostoso da árvore. Pode-se ir a qualquer lugar, apenas sentada assim.

Ele levantou-a, sentiu sua rendição, então se acomodou na cadeira com Faith em seu colo.

— Me lembro de sentar assim com você, na noite de Natal, na casa dos seus pais. Seu pai resmungava por causa disso.

Ela aninhou-se mais a ele. Não havia nenhum enchimento agora, apenas o corpo esguio que ela conhecia tão bem.

— Minha mãe o arrastava para a cozinha para que pudéssemos ficar sozinhos por um tempo. Ela sabia que você não tinha uma árvore de Natal em casa.

— Nem árvore, nem mais nada.

— Ainda não perguntei onde você mora agora, Jason, se encontrou um lugar que o deixa feliz.

— Eu me mudo muito. Tenho uma base em Nova York.

— Uma base?

— Um apartamento.

— Isso não soa como um lar — murmurou ela. — Você coloca uma árvore de Natal na janela, em dezembro?

— Acho que fiz isso uma ou duas vezes quando estava na cidade.

Isso partiu o coração de Faith, mas ela não disse nada.

— Minha mãe sempre disse que você trazia a paixão pela viagem no sangue. Algumas pessoas nascem assim.

— Eu precisava me provar, Faith.

— Se provar para quem?

— Para mim mesmo. — Ele apoiou o queixo no alto da cabeça dela. — E, droga, para você.

Ela inspirou o aroma do pinheiro, enquanto as luzes dançavam na árvore. Eles já haviam se sentado daquele jeito antes, muito tempo atrás. As lembranças eram quase tão doces quanto a realidade.

— Nunca precisei que você me provasse nada, Jason.

— Talvez esse fosse um dos motivos pelos quais eu precisava fazê-lo. Você era boa demais para mim.

— Isso é ridículo. — Ela teria se levantado se ele não tivesse impedido, segurando-a ainda mais apertadamente.

— Você era, e ainda é. — Os dois ficaram olhando fixamente para a árvore. Os enfeites cintilavam por causa das luzes, como a magia que ele sempre quisera dar a ela. — Talvez tenha sido por isso que precisei partir... e talvez seja por isso que voltei. Você é tudo o que há de melhor, Faith. Simplesmente estar com você faz com que o que há de melhor em mim também venha à tona. E Deus sabe que não é muita coisa.

— Você sempre foi muito duro consigo mesmo. Não gosto disso. — Dessa vez ela se levantou, colocou as mãos nos ombros dele e fitou-o diretamente nos olhos. — Eu me apaixonei por você. E havia razões para isso. Você era bom mesmo quando fingia não ser. Você queria ser visto como agressivo e encenqueiro porque se sentia mais seguro desse jeito.

Ele sorriu e correu o dedo pelo rosto dela.

— Eu era um encenqueiro.

— Talvez eu gostasse disso, também. Você não aceitava as coisas calado, não tinha medo de perguntar.

— Quase fui expulso da escola duas vezes porque perguntava demais.

A antiga raiva se agitou dentro dela. Será que ninguém o entendera a não ser ela? Ninguém fora capaz de ver que por dentro ele estava se esforçando e lutando?

— Você era mais inteligente do que qualquer um. E Provou isso, se era o que precisava fazer.

— Você passava muito tempo me defendendo, não é mesmo?

— Eu acreditava em você. E o amava.

Jason segurou o rosto dela entre as mãos, repetindo um gesto antigo que derreteu seu coração.

— E agora?

Faith tinha muito a dizer e não encontrava a maneira certa de fazê-lo.

— Lembra-se daquela noite em junho, depois do meu baile de formatura? Nós fomos de carro para fora da cidade. A lua estava cheia e o ar tinha o cheiro doce do verão.

— Você usava um vestido azul que fazia seus olhos parecerem safiras. Estava tão linda que fiquei até com medo de tocá-la.

— Então, eu seduzi você.

Ela parecia tão cheia de si que ele riu.

— Não seduziu, não.

— Claro que seduzi. Você nunca teria feito amor comigo. — Ela encostou seus lábios nos dele. — Terei que seduzi-lo de novo?

— Faith...

— Clara vai jantar com Marcie, na casa ao lado. Ela vai passar a noite com a amiga. Venha para a cama comigo, Jason.

A voz baixa de Faith pareceu percorrer toda a pele dele. O toque da mão dela em seu rosto queimava como fogo. Mas, misturado ao desejo que sentia por ela, estava um amor que nunca envelhecera.

— Você sabe que a desejo, Faith, mas não somos mais crianças.

— Não somos crianças. — Ela virou o rosto para pressionar os lábios contra a palma da mão dele. — E eu o desejo. Sem promessas, sem perguntas. Ame-me do jeito que me amou naquela linda noite que tivemos juntos. — Levantando-se, ela esticou as mãos para ele. — Quero alguma coisa para guardar pelos próximos dez anos.

Eles subiram as escadas de mãos dadas. Jason afastou da cabeça qualquer pensamento sobre o outro homem que ela havia escolhido, sobre a outra vida que ela vivera. Ele também bloquearia dez anos de perda e receberia o que lhe estava sendo oferecido.

A noite caía cedo no inverno, por isso a luz era fraca. Em silêncio, ela acendeu velas que afastaram as sombras e envolveram o quarto numa luminosidade dourada. Faith sorria

quando se virou para Jason, com a confiança e sabedoria de uma mulher refletidas nos olhos. Sem dizer nada, foi até ele, beijou-o e lhe ofereceu tudo o que tinha.

Os dedos de Faith estavam firmes quando ela começou a desabotoar a camisa de Jason. Já os dele tremiam quando começou a desabotoar-lhe a blusa.

Murmurando, ela esperou pelo contato daquela mão sobre a pele e logo suspirou ao sentir a absoluta glória desse toque. Eles se despiram lentamente, sem hesitações, mas com o tranquilo entendimento de que cada momento, cada instante, deveria ser apreciado.

Quando Jason a viu, tão delgada e adorável, tão inexplicavelmente inocente como na primeira vez, sentiu-se tonto de necessidades, dúvidas e desejos. Mas, então, ela deu um passo em sua direção, pressionou seu corpo contra o dele e todas as suas dúvidas se dissolveram. Faith estava mais forte do que antes. Ele podia sentir isso, não no corpo, mas no espírito. Talvez ela tivesse mudado, mas os anseios que varriam o corpo de Jason eram os mesmos daquele menino do passado, prestes a virar homem. Os dois caíram na cama, tão imprudentes quanto as crianças que um dia haviam sido.

Mas eles não repetiram a experiência. Tudo era tão novo e loucamente excitante quanto da primeira vez. Mas agora eram homem e mulher, mais exigentes, mais famintos. Faith o puxou mais para perto, correndo as mãos sobre o corpo dele com uma urgência recém-descoberta, com uma excitação renovada. Ela esperara muito, demais, e não podia esperar nem mais um instante.

Mas Jason tomou-lhe a mão, levou-a aos lábios e acalmou-lhe a respiração alterada com a boca.

— Eu mal sabia o que fazer com você da primeira vez. — Gentilmente, ele acariciou o pescoço dela com o nariz, até que Faith gemesse em expectativa frenética. Levantando a cabeça, ele sorriu para ela. — Agora sei.

E ele a levou a lugares onde ela nunca estivera. E mais alto, cada vez mais alto. Então, repentinamente, mergulharam juntos num lugar onde o ar era denso e escuro. Presa nesse redemoinho, Faith se agarrou com força a Jason. Ela queria se entregar, mas ele a deixara fraca. Macios, delicados, ágeis, os dedos dele a acariciaram até seu corpo estremecer. Jason bebeu em seu suspiro com os lábios subitamente ansiosos, brutalmente exigentes. Então, pacientemente, acalmou-a mais uma vez. Faith sentia as sensações cres-

cerem por seu corpo, não deixando lugar para nenhum pensamento, ou para a razão, ou mesmo para as lembranças.

Quando chegaram juntos ao clímax, aquele momento foi tudo para ambos. O tempo não recuou, prendeu-os e segurou-os juntos no momento presente.

Jason a manteve firmemente segura em seus braços, e eles ficaram em silêncio. Com os olhos fechados, Faith absorvia a perfeição do momento. Ela adorara, e naquele instante nada mais importava. Para ele, tanto o êxtase quanto a satisfação eram perturbados por dúvidas. Ela era tão verdadeira, tão livre em relação ao que sentia... E o amava! Ele não precisava de palavras para saber disso, nunca precisara. Mas a lealdade que ele sempre vira como parte intrínseca de Faith fora quebrada. Como ele poderia ficar tranquilo se não soubesse o motivo?

— Preciso saber por que perdemos dez anos, Faith. — Quando ela não disse nada, ele virou seu rosto para que o encarasse. Os olhos de Faith brilhavam na penumbra, mas as lágrimas não caíram. — Agora, mais do que nunca, preciso saber.

— Sem perguntas, Jason. Não esta noite.

— Já esperei demais. Nós já esperamos demais.

Com um longo suspiro, ela se sentou, puxou os joelhos de encontro ao peito e passou o braço ao redor deles. Seu cabelo cascadeou por suas costas. Jason não conseguiu resistir a pegar um punhado deles nas mãos. Ela fora dele uma vez, completamente. Ninguém nunca a havia tocado como ele a tocara. Ele sabia que tinha de aceitar seu casamento, e aceitar que sua filha era de outro homem. Mas, primeiro, precisava entender por que ela se voltara para outro homem tão pouco tempo depois de ele partir.

— Me dê alguma coisa, Faith. Qualquer coisa.

— Nós nos amávamos, Jason, mas queríamos coisas diferentes. — Ela virou a cabeça para fitá-lo. — Se você tivesse deixado, eu teria ido a qualquer lugar com você. Deixaria minha casa, minha família, e nunca olharia para trás. Mas você precisava ir embora sozinho.

— Eu não tinha nada para lhe dar — começou ele. Faith o deteve com um olhar.

— Você nunca me deu a oportunidade de escolher. Jason foi até ela mais uma vez.

— E se eu lhe der essa oportunidade agora? Faith fechou os olhos e deixou sua testa encostar-se à dele.

— Agora eu tenho uma filha, e ela tem um lar, do qual não posso privá-la. O que eu quero não vem mais em primeiro lugar. — Ela se afastou o bastante para conseguir encará-lo. — O que eu quero não pode mais vir em primeiro lugar. Antes, não achava que você realmente partiria. Dessa vez, sei que partirá. Vamos apenas aproveitar o que temos, dar um ao outro esse único Natal. Por favor.

Ela cobriu a boca de Jason com a sua e todas as perguntas foram deixadas para depois.

Capítulo Oito

A NOITE DE NATAL era mágica. Faith sempre acreditara nisso. Quando acordou com Jason ao seu lado, achou que aquilo ia além da magia. Por um instante, simplesmente permaneceu deitada, observando-o dormir. Sonhara com isso antes, quando era menina, e depois já mulher, mas agora não precisava de sonhos. Ele estava ali, ao lado dela, quente, tranquilo, e do lado de fora, naquele início de manhã, a neve caía. Com cuidado para não acordá-lo, Faith saiu da cama.

Quando rolou na cama, Jason sentiu o cheiro, o aroma de primavera que ela deixara na fronha. Por alguns minutos, ficou deitado naquela posição, permitindo que o cheiro invadissem seus sentidos. Satisfeito, virou de costas e observou o quarto que não conseguira ver direito no escuro da noite anterior.

As paredes eram cobertas por um papel marfim, com pequenos buquês de violeta espalhados. Românticas cortinas de babado protegiam as janelas. Em um canto havia uma antiga escrivaninha de pau-rosa com uma confusão de frascos e caixas. Sobre a penteadeira estava um antiquado conjunto de escova e pente de prata. Jason observou a neve cair e sentiu o aroma do *potpourri* sobre a mesinha de cabeceira ao lado da cama. O quarto era exatamente como ela — encantador, fresco, e muito, muito feminino. Um homem podia relaxar ali, mesmo sabendo que iria achar meias finas penduradas sobre uma cadeira ou uma blusa misturada com suas camisetas. Ele podia relaxar ali. E não a deixaria escapar novamente.

Jason sentiu o cheiro de café antes de chegar à metade da escada. Faith colocara canções de Natal para tocar e estava fritando bacon. Ele não sabia que era tão bom apenas poder entrar em uma cozinha e encontrar sua mulher preparando seu café da manhã.

— Então, você já está de pé. — Ela estava enrolada dos pés à cabeça em um radiante roupão de flanela. Jason sentiu o desejo apertar os músculos do seu estômago. — Tem café pronto.

— Estou sentindo o cheiro. — Ele foi até ela. — E pude sentir seu cheiro assim que acordei.

Faith apoiou a cabeça no ombro dele, tentando não pensar que esse era o jeito como as coisas deveriam ter sido se eles...

— Parecia que você iria dormir por horas. Que bom que isso não aconteceu, ou o bacon teria esfriado.

— Se você tivesse ficado na cama por mais alguns minutos poderíamos...

— Mamãe! Mamãe! Está nevando! — Clara precipitou-se pela porta e começou a dançar pela cozinha. — Esta noite vamos cantar músicas de Natal durante o passeio de carroça e haverá neve por toda parte! — Ela parou diante de Jason e sorriu. — Oi!

— Oi para você também.

— Eu e mamãe vamos fazer um boneco de neve. Ela diz que os bonecos de neve de Natal são os melhores. Você pode ajudar.

Faith não sabia qual seria a reação de Clara ao encontrar Jason na mesa do café da manhã. Agora, balançou a cabeça e começou a bater os ovos. Deveria ter imaginado que Clara estaria disposta a aceitar qualquer pessoa de quem ela decidisse gostar.

— Você precisa comer alguma coisa no café da manhã.

Clara puxou a cordinha que havia embaixo do broche de Papai Noel preso em sua roupa e o nariz dele acendeu. Isso sempre a deixava animada.

— Eu comi cereal na casa de Marcie.

— Você agradeceu à mãe dela por tomar conta de você?

— Sim. — Ela pensou por um instante. — Acho que sim. De qualquer modo, vamos fazer dois bonecos e faremos um casamento e tudo mais. Marcie quer um casamento — acrescentou ela para Jason.

— Clara preferiria uma guerra.

— Acho que podemos ter a guerra depois. Talvez a gente pudesse tomar chocolate quente antes. — Ela olhou para o pote de biscoitos e calculou suas chances. Poucas.

— Vou cuidar disso. E você pode pegar um biscoito depois do boneco de neve — disse Faith à filha sem nem se virar. — Pendure suas coisas na porta.

Enquanto tirava o casaco, Clara tagarelava com Jason.

— Você não vai voltar para a África, não é? Acho que a África não deve ser muito divertida no Natal. A mãe da Mareie disse que provavelmente você irá para algum outro lugar mais elegante.

— Eu devo ir a Hong Kong daqui a algumas semanas. — Ele relanceou o olhar para Faith, que não se virou. — Mas ficarei por aqui no Natal.

— Você tem uma árvore no seu quarto?

— Não.

Clara encarou Jason com os olhos arregalados.

— Bem, mas então onde você coloca seus presentes? Não é Natal se não temos uma árvore, não é mesmo, mamãe?

Faith pensou nos anos em que Jason crescera sem uma árvore. E lembrou-se do esforço que ele fazia para fingir que não se importava.

— Uma árvore é apenas uma forma de mostrar para as outras pessoas que é Natal.

Sem parecer muito convencida, Clara se jogou em uma cadeira.

— Bem, talvez.

— Ela costumava me dizer a mesma coisa — disse Jason a Clara. — De qualquer forma, não acho que o Sr. Beantree iria gostar se eu deixasse agulhas de pinheiros espalhadas pelo chão do meu quarto.

— Nós temos uma árvore, então você pode vir para nosso almoço de Natal — declarou Clara. — Mamãe faz um peru enorme e vovô e vovó vêm para cá. Vovó traz tortas e podemos comer até enjoar.

— Parece ótimo. — Divertido, ele observou Faith servir os ovos. — Eu já estive no almoço de Natal com seus avós algumas vezes.

— E mesmo? — Interessada, Clara analisou-o. — Acho que ouvi em algum lugar que você foi namorado de mamãe. Por que não se casaram?

— Aqui está seu chocolate quente, Clara. — Faith colocou a xícara na frente da filha.

— É melhor você se apressar, Marcie está esperando.

— Você não vem?

— Daqui a pouco. — Grata por a filha ter se distraído rapidamente, ela colocou uma travessa com bacon e ovos na mesa. E sentou-se, ignorando a sobrancelha erguida e o olhar divertido de Jason.

- Precisamos de cenouras, cachecóis e outras coisas.
- Eu cuidarei de tudo. Rindo, Clara bebeu o chocolate.
- E chapéus?
- E chapéus.

Uma bola de neve atingiu a janela da cozinha. Clara levantou rápida como um raio.

- Aí está ela. Preciso ir. Venha logo, mamãe, você é quem faz os melhores bonecos.
- Assim que eu estiver vestida. Não se esqueça de fechar o botão de cima do casaco.

Clara hesitou na porta dos fundos.

– Eu tenho uma árvore pequena, de plástico, no meu quarto. Pode ficar com ela, se quiser.

Comovido, Jason ficou olhando para ela. Exatamente como a mãe, pensou, e apaixonou-se pela segunda vez.

- Obrigado.
- Sem problema. Tchau!
- Ela é uma criança incrível – comentou Jason quando a menina saiu, batendo a porta.

- Eu gosto dela.
- Vou lá fora dar uma ajuda a Clara com o boneco de neve.
- Você não precisa fazer isso, Jason.

– Eu quero fazer. E depois vou sair para resolver algumas coisas. – Ele consultou o relógio. Não havia muito tempo a perder, logo seria noite de Natal. Quando um homem ganhava uma segunda chance, não era inteligente perder tempo. – Posso conseguir um convite para esta noite?

Faith sorriu enquanto brincava com a comida no prato.

- Você nunca precisou de convite.
- Não cozinhe, eu trarei alguma coisa.
- Está tudo bem, eu...

– Não cozinhe – repetiu ele, levantando-se. Jason inclinou-se para beijá-la e se demorou fazendo isso. – Eu voltarei.

Ele pegou o casaco do gancho em que estava pendurado, ao lado do de Clara. Quando Jason partiu,

Faith baixou o olhar para a torrada que esfarelara com as mãos. Hong Kong! Ao menos dessa vez ela sabia para onde ele estava indo.

As pessoas da neve no quintal ao lado riam enquanto ele pelejava para passar. Equilibrando com dificuldade os pacotes que trazia, Jason bateu na porta dos fundos com a ponta da bota. A neve continuava a cair com força.

— Jason. — Faith ficou sem fala enquanto ele cambaleava para dentro.

— Onde está Clara?

— Clara? — Ainda encarando-o, ela jogou o cabelo para trás. — Ela está lá em cima, se aprontando para o passeio de carroça.

— Ótimo. Pegue a caixa que está no topo.

— Jason, pelo amor de Deus, o que é tudo isso?

— Apenas pegue a embalagem que está no topo, a menos que você queira pizza espalhada pelo chão.

— Está certo, mas... — Diante da enorme caixa que ele trazia nos braços, Faith riu. — Jason, o que você fez?

— Espere um minuto.

Ainda segurando a caixa de pizza, ela observou-o arrastar a caixa enorme para a sala de estar.

— Jason, o que é isso?

— É um presente. — Ele começou a puxar o pacote para baixo da árvore, mas percebeu que não havia espaço. Então, rearrumou um pouco as coisas e conseguiu apoiá-lo na parede ao lado da árvore. Jason estava rindo quando se virou para ela. Não conseguia se lembrar de já ter se sentido mais alegre na vida.

— Feliz Natal.

— O mesmo para você. Jason, que caixa é essa?

— Droga, está frio lá fora. — Ele na verdade estava esfregando as mãos de satisfação, nem reparara no vento cortante. — Tem café?

— Jason.

— É para Clara. — Ele descobriu que o fato de sentir-se um pouco tolo não ofuscava em nada seu entusiasmo.

— Você não precisava comprar um presente para ela — começou Faith, mas sua curiosidade acabou levando a melhor. — O que é isso?

— Isso? — Jason deu pancadinhas de leve na caixa de 1,80m de altura. — Oh, não é nada.

— Se não me disser, não vou lhe dar café. — Ela sorriu. — E vou ficar com a pizza.

— Desmancha-prazeres. É um tobogã. — Ele segurou o braço de Faith e guiou-a para fora da sala.

— Por um acaso, quando estávamos fazendo o boneco de neve, ela mencionou que alguma outra criança tinha esse tobogã e que descia a Red Hill rápida como um avião Spitfire de guerra.

— Spitfire — murmurou Faith.

— E uma neve como essa é feita para descer a Red Hill como um Spitfire, portanto...

— Bobo — acusou Faith e beijou-o com vontade.

— Abaixei esta pizza e me chame de bobo novamente.

Ela riu e manteve a pizza entre eles.

— Uau!

Faith ergueu uma sobrancelha quando ouviu um barulho na sala da frente.

— Acho que ela viu a caixa.

Rápida como um raio, Clara entrou correndo na cozinha.

— Vocês viram? Eu sabia que haveria mais um, eu sabia! É dá sua altura — ela disse a Jason. — Você viu? — Ela agarrou a mão dele para arrastá-lo de volta à sala. — Tem meu nome nele.

— Não é que tem mesmo? — Jason levantou-a no colo e beijou cada uma de suas bochechas. — Feliz Natal!

— Eu não vou conseguir esperar. — A menina passou os braços em volta do pescoço dele e abraçou-o apertado. — Simplesmente não posso esperar.

Enquanto os observava, Faith sentiu a emoção dando nós dentro dela até seus ossos doerem. O que ela deveria fazer? O que poderia fazer? Quando Jason virou-se com Clara no colo, as luzes da árvore refletiam-se como desejos em seus rostos.

— Faith? — Ele não precisava de palavras para reconhecer angústia, dor e confusão.

— O que houve?

As mãos dela agarravam com força o papelão da caixa que ainda segurava.

— Nada. Vou servir esta pizza antes que ela esfrie.

— Pizza? — Encantada, Clara desceu do colo de Jason. — Posso comer dois pedaços? É Natal!

— Pestinha — repreendeu Faith gentilmente, desmanchando o cabelo da filha. — Coloque a mesa.

— O que aconteceu, Faith? — Jason segurou-a pelo braço antes que ela pudesse seguir a filha até a cozinha. — Há alguma coisa errada?

— Não. — Ela precisava se controlar. Já conseguira se virar por bastante tempo. — Você me deixa estupefata. — Com um sorriso, tocou o rosto dele. — Isso já aconteceu antes. Venha, vamos comer.

Como ela parecia precisar manter seus pensamentos para si mesma, Jason deixou-a ir e acompanhou-a até a cozinha, onde Clara já estava se servindo de Pizza. Ele nunca vira uma criança se atirar à comida com tamanha alegria. Nunca imaginara que a noite de

Natal pudesse ser tão especial simplesmente porque havia alguém ao lado dele.

Clara engoliu a última garfada de seu segundo pedaço de pizza.

— Talvez, se eu pudesse abrir um presente esta noite, haveria menos confusão na manhã de Natal.

Faith pareceu considerar.

— Eu gosto de confusão — ela comentou e Jason percebeu que aquela conversa já era uma antiga tradição.

— Se eu pudesse abrir apenas um presente esta noite, talvez conseguisse dormir logo. Assim, vocês não precisariam esperar tanto tempo para se esgueirarem e encher as meias.

— Hmm... — Faith afastou seu prato vazio e aproveitou o vinho que Jason trouxera.

— Gosto de me esgueirar tarde da noite.

— Se eu abrisse...

— Sem chance.

— Se eu...

— Não.

— Mas ainda faltam horas e horas para o dia de Natal.

— Terrível, não? — Faith sorriu para ela. — E você vai sair para participar do coro de Natal no passeio de carroça em dez minutos, portanto, é melhor pegar seu casaco.

Clara levantou-se rapidamente para pegar as botas.

— Talvez, quando eu voltar, haja pelo menos um presente que você não ache assim tão importante que precise esperar até de manhã.

— Todos os presentes da árvore são absolutamente vitais. — Faith se levantou para ajudar a filha com o casaco. — E aqui vão as recomendações importantes: fique com o grupo; não tire as luvas, quero que você continue com todos os seus dedos; não perca seu gorro; lembre-se de que o Sr. e a Sra. Easterday estão no comando.

— Mamãe. — Clara mudou o peso do corpo para o outro pé e suspirou. — Você me trata como se eu fosse um bebê.

— Você é o meu bebê. — Faith lhe deu um beijo estalado. — Pronto.

— Céus, vou fazer 10 anos em fevereiro. Isso é praticamente amanhã.

— E você ainda será meu bebê em fevereiro. Divirta-se!

Clara suspirou, resignada e incompreendida.

— Está bem.

— Está bem — Faith imitou-a. — Diga boa noite. Clara passou pela mãe e perguntou:

— Você vai ficar até eu voltar?

— Sim.

Satisfeita, ela riu e abriu a porta para sair.

— Tchau!

— Monstrinha — declarou Faith, e começou a recolher os pratos.

— Ela é ótima. — Jason levantou-se e começou a ajudá-la a arrumar a bagunça. — Pequena para a idade, acho. Não percebi que ela já tinha quase 10 anos. É difícil para... — Ele parou enquanto Faith arrumava os pratos na pia. — Ela fará 10 anos em fevereiro.

— Hmmm, hmmm. Eu mesma não consigo acreditar. Às vezes parece que foi ontem e, então, novamente... — Faith calou-se, subitamente sem fôlego. Com um cuidado exagerado, ela começou a encher a pia com água e sabão.

— Vou dar um jeito em tudo aqui rapidinho, se quiser levar seu vinho para a sala.

— Em fevereiro. — Jason segurou-a pelo braço. Quando a virou, viu o sangue fugir do rosto dela. Seus dedos apertaram com mais força, machucando-a sem que nenhum dos dois percebesse. — Dez anos em fevereiro. Nós fizemos amor no mês de junho do ano anterior. Deus, não sei quantas vezes naquela noite. Nunca mais toquei em você, nunca mais tivemos a chance de ficar juntos, sozinhos daquele jeito, antes que eu partisse, algumas semanas depois. Você deve ter se casado com Tom em setembro.

A garganta de Faith estava tão seca que ela nem conseguia engolir, mas continuou encarando-o.

— Ela é minha — sussurrou ele e a frase ecoou pela sala. — Clara é minha.

Faith abriu a boca para falar, mas parecia não haver nada que pudesse dizer. Com os lábios tremendo e os olhos cheios d'água, assentiu.

— Deus! — Jason agarrou-a pelos dois braços, quase a erguendo do chão e, então, encostou-a na bancada. A fúria nos olhos dele poderia tê-la feito chorar se ela não estivesse disposta a aceitá-la. — Como você pôde? Maldita seja! Ela é nossa e você nunca me disse. Casou-se com outro homem e teve o nosso bebê. Mentiu para ele, também? Fez com que acreditasse que ela era dele porque assim você poderia ter sua casa aconchegante e suas cortinas de renda?

— Jason, por favor...

— Eu tinha o direito. — Ele empurrou-a, antes que sucumbisse à violência que o sufocava. — Eu tinha direito a ela. Dez anos! Você me roubou isso.

— Não! Não foi assim. Jason, por favor! Você precisa escutar!

— Ao diabo com você. — Ele disse isso calmamente, tão calmamente que ela deu um passo atrás como se tivesse sido esbofeteada. Podia argumentar com a raiva, até ponderar com ela. Mas aquela raiva tranquila deixou-a impotente.

— Por favor, deixe-me tentar explicar.

— Não há nada que você possa dizer que seja capaz de compensar isso. Nada. — Jason arrancou o casaco do gancho na parede e saiu disparado pela porta.

— Você é um maldito tolo, Jason Law. — A viúva Marchant estava sentada na cadeira de balanço em sua cozinha, olhando-o com raiva.

— Faith mentiu para mim. Mentiu para mim por anos.

— Que asneira! — Ela mexeu com os dedos nervosos em um enfeite exagerado da árvore que estava em cima de uma banquetta perto da janela. As notas animadas do *Quebra-nozes* chegavam até eles, vindas da sala de estar. — Ela fez o que tinha de fazer, nada mais e nada menos.

Jason andava de um lado para o outro. Ainda não estava certo de por que fora até ali, em vez de ir direto para o Clancy's Bar. Caminhara pela neve por uma hora, talvez mais, e então se viu diante da porta da viúva Marchant.

— A senhora sabia, não é? Sabia que eu era o pai de Clara,

— Tinha minhas desconfianças. — A cadeira de balanço rangia suavemente enquanto ela se balançava.

— Ela tem seu olhar.

Aquilo causou nele uma emoção peculiar, com a qual ainda não sabia direito o que fazer.

— Ela é igualzinha a Faith.

— É verdade, se você não se detiver olhando-a. As sobrancelhas são suas, assim como a boca. E o bom Deus sabe que o temperamento também. Jason, se você soubesse que iria ser pai, dez anos atrás, o que teria feito?

— Eu teria voltado para ela. — Ele virou-se, passando a mão pelo cabelo. — Teria entrado em pânico — disse com mais calma. — Mas teria voltado.

— Foi o que sempre achei. Mas esta... bem, esta é uma história que Faith deve lhe contar. É melhor você voltar lá e ouvir.

— Isso não tem importância.

— Não suporto mártires — ela resmungou. Jason ia responder irritado, mas em vez disso suspirou.

— Isso dói. Realmente dói.

— Essa é a história da sua vida — disse a viúva Marcham, não sem certa simpatia na voz. — Quer Perdê-las novamente?

— Não. Meu Deus, não. Mas não sei o quanto consigo perdoar.

A velha senhora ergueu as duas sobrancelhas.

— É bastante justo. Mas dê a Faith o mesmo direito. Antes que ele pudesse voltar a falar, a porta da cozinha foi aberta de repente. Faith ficou parada no batente, coberta de

neve, o rosto lavado de lágrimas. Ela ignorou toda a água que deixou pelo caminho e correu para Jason.

– Clara – conseguiu balbuciar.

Quando a tomou nos braços, Jason sentiu-a tremer. O terror fluiu de Faith para ele.

– O que aconteceu?

– Ela se perdeu.

Capítulo Nove

ELES VÃO ENCONTRÁ-LA. — Jason segurava o braço de Faith, enquanto eles tropeçavam pela neve para chegar ao carro dela. — Provavelmente, já encontraram.

— Um dos garotos disse que achou que ela e Marcie tinham ido para trás da fazenda, para olhar os cavalos no celeiro. Mas, quando voltaram, elas não estavam lá. Está escuro. — Faith pelejava com as chaves para conseguir abrir o carro.

— Deixe que eu dirijo.

Ela não discutiu e entrou no lado do passageiro.

— Lorna e Bill ligaram da fazenda para o xerife. Metade da cidade já está procurando por elas. Mas há tanta neve, e elas são apenas garotinhas. Jason...

Ele segurou o rosto dela entre as mãos com firmeza.

— Vamos encontrá-las.

— Sim. — Ela secou as lágrimas com as costas das mãos. — Vamos rápido.

Ele não podia se arriscar a dirigir a mais de 50 quilômetros por hora. Seguiram lentamente pelo caminho coberto de neve, procurando por algum sinal na paisagem. Os campos e as colinas permaneciam imaculados e imperturbados. Para Faith, eles pareciam implacáveis. Mas, apesar de ainda continuar devastada pelo medo, ela conseguira vencer as lágrimas.

A 15 quilômetros do centro da cidade os campos estavam iluminados como se fosse dia. Grupos de carros rodavam para cima e para baixo do caminho e homens e mulheres perambulavam pela neve chamando pelas meninas. Jason mal havia parado o carro e Faith já saía e corria para o xerife.

— Ainda não as encontramos, Faith, mas vamos encontrar. Elas não iriam muito longe.

— Você procurou no celeiro e nas cocheiras? O xerife assentiu para Jason.

— Em cada centímetro.

— E na outra direção?

— Vou mandar alguns homens para lá.

— Nós iremos agora.

A neve o cegava enquanto ele ziguezagueava pelos outros carros. Jason diminuiu ainda mais a velocidade e começou a rezar. Fizera parte de uma equipe de busca uma vez, nas montanhas Rochosas. E não esquecera o que umas poucas horas no vento e na neve podiam causar.

— Eu deveria ter insistido para que ela usasse outro suéter. — Faith apertou as mãos no colo, enquanto se esticava para olhar pela janela. Na pressa, esquecera as luvas, mas nem percebeu os dedos dormentes.

— Mas ela detesta quando fico me preocupando demais, e eu não queria estragar a noite dela. O Natal é tão especial para Clara. Ela fica tão animada. — A voz de Faith falhou com uma nova onda de medo.

— Eu deveria ter dito a ela para usar outro suéter. Ela estaria... *Pare!*

O carro derrapou quando Jason pisou com força no freio. Foi necessária cada grama de controle dele para controlar o carro. Faith empurrou a porta e saiu tropeçando.

— Ali, aquilo é...

— É um cachorro. — Ele segurou-a pelos braços antes que ela pudesse sair correndo pelo campo vazio. — É um cachorro, Faith.

— Oh, Deus! — Descontrolada, ela desmoronou contra ele. — Clara é só uma garotinha. Onde poderia estar? Oh, Jason, onde ela está? Eu deveria ter ido com ela. Se eu estivesse lá, com ela...

— Pare com isso!

— Ela está com frio e deve estar assustada.

— E precisa de você. — Jason sacudiu-a levemente. — Clara precisa de você.

Faith pressionou a mão contra a boca, lutando para se controlar.

— Sim. Sim, estou bem. Vamos. Vamos um pouco mais adiante.

— Você espera no carro. Vou andar um pouco por esse campo e ver se localizo alguma coisa.

— Vou com você.

— Consigo andar mais rápido sozinho. Serão apenas alguns minutos. — Ele começou a guiá-la na direção do carro quando um lampejo vermelho chamou sua atenção.

— Ali.

Jason agarrou o braço de Faith, enquanto tentava ver através da neve. Bem na margem do campo, ele viu novamente.

— É Clara. — Faith já estava lutando para caminhar na neve. — Ela está usando um casaco vermelho. — A neve voava ao redor dos seus pés enquanto ela corria. Sentia o frio e a umidade misturados às lágrimas que a cegavam.

Faith gritou com toda a força que tinha e abaixou-se para envolver as duas meninas com os braços.

— Oh, Deus,

— Clara, fiquei com tanto medo. Venha, venha aqui, agora. Vocês estão congeladas, as duas. Já vamos chegar ao carro. Tudo vai ficar bem. Está tudo bem agora.

— A mamãe está brava? — Marcie tremia e chorava junto ao ombro de Faith.

— Não, não, ela só está preocupada. Todo mundo está.

— Venha aqui. — Jason levantou Clara em seus braços. Por um breve minuto, ele se permitiu o prazer de enfiar o nariz no pescoço da filha. Quando olhou para trás, viu Faith trazendo Marcie. — Você consegue?

Ela sorriu e abraçou com mais força a menina que ainda chorava.

— Sem problema.

— Então, vamos para casa.

— Não queríamos nos perder. — As lágrimas de Clara escorriam pelo colarinho de Jason.

— Sabemos que não queriam.

— Nós apenas fomos ver os cavalos, e quando voltamos não conseguimos encontrar ninguém. Eu não estava assustada. — Ela se agarrava a Jason, com a respiração ofegante. — Só Marcie estava.

Sua filha. Ele sentiu sua própria visão ficar borrada e a apertou com mais força nos braços.

— Vocês duas estão a salvo agora.

— Mamãe estava chorando.

— Ela também está bem, agora. — Ele parou perto do carro. — Você consegue levar as duas em seu colo, no banco da frente? Elas ficarão mais aquecidas.

— Com certeza. — Depois que Faith se acomodou com Marcie, Jason lhe passou Clara. Por um longo momento seus olhares se encontraram por sobre a cabeça da menina.

— Não conseguimos encontrar as luzes da casa com toda essa neve — murmurou Clara, enquanto abraçava a mãe. — Então, não conseguimos encontrar o caminho de volta, de jeito nenhum. Estava tão frio! Eu não perdi meu gorro.

— Eu sei, meu amor. Agora, tire suas luvas. Você também, Marcie. — Jason ligou o aquecedor no máximo. — Vocês vão estar cozidas antes que percebam. — Ela distribuiu beijos pelos dois rostinhos frios e lutou contra a vontade de desmoronar. — Que canções de Natal vocês cantaram?

— "Jingle Bells" — disse Marcie, fungando.

— Ah! Uma das minhas favoritas.

— E "Joy to the World" — acrescentou Clara. O ar quente que saía do aquecedor estava esquentando suas mãos e seu rosto. — Você gosta mais dessa.

— Gosto mesmo, mas não consigo me lembrar como ela começa. Como começa, Marcie? — Ela sorriu para Clara e abraçou-a ainda mais apertado.

Marcie começou a cantar com uma vozinha fraca e sibilante, ainda à beira das lágrimas. A menina estava acabando o primeiro verso quando eles chegaram até onde estava o restante do grupo de busca.

— É meu pai! — Marcie pulou no colo de Faith e começou a acenar. — Ele não parece bravo.

Faith deu uma meia risada e beijou-lhe o topo da cabeça.

— Feliz Natal, Marcie.

— Feliz Natal, Sra. Monroe. Vejo você amanhã, Clara. — Marcie mal teve tempo de abrir a porta antes de ser agarrada pelos pais.

— Que noite! — Houve acenos e exclamações de alegria, enquanto o carro era cercado pela multidão.

— É noite de Natal — Clara lembrou à mãe. O mundo era seguro e amigável novamente. — Talvez eu pudesse abrir aquele presente enorme esta noite.

— Sem chance — disse-lhe Jason, e desmanchou seu cabelo.

Faith virou Clara em seus braços e apertou-a com força.

— Não chore, mamãe.

— Eu preciso, apenas por um minuto. — Fiel a sua Palavra, ela estava com os olhos secos quando chegaram a casa. Uma Clara exausta cochilava nos ombros de Jason quando ele a carregou para dentro. — Vou levá-la para cima, Jason.

— Nós vamos levá-la para cima.

Faith deixou os braços caírem ao lado do corpo e assentiu.

Eles tiraram as botas, meias e suéteres da menina e a envolveram numa flanela quente. Clara ainda murmurou alguma coisa e tentou permanecer acordada, mas as aventuras da noite cobraram seu preço.

— É noite de Natal — murmurou ela. — Vou levantar muito cedo de manhã.

— Tão cedo quanto quiser — lhe disse Faith, dando um beijo na bochecha da filha.

— Posso comer biscoitos no café da manhã?

— Meia dúzia — concordou Faith, impulsivamente. Clara sorriu e já estava adormecida antes mesmo que Faith ajeitasse os cobertores ao seu redor.

— Eu tive medo... — Ela acariciou o rosto da filha. — Tive medo de nunca mais vê-la assim de novo. Segura, aquecida. Jason, não sei como lhe agradecer apenas por estar lá. Se eu estivesse sozinha... — Ela não aguentou mais e baixou a cabeça.

— Acho que devemos descer agora, Faith.

O tom fez com que ela cerrasse os lábios. Faith prometera a si mesma que estaria pronta para lidar com as acusações, a amargura e o ressentimento.

— Acho que eu gostaria de um drinque — disse, enquanto eles desciam as escadas.

— Um pouco de conhaque. Parece que o fogo apagou.

— Vou cuidar disso. Você pega o conhaque. Preciso lhe dizer algumas coisas.

— Está bem. — Ela deixou-o e foi até o pequeno bar na sala de jantar. Quando voltou, o fogo já estava aceso novamente. Jason levantou-se, pegou o copo e deu um gole na bebida.

— Você quer sentar?

— Não, eu não consigo. — Ela também deu um gole na bebida, mas seria necessário mais do que conhaque para estabilizar seus nervos. — Você pode dizer tudo o que tiver para dizer, Jason.

Capítulo Dez

F AITH FICOU DE pé, olhando para ele, as costas muito retas, os olhos queimando de emoção, as mãos segurando o copo com força. Parte dele queria ir até ela, abraçá-la e apenas ficar assim. Descobrira uma filha e quase a perdera na mesma noite. Será que mais alguma coisa importava? Mas dentro dele havia um vazio que precisava ser preenchido. Perguntas e acusações que exigiam uma resposta. Era preciso uma prestação de contas antes de poder haver compreensão, assim como era necessária a compreensão antes de poder haver perdão. Mas por onde ele devia começar?

Jason andou até a árvore de Natal. No topo havia uma estrela que projetava um brilho prateado sobre todas as outras cores.

— Não tenho certeza se sei o que dizer. Não é todo dia que um homem se vira e descobre que já tem uma filha quase crescida. Me sinto traído por não ter podido vê-la aprender a andar, nem ouvi-la falar as primeiras palavras, Faith! Nada do que você possa dizer ou fazer vai me trazer isso de volta, não é verdade?

— Sim.

Ele se virou e viu que ela segurava o copo de conhaque na altura da cintura. Seu rosto estava pálido e calmo. Fossem quais fossem as emoções que estivesse sentindo, vinha conseguindo mantê-las sob controle. Sim, aquela era uma Faith diferente da que ele deixara. A garota que ela fora jamais seria capaz do autocontrole que a mulher demonstrava.

— Sem desculpas, Faith?

— Eu imaginava que tinha desculpas, então, esta noite, quando pensei que havia perdido Clara... — A voz falhou e ela simplesmente balançou a cabeça. — Sem desculpas, Jason.

— Ela pensa que Tom é seu pai.

— Não! — Os olhos de Faith não estavam mais calmos, agora cintilavam. — Você acha mesmo que eu a deixaria acreditar que o pai a abandonara, que ele nem se preocupava em escrever para ela? O que Clara sabe é basicamente verdade. Nunca menti para ela.

— Qual é a verdade?

Faith respirou fundo para se estabilizar, e, quando olhou para Jason, seu rosto ainda estava pálido, mas a voz estava calma novamente.

— Que eu amei o pai dela e ele também me amou, mas que ele precisou partir antes mesmo de saber sobre ela, e não pôde voltar.

— Ele teria voltado.

Alguma coisa passou rapidamente pelos olhos dela, que se apressou em lhe dar as costas.

— Eu também disse isso a Clara.

— Por quê? — A raiva voltou e ele lutou contra ela. — Preciso saber por que você fez o que fez. Eu perdi todos esses anos.

— Você? — O temperamento de Faith era mais difícil de ser controlado do que o sofrimento que sentia. Os anos que passara se contendo fervilharam dentro dela e explodiram. — *Você* perdeu? — repetiu enquanto andava pela sala. — Você foi embora e eu fiquei aqui, com 18 anos, grávida e sozinha.

Jason sentiu a culpa se avolumar dentro dele. Não esperara por isso.

Eu não teria partido se você tivesse me contado.

— Eu não sabia. — Ela apoiou o copo de conhaque e esticou o cabelo para trás com as duas mãos.

— Só descobri que estava grávida uma semana depois de você partir. Fiquei tão entusiasmada! — Com uma risada, ela abraçou o próprio corpo. E por um momento pareceu dolorosamente jovem e inocente.

— Fiquei tão feliz! Esperei dia e noite que você ligasse, para que pudesse lhe contar.

— Os olhos dela ficaram sérios. O sorriso morreu. — Mas você nunca ligou, Jason.

— Eu precisava de tempo para ajeitar as coisas... um emprego seguro, um lugar onde pudesse convidar você para morar.

— Você nunca entendeu que não importava onde eu iria viver, desde que estivesse com você. — Faith balançou a cabeça, antes que ele pudesse falar. — Mas isso não importa

agora. Essa parte já acabou. Uma semana se passou, então duas, um mês. Eu me sentia doente, apenas tensão, enjoos matinais, mas comecei a perceber que você não iria ligar. Que não iria voltar. Fiquei zangada por algum tempo, depois percebi que você simplesmente não gostava tanto assim de mim. Garota de cidade pequena.

— Isso não é verdade. Nunca foi verdade.

Faith observou-o por um momento, quase friamente. As luzes da árvore se refletiam no cabelo louro-escuro dele e cintilavam naqueles olhos tão profundos, que sempre guardaram seus próprios segredos.

— Não era? — murmurou ela. — Mas, com certeza, era verdade que você queria partir. Eu era parte de Quiet Valley, e você queria partir.

— Eu queria você comigo.

— Mas não o bastante para me levar com você.

— Ela balançou a cabeça quando ele começou a falar.

— Não o bastante para me deixar ir com você, até que provasse as coisas que precisava provar. Eu não havia entendido isso direito, Jason, mas comecei a entender quando você voltou.

— Você nunca ia me contar sobre Clara, ia?

Ela voltou a ouvir a amargura na voz dele e fechou os olhos para se defender.

— Não sei. Honestamente, não sei.

Ele bebeu, esperando que o conhaque aquecesse o gelo que corria em suas veias.

— Conte-me o resto.

— Eu queria o bebê, mas estava assustada. Assustada demais até mesmo para contar para minha mãe.

Faith pegou novamente o conhaque, mas apenas aqueceu as mãos nele.

— Eu deveria, é claro, mas não estava pensando com clareza.

— Por que se casou com Tom? — Mas mesmo enquanto fazia a pergunta Jason percebeu que o velho ciúme começava a ir embora. Ele agora só queria entender.

— Tom vinha me ver quase toda noite. Nós conversávamos. Ele parecia não se importar em me ouvir falando de você, e Deus sabe o quanto eu precisava disso. Então, uma noite, estávamos sentados na varanda e eu desmorenei. Estava com três meses de gravidez e meu corpo já começava a mudar. Naquela manhã, eu não havia conseguido

fechar o jeans. — Com uma risada trêmula, ela passou a mão pelo rosto. — Parece tolice, mas o fato de não conseguir fechar a calça me deixou apavorada. Me fez perceber que não havia volta. contei tudo para Tom enquanto estávamos sentados ali. Ele disse que se casaria comigo. É claro que eu respondi que não, mas ele começou a justificar a ideia. Você não ia voltar e eu estava grávida. Ele me amava e queria se casar comigo. O bebê teria um nome, um lar, uma família. Parecia tão certo do jeito que ele falava. E eu queria que o bebê estivesse seguro. Queria me sentir segura.

Ela bebeu, então, porque sentia a garganta irritada.

— Foi errado, desde o princípio. Tom sabia que eu não o amava, mas ele me queria, ou pensava que queria. Nos primeiros meses, ele tentou, nós dois realmente tentamos. Mas, depois que Clara nasceu, Tom não conseguiu lidar com a situação. Eu podia perceber, que toda vez que ele olhava para ela, pensava em você. E não havia nada que eu pudesse fazer para mudar o fato de que ela era sua. — Faith fez uma pausa, e achou mais fácil contar tudo. — E eu não teria feito nada para mudar isso. Com Clara, eu tinha uma parte de você. E Tom sabia disso, não importava o quanto me esforçasse tentando ser o que ele queria. Ele começou a beber, a entrar em brigas, a demorar a voltar para casa. Era como se quisesse que eu pedisse o divórcio.

— Mas você não pediu.

— Não porque eu... bem, eu me sentia em dívida com ele. Então, um dia, voltei para casa de um passeio com Clara e ele se fora. Os papéis do divórcio chegaram pelo correio, foi isso.

— Por que você nunca tentou entrar em contato comigo, Faith, através de uma das revistas ou jornais?

— E dizer o quê? Jason, se lembra de mim? A propósito, você tem uma filha aqui em Quiet Valley. Apareça uma hora dessas.

— Uma palavra, apenas uma palavra sua e eu teria deixado tudo e voltado. Nunca deixei de amá-la.

Ela fechou os olhos.

— Vi você me deixar. Vi você entrar no ônibus e ir embora, sem deixar vestígios. Fiquei parada lá por horas, acreditando que você saltaria na parada seguinte e voltaria para mim. Fui eu quem foi deixada para trás, Jason.

— Eu liguei. Droga, Faith, levou apenas seis meses para que eu conseguisse começar alguma coisa.

Ela sorriu.

— E quando você ligou, eu estava com sete meses de gravidez. Minha mãe não me contou do seu telefonema até que Tom tivesse partido. Ela me disse que você a fez prometer.

— Eu tinha meu orgulho.

— Eu sei.

Isso ela não questionou. Jason viu o modo como Faith sorriu ao dizer isso, como se sempre tivesse entendido.

— Você deve ter ficado apavorada. O sorriso dela ficou mais suave.

— Tive meus momentos.

— Deve ter me odiado.

— Nunca. Como eu poderia? Você havia partido, mas me deixara com a coisa mais maravilhosa da minha vida. Talvez você estivesse certo, talvez eu estivesse. Talvez nós dois estivéssemos errados, mas havia Clara. Toda vez que eu olhava para ela, me lembrava do quanto o amava.

— Como se sente agora?

— Trêmula. — Ela riu um pouco, então cruzou as mãos, determinada a fazer o que era certo. — Clara precisa saber. Eu preferia fazer isso eu mesma.

A ideia fez com que ele voltasse a pegar o conhaque.

— Como acha que ela vai reagir?

— Clara aprendeu a viver sem pai. Mas isso não significa que não precise de um. — Faith sentou-se com as costas muito retas e levantou o queixo. — Você tem o direito, é claro, de vê-la sempre que quiser, mas não quero que ela fique vagueando por aí. Também entendo que você não pode estar aqui com Clara o tempo todo, por causa do seu trabalho, mas não pense que pode simplesmente entrar na vida dela e desaparecer novamente. Vai precisar fazer um esforço para se manter em contato com ela, Jason.

Então esse era outro medo com o qual ela vivia, percebeu Jason. Talvez ele merecesse isso.

— Você não confia em mim, não é?

— Clara é importante demais. — Ela deixou escapar um pequeno suspiro. — Assim como você.

— Se eu lhe dissesse que me apaixonei por ela antes mesmo de saber a verdade, isso faria alguma diferença?

Faith se lembrou do tobogã, do jeito como ele parecera quando Clara passou os braços ao redor do seu pescoço.

— Clara precisa de todo o amor que puder ter. Todos nós precisamos. Ela se parece tanto com você, eu... — Faith não conseguiu continuar e seus olhos ficaram marejados. — Droga, eu não queria fazer isso. — Impaciente, ela secou as lágrimas. — Vou contar para ela amanhã, Jason. No Natal. Você e eu podemos organizar como serão as coisas. Sei que precisará partir em breve, mas se pudesse ficar apenas por uns poucos dias, passar um tempo com ela, seria mais fácil para todos nós.

Jason esfregou o pescoço, para tentar aliviar a tensão na nuca.

— Você nunca me pediu muito, não é? Ela sorriu.

— Eu pedi tudo de você. Apenas éramos muito jovens para perceber isso.

— Você sempre acreditou em magia, Faith. — Jason tirou uma caixa do bolso. — Já é quase meia-noite. Abra isto agora.

— Jason. — Ela passou as mãos pelos cabelos. Como ele conseguia pensar em presentes em um momento como aquele? — Não acho que seja a melhor hora para isso.

— Já está dez anos atrasado.

Quando ele estendeu a caixa para ela, Faith se viu agarrando-a com as duas mãos.

— Eu não tenho nada para você. Jason tocou-lhe o rosto, quase hesitante.

— Você acaba de me dar uma filha de presente. Ela sentiu o alívio lhe invadir o corpo. Em vez de amargura, ouvira gratidão na voz dele. O amor, que nunca se apagara, brilhou nos olhos dela.

— Jason...

— Por favor, abra a caixa.

Ela rasgou o papel vermelho brilhante e viu a caixa de veludo preto. Com dedos não muito firmes, abriu-a. O anel era uma lágrima, congelada no lugar, gloriosa ao refletir as luzes da árvore.

— Paul me disse que isso era o melhor que ele tinha.

— Você comprou isso antes de saber...

— Sim, antes de saber que eu estava prestes a pedir à mãe da minha filha que se casasse comigo. Agora, seremos legítimos, nós três. — Ele pegou a mão dela e esperou. — Que tal uma segunda chance? Não vou decepcioná-la, Faith.

— Você nunca me decepcionou. — A beira das lágrimas mais uma vez, ela levou a mão ao queixo dele. — Não foi você, não fui eu, foi a vida. Oh, Jason, eu quero isso. Entenda, tudo o que sempre quis, de verdade, foi me casar com você, ter uma família com você.

— Então, deixe-me colocar o anel.

— Jason, não sou só eu. Se fosse, eu partiria com você neste instante. Iríamos para Hong Kong, para a Sibéria, para Pequim. Qualquer lugar. Mas não sou só eu. Preciso ficar aqui.

— Não é só você — repetiu ele. Jason pegou o anel e colocou a caixa de lado. — E *eu* tenho que ficar. Você acha que a deixaria novamente? Você acha que eu deixaria o que está lá em cima, ou a chance de ter outros que eu possa ver crescer? Não vou a lugar algum.

— Mas você disse... Hong Kong.

— Eu me demiti. — Jason deu uma risada e sentiu o peso de anos se dissolver. — Hoje. Essa foi uma das coisas das quais cuidei esta tarde. Vou escrever um livro. — Ele segurou-a pelos ombros. — Estou sem emprego, vivendo em um quarto na pousada e pedindo que se case comigo.

Faith sentiu o ar fugir de seus pulmões, seu coração batia com força. Sim, ela sempre acreditara em magia. E a magia estava agora parada diante dela.

— Dez anos atrás, achei que o amava tanto quanto era possível amar alguém. Você era um menino. Nos últimos dias, aprendi que amar um homem é uma coisa bem diferente.

— Ela fez uma pausa e viu o anel na mão dele, explodindo nas cores alegres da árvore de Natal. — Se você tivesse me pedido há dez anos, eu teria dito sim.

— Faith...

Com uma risada, ela passou os braços ao redor do pescoço dele.

— Você terá a mesma resposta agora. Oh, eu amo você, Jason, mais do que nunca.

— Teremos anos para compensar esse tempo que passou.

— Sim. — As bocas de ambos se encontraram com a mesma fome, a mesma esperança. — Vamos fazer isso. Nós três.

— Nós três. — Jason encostou a testa na dela. — Eu quero mais.

— Temos bastante tempo para dar a Clara um irmãozinho ou irmãzinha no próximo Natal. — Os lábios dela voltaram a procurar os dele. — Aliás, temos tempo suficiente para tudo o que quisermos.

Os dois ouviram os sinos repicando na praça no centro da cidade. Meia-noite.

— Feliz Natal, Faith.

Ela sentiu o anel escorregar pelo dedo. Todos os seus desejos haviam sido concedidos.

— Bem-vindo ao lar, Jason.

Nosso pedido de Natal

Prólogo

ZEKE E ZACK estavam reunidos na casa da árvore. Era ali, no resistente esconderijo de madeira, construído entre os galhos do antigo e majestoso plátano, que eram discutidos negócios importantes, planos e assuntos diversos, e todas as punições por infrações às regras.

Naquele dia, uma chuva leve caía sobre o telhado de estanho e sobre as folhas verde-escuras. Ainda estava bem quente naqueles primeiros dias de setembro para que os meninos usassem camisetas. Vermelha para Zeke, azul para Zack.

Eles eram gêmeos, tão idênticos quanto os dois lados de uma moeda de faces iguais. O pai deles usava o código das cores desde que nasceram, para evitar confusão.

Quando eles trocavam as cores — e sempre faziam isso —, podiam enganar qualquer um em Taylor's Grove. Exceto o pai.

Ele estava na cabeça de ambos naquele momento. Antes, já haviam discutido os detalhes, antecipado as alegrias e os terrores de seu primeiro dia na escola de verdade. O primeiro dia no ensino médio.

Eles pegariam o ônibus, como haviam feito no ano anterior, quando ainda iam para o jardim de infância. Mas, dessa vez, ficariam na Taylor's Grove Elementary o dia inteiro, como os garotos grandes. A prima deles, Kim, lhes dissera que a escola *de verdade* não era um playground.

Zack, o mais introspectivo dos dois, pensara a respeito, se preocupara e dissecara o problema por semanas. Havia termos terríveis e intimidantes como *trabalho de casa* e *participação em aula*, que Kim vivia repetindo. Eles sabiam que ela, que estava no segundo ano do ensino médio, estava sempre carregada de livros. Livros grandes e grossos, sem figuras.

E, às vezes, quando ela tomava conta deles, ficava com o nariz enfiado naqueles livros por horas. Por tanto tempo quanto passava com o telefone pendurado na orelha — e isso era bastante tempo.

Esse era um bom material para Zack, o campeão da preocupação.

O pai deles os ajudaria, é claro. Isso fora Zeke, o eterno otimista, que havia lembrado. Os dois não sabiam ler coisas como *Green Eggs and Ham* e *The Cat in the Hat* porque o pai os havia ajudado a soletrar as palavras? E ambos sabiam como escrever todo o alfabeto, além de seus nomes e outras coisas curtas, porque ele lhes mostrara como fazer.

O problema era que o pai precisava trabalhar e tomar conta da casa e deles — e também do Comandante Zark, o grande cachorro amarelo que eles haviam adotado, do abrigo de animais dois anos antes. O pai deles tinha, como Zack lembrara, um monte de coisas para fazer. E agora que estavam indo para o ensino básico, e teriam tarefas, projetos e boletins de verdade, ele teria que ajudar.

— Ele contratou a sra. Hollis para vir uma vez por semana e fazer as coisas. — Zeke fazia seu minicorvette correr em uma pista de corrida imaginária no piso da casa da árvore.

— Mas isso é pouco. — Zack franziu o cenho e seus olhos azul-piscina escureceram. Ele exalou um longo e sofrido suspiro e despenteou os cabelos que lhe caíam na testa. — Papai precisa da companhia de uma boa mulher e nós precisamos de amor de mãe. Ouvi a Sra. Hollis dizer isso ao Sr. Perkins, no posto do correio.

— De vez em quando, ele passeia com tia Mira. Ela é uma boa mulher.

— Mas ela não mora com a gente. E não tem tempo para ajudar com nossos projetos de ciências. — Os projetos de ciências eram o terror particular de Zack. — Precisamos encontrar uma mãe. — Quando Zeke apenas bufou, Zack estreitou os olhos. — Vamos ter que soletrar, no ensino fundamental.

Zeke mordeu o lábio inferior. Soletrar era *seu* pesadelo particular.

— E como vamos encontrar uma?

Agora Zack sorriu. Ele já tinha, do seu jeito lento e cuidadoso, planejado tudo.

— Vamos pedir a Papai Noel.

— Ele não traz mães — disse Zeke, com o desdém profundo que só um irmão sente pelo outro. — Ele traz brinquedos e essas coisas. E vai demorar séculos até chegar o Natal, de qualquer jeito.

— Não, não vai demorar. A Sra. Hollis estava se gabando para o Sr. Perkins que já havia feito metade das compras de Natal. Ela estava explicando para ele que fazer as coisas com antecedência ajuda a aproveitar melhor as festas de fim de ano.

— Todo mundo aproveita o Natal. É a melhor coisa que existe.

— Hmm, hmm. Mas um monte de gente fica irritada. Você se lembra de quando fomos ao shopping com tia Mira, no ano passado, e ela não parava de reclamar da multidão, dos preços e de como não havia lugar para estacionar?

Zeke apenas deu de ombros. Ele não lembrava das coisas com tanta frequência, ou tão claramente quanto o irmão, mas acreditou no que Zack dizia.

— Acho que sim.

— Então, se pedirmos agora, Papai Noel vai ter bastante tempo para encontrar a mãe certa para nós.

— Eu ainda digo que ele não traz mães.

— Por que não? Se realmente precisamos de uma e não vamos pedir muito mais do que isso?

— Nós íamos pedir bicicletas — lembrou Zeke.

— Ainda podemos pedir as bicicletas — decidiu Zack. — Mas não vamos pedir mais um monte de outras coisas. Apenas uma mãe e as bicicletas.

Foi a vez de Zeke suspirar. Ele não se importava de desistir de uma lista grande e longa de presentes. E a ideia de uma mãe começava a parecer interessante. Eles nunca haviam tido uma, e o mistério de como seria o atraía.

— E que tipo de mãe vamos pedir?

— Precisamos escrever isso.

Zack pegou um caderno e uma caneta pequena e grossa da mesa que estava encostada na parede. Eles se sentaram no chão, e depois de muita conversa e discussão, escreveram.

Querido Papai Noel,

Nós temos sido bons.

Zeke queria ter colocado "muito bons", mas Zack, mais consciente, rejeitara a ideia.

Nós alimentamos Zark e ajudamos nosso papai. Queremos uma mãe de presente de "Natau". Uma mãe boa, que tenha um cheiro bom e não seja "mauvada". Ela pode sorrir muito e ter cabelo "amareulo". Ela precisa gostar de garotos pequenos e de cachorros grandes. Ela não pode se incomodar com sujeira e tem que gostar de fazer "biscotos". Queremos que seja bonita, esperta e que

nos ajude com o dever de casa. Vamos cuidar bem dela. Queremos "bicicletas", uma vermelha e uma "azu". Você ainda tem um montão de tempo para encontrar a mamãe e para fazer as "bicicletas", assim vai poder "aproveita" as festas de fim de ano. Obrigado. Amor, Zeke e Zack.

Capítulo Um

TAYLOR'S GROVE, POPULAÇÃO: 2.340 pessoas. Não, 2.341, pensou Nell presunçosamente, enquanto entrava no auditório da escola de ensino médio. Estava na cidade há apenas dois meses, mas já se sentia em casa. Amava o ritmo tranquilo, os quintais limpos e as pequenas lojas. Amava a fofoca inocente entre os vizinhos, os balanços nas varandas da frente, as calçadas cheias de neve.

Se alguém lhe dissesse, um ano antes, que ela trocaria Manhattan por um ponto no mapa, a oeste de Maryland, Nell diria que a pessoa estava louca. Mas ali estava ela, a nova professora de música da Escola Secundaria de Taylor's Grove, tão confortável e bem acomodada quanto um velho cão de caça em frente à lareira.

Ela precisava de uma mudança, isso era certo. No ano anterior, a colega com quem dividia o apartamento saiu para se casar e ela herdara um aluguel descomunal, com o qual simplesmente não era capaz de arcar. A outra moça com quem passara a dividir o aluguel e a quem entrevistara cuidadosamente também acabara se mudando... levando tudo o que havia de valor no apartamento. Essa aventura desagradável levara ao confronto final, odioso, com seu quase noivo. Quando Bob a repreendera, chamando-a de estúpida, ingênua e descuidada, Neil decidira que já estava na hora de cortar o mal pela raiz.

Ela acabara de demitir Bob de seu posto de quase noivo quando foi notificada de sua própria demissão. A escola onde ensinara por três anos estava reduzindo custos, como eles haviam eufemisticamente colocado a questão. O cargo de professora de música fora extinto e, por causa disso, também não havia mais lugar para Nell.

Um apartamento quase vazio com o qual não podia mais arcar, um noivo que considerava sua natureza otimista um perigo e a perspectiva de enfrentar a fila do desemprego acabaram por ofuscar o brilho de Nova York.

Quando, por fim, decidiu se mudar, Nell resolveu que faria uma grande mudança. A ideia de ensinar em uma cidade pequena rapidamente criara raízes. Uma inspiração, pensou ela agora, pois já se sentia como se morasse ali há anos.

O aluguel que pagava era bem barato para permitir que vivesse sozinha e gostasse. Seu apartamento, que ocupava todo o andar superior de uma antiga casa remodelada, ficava à distância de uma curta e agradável caminhada até o *campus* onde estavam reunidas a escola de ensino fundamental e a de ensino médio.

Apenas duas semanas depois do seu tenso primeiro dia de aula ela já desenvolvera um sentimento de posse por seus alunos e estava ansiosa pela primeira sessão extraclasse com o coral.

Nell estava determinada a criar um programa para as festas de fim de ano que fizesse parar a cidade.

O velho piano estava no centro do palco. Ela caminhou até ele e sentou-se. Seus alunos logo chegariam, mas ela ainda tinha alguns instantes só para ela.

Nell flexionou os dedos e relaxou a mente enquanto tocava um antigo blues de Muddy Waters. Pianos velhos e cheios de cicatrizes eram perfeitos para tocar blues, ela pensou, e se entregou ao momento.

— Uau, ela é demais! — murmurou Holly Linstrom Para Kim, enquanto as duas entravam silenciosamente Pela parte de trás do auditório.

— E mesmo. — Kim estava com as mãos sobre os ombros dos primos gêmeos. Era um aperto firme que ordenava silêncio e prometia represálias em caso de desobediência. — O velho Sr. Striker nunca tocou nada assim.

— E as roupas dela são tão modernas! — Admiração e inveja se misturavam na voz de Holly enquanto ela examinava a calça justa e a blusa de manga curta para fora da calça, com a camiseta listrada sem mangas por cima, que Nell usava. — Não sei por que alguém de Nova York viria para cá. Você viu os brincos que ela usava hoje? Aposto que os comprou em algum lugar quente na Quinta Avenida.

Os acessórios de Nell já haviam se tornado lendários entre as alunas. Ela sempre usava coisas únicas, incomuns. Seu gosto para roupas, seu cabelo louro-escuro, cortado bem na altura dos ombros e que sempre parecia maravilhosamente desganhado, sua

risada rápida e rouca, e sua total ausência de formalidade, já a haviam tornado querida por seus alunos.

— Ela tem estilo, é verdade. — Mas, naquele momento, Kim estava mais intrigada com a música do que com o guarda-roupa da pianista.

— Cara, eu gostaria de poder tocar assim.

— Cara, eu gostaria de ter uma aparência assim — retrucou Holly, e caiu na gargalhada.

Nell sentiu que tinha plateia, olhou para trás e sorriu.

— Venham, meninas! Concerto grátis!

— Esse som é maravilhoso, srta. Davis. — Segurando firme os dois meninos, Kim começou a descer o corredor que levava até o palco. — O que é?

— Muddy Waters. Vamos precisar encaixar um pouco de iniciação ao blues no currículo. — Nell reclinou-se um pouco mais para trás e observou os dois meninos de feições doces, um de cada lado de Kim. Houve uma rápida e estranha onda de reconhecimento que ela não entendeu. — Bem, olá rapazes!

Quando ambos sorriram em retribuição, duas covinhas idênticas se formaram no lado direito dos rostos, junto à boca.

— Você sabe tocar "Chopsticks"? — quis saber Zeke.

Antes que Kim pudesse expressar seu constrangimento diante da pergunta, Nell começou a tocar uma melodia animada.

— Que tal? — ela perguntou ao terminar.

— Perfeito!

— Sinto muito, srta. Davis. Eu estou meio que presa a eles por uma hora. São meus primos, Zeke e Zack Taylor.

— Os Taylor de Taylor's Grove. — Nell girou no banco, ficando de costas para o piano. — Aposto que vocês são irmãos. Percebo uma leve semelhança entre vocês.

Os dois meninos deram risadas.

— Nós somos gêmeos — informou Zack.

— Mesmo? Agora, aposto que vou ter que tentar descobrir quem é quem. — Nell chegou até a beira do palco, sentou-se e estreitou os olhos para ver bem os meninos. Eles

voltaram a rir. Os dois haviam perdido um dente da frente recentemente. — Zeke — disse ela, apontando com o dedo. — E Zack.

Satisfeitos e impressionados, eles assentiram.

— Como você soube?

Não havia o menor sentido, nem seria divertido, confessar que ela simplesmente arriscara.

— Magia. Vocês gostam de cantar, meninos?

— Mais ou menos. Um pouco.

— Bem, hoje vocês podem nos assistir. Podem se sentar na primeira fileira e ser nossa plateia experimental.

— Obrigada, srta. Davis — murmurou Kim, e empurrou os garotos gentilmente na direção dos assentos. — Eles são bem legais na maior parte do tempo. Fiquem aí — ordenou, com a absoluta autoridade de uma prima mais velha.

Nell piscou para os meninos enquanto se levantava, e gesticulou para que os outros alunos se organizassem em fila.

— Subam. Vamos começar.

Muito do trabalho que foi feito no palco pareceu chato para os gêmeos. Primeiro, foi apenas muita falação e, depois, alguma confusão, conforme as folhas com a música eram passadas e os garotos e as garotas assumiam suas posições.

Mas Zack estava observando Nell. A professora tinha um cabelo bonito e grandes olhos castanhos. Como os de Zark, pensou ele com profundo carinho. A voz dela era gentil e engraçada, meio rouca e profunda, mas bonita. De vez em quando, ela se virava para ele e sorria. E quando a professora fazia isso, acontecia uma coisa estranha com o seu coração, como se ele estivesse batendo mais rápido, do jeito que acontecia quando corria.

Ela virou-se para um grupo de garotas e cantou. Era uma canção de Natal, o que fez os olhos de Zack se arregalarem. Ele não se lembrava direito do nome, era alguma coisa sobre a luz da meia-noite, mas ele reconheceu-a dos discos que o pai colocava para tocar na época das festas de fim de ano.

Uma canção de Natal. Um desejo de Natal.

— É ela — sussurrou ele para o irmão, cutucando-o com força nas costelas.

— Quem?

— E nossa mamãe.

Zeke parou de brincar com o boneco que trouxera no bolso, levantou os olhos para o palco, onde Nell estava dirigindo o grupo de contraltos.

— A professora de Kim é nossa mamãe?

— Tem que ser. — Muito animado, Zeke manteve a voz num sussurro conspiratório.

— Já deu tempo de Papai Noel receber a carta. Ela estava cantando uma canção de Natal, e tem cabelo amarelo e um sorriso bonito. E também gosta de garotinhos. Posso garantir.

— Talvez. — Não parecendo muito convencido, Zeke analisou Nell. Ela era bonita, pensou. E ria bastante, mesmo quando algum dos garotos grandes fazia alguma coisa errada. Mas isso não significava que gostava de cachorros ou que sabia fazer biscoitos. — Mas ainda não temos como saber com certeza.

Zack bufou, impaciente.

— Ela soube sobre nós. Soube qual era qual. Magia. — Os olhos dele estavam solenes quando olhou para o irmão. — E nossa mamãe.

— Magia — repetiu Zeke, e ficou encarando Nell, quase vesgo. — Teremos que esperar até o Natal para tê-la?

— Acho que sim. Provavelmente. — Esse era um quebra-cabeça no qual Zack teria que trabalhar.

Quando Mac Taylor parou sua picape em frente à escola, tinha a cabeça cheia com uma dezena de problemas diferentes para resolver. O que fazer para o jantar das crianças. Que material usar no chão do seu projeto na Meadow Street. Como encontrar tempo para dirigir até o shopping e comprar roupas de baixo para os meninos. Na última vez em que dobrara a roupa lavada, percebera que a maior parte da roupa de baixo que tinham estava condenada à pilha de trapos. E ainda precisava lidar com uma entrega de madeira bem cedo na manhã seguinte e com um monte de papéis de trabalho ainda naquela noite.

Além disso, sabia que Zeke estava preocupado com seu primeiro teste de soletrar que aconteceria em poucos dias.

Mac guardou as chaves no bolso e alongou os músculos dos ombros. Trabalhara com um martelo pela maior parte das últimas oito horas. Não se importava com as dores. Era

um tipo bom de cansaço, significava que ele realizara alguma coisa. A reforma na casa da Meadow Street estava dentro do cronograma e do orçamento. Assim que terminasse, ele precisaria decidir se a colocaria para vender ou se alugaria.

Seu contador tentaria decidir por ele, mas Mac sabia que a escolha final seria dele. Era assim que preferia.

Ele olhou ao redor, enquanto caminhava do estacionamento até a escola. Seu tataravô fora o fundador da cidade — que naquela época era pouco mais do que um vilarejo próximo ao riacho, o Taylor's Créele, e que se estendia sobre as encostas ondulantes da Taylor's Meadow.

O velho Macauley Taylor não era nem um pouco modesto

Mas Mac morara em Washington por mais de 12 anos. Voltara para Taylor's Grove há seis anos, mas ainda não perdera o prazer, nem o orgulho, de simplesmente apreciar as colinas, as árvores e a sombra das encostas das montanhas distantes.

E achava que não perderia esse prazer nunca.

O ar estava fresco e uma brisa agradável vinha do oeste. Mas eles já haviam tido uma geada, apesar de as folhas ainda guardarem o verde profundo do verão. O tempo bom tornava a vida mais fácil por dois motivos: enquanto durasse, ele poderia terminar confortavelmente a parte externa do trabalho na casa; e os garotos poderiam aproveitar as tardes e noites no quintal.

Mac sentiu uma rápida pontada de culpa enquanto abria as portas pesadas e entrava na escola. O trabalho dele mantivera os filhos presos ali dentro naquela tarde.

A chegada do outono significava que sua irmã mergulharia de cabeça em diversos projetos comunitários. Mac não podia se impor a ela, pedindo que olhasse os gêmeos. A agenda de Kim depois da escola estava cada vez mais cheia e ele simplesmente não podia aceitar a ideia de que suas crianças fossem dessas que ficam sozinhas em casa enquanto os pais estão no trabalho.

Assim, a solução agradara a todos. Kim levaria os meninos para seus ensaios, e ele pouparia a irmã de ter que ir à escola pegá-los e depois ainda ter que levá-los para casa.

Kim tiraria sua carteira de motorista em alguns meses. Ela não parava de lembrar a todos esse fato. Mas Mac duvidava muito que teria coragem de sentar os filhos em um

carro com sua sobrinha de 16 anos no volante, não importava o quanto a amasse e confiasse nela.

Você os mimou demais. Mac revirou os olhos ao ouvir a voz da irmã em sua cabeça. *Não pode ser sempre pai e mãe para eles, Mac. Se não tem interesse em encontrar uma esposa, então terá que aprender a relaxar um pouco.*

Ao diabo que ele faria isso, pensou Mac.

Ao se aproximar do auditório, pôde ouvir o som de vozes jovens se elevando em uma canção. Harmonia sutil. Um som sensível e agradável que o fez sorrir antes mesmo de reconhecer a melodia. Um hino de

Natal. Era estranho ouvir isso agora, com o suor do dia ainda secando em suas costas.

Ele empurrou as portas do auditório e a música ocupava todo o espaço. Encantado, ficou de pé no fundo, observando os cantores. Uma das alunas tocava piano. Uma moça linda, pensou Mac, que agora olhava para cima e gesticulava para animar os colegas a se esforçarem mais.

Ele conjecturava onde estaria a professora de música quando viu os filhos sentados nos assentos da primeira fileira. Mac caminhou silenciosamente pelo corredor, acenou para Kim quando seus olhares se encontraram, sentou-se atrás dos filhos e se inclinou à frente.

— Belo show, hein?

— Papai! — Zack quase gritou, então se lembrou bem a tempo de falar em um sussurro animado. — É Natal!

— Com certeza, é como soa. Como está indo Kim?

— Ela é ótima. — Zeke agora se considerava um especialista em arranjos de corais.

— Ela vai fazer um solo.

— E mesmo?

— Kim ficou com o rosto vermelho quando a srta. Davis lhe pediu para cantar sozinha, mas se saiu bem. — Zeke estava muito mais interessado em Nell naquele momento. — Ela é bonita, não é?

Um pouco surpreso diante da declaração do filho — os gêmeos eram apaixonados por Kim, mas não eram muito dados a elogios —, ele assentiu.

— Sim. A garota mais bonita da escola.

— Podemos convidá-la para jantar — disse Zack, esperto. — Não podemos?

Confuso, agora, Mac emaranhou o cabelo do filho.

— Você sabe que Kim pode jantar conosco sempre que quiser.

— Kim, não. — Imitando um gesto do pai, Zack revirou os olhos. — Puxa, papai, a Srta. Davis.

— Quem é a srta. Davis?

— A mã... — a declaração de Zeke foi cortada pela cotovelada que recebeu do irmão.

— A professora — completou Zack, com um olhar irritado para Zeke. — A mais bonita. — Ele apontou e o pai acompanhou a direção até o piano.

— Ela é a professora? — Antes que Mac pudesse reavaliar o que pensara, houve um último acorde, a música parou e Nell se levantou.

— Foi muito bom mesmo! Uma primeira passada muito consistente. — Ela colocou o cabelo alvoraçado Para trás. — Mas ainda precisamos trabalhar muito. Gostaria de marcar o próximo ensaio para segunda-feira, depois da aula. Às 15h45.

No mesmo instante começaram as conversas e a agitação, e Nell precisou subir o tom de voz para conseguir transmitir o restante das suas instruções acima do barulho. Satisfeita, virou-se para sorrir para os gêmeos e se pegou rindo para uma versão mais velha, e muito mais perturbadora, dos gêmeos Taylor.

Não havia dúvida de que era o pai deles, pensou Nell. O mesmo cabelo cheio e escuro, encaracolando sobre o colarinho de uma camiseta suja. Os mesmos olhos azul-piscina, orlados por cílios longos e escuros, a encaravam. O rosto podia não ter a delicadeza levemente arredondada das crianças, mas a versão mais rude também era muito atraente. Ele era alto e magro, e tinha o tipo de braço que parecia forte sem ser obviamente musculoso. Estava bronzeado e mais do que um pouco sujo. Ela se pegou imaginando se aparecia uma covinha no canto direito de sua boca quando ele sorria.

— Sr. Taylor. — Em vez de descer pelas escadas, ela pulou do palco, tão ágil quanto qualquer uma de suas alunas, e estendeu a mão cheia de anéis para ele.

— Srta. Davis. — Ele cobriu a mão dela com as suas, calosas, lembrando-se tarde demais de que não estava lá muito limpo. — Agradeço por ter deixado as crianças ficarem aqui, enquanto Kim ensaiava.

— Sem problema. Eu trabalho melhor com plateia. — Inclinando a cabeça, ela baixou o olhar para os gêmeos. — Bem, rapazes, como nos saímos?

— Foi perfeito — falou Zeke. — As músicas de Natal são as nossas preferidas.

— São as minhas também.

Kim se juntou a eles, ainda agitada e lisonjeada pela ideia de fazer um solo.

— Olá, tio Mac. Vejo que já conheceu a srta. Davis.

— Sim. — Não havia muito mais a dizer. Ele ainda achava que ela parecia muito jovem para ser professora. Não a adolescente por quem a tomara, percebeu. Mas aquela pele perfeita e sedosa e o corpo pequenino realmente confundiam. E eram muito atraentes.

— Sua sobrinha é muito talentosa. — Em um movimento espontâneo, Nell envolveu os ombros de Kim com o braço. — Ela tem uma voz maravilhosa e entende rápido o que a música significa. Estou encantada por tê-la no grupo.

— Também gostamos dela — disse Mac, fazendo Kim ruborizar novamente.

Zack mudava o peso do corpo de um pé para o outro. Não era para eles estarem falando sobre a tonta da Kim.

— Talvez você pudesse vir nos visitar uma hora dessas, Srta. Davis — ele levantou a voz. — Nós vivemos na grande casa marrom na Mountain View Road.

— Isso seria legal. — Mas Nell percebeu que o pai de Zack não confirmara o convite, nem parecera especialmente satisfeito com ele. — E vocês, rapazes, serão bem-vindos como nossa plateia sempre que quiserem. Quanto a você, Kim, trabalhe nesse solo.

— Vou trabalhar, Srta. Davis. Obrigada.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Taylor. — Ele apenas murmurou uma resposta e Nell voltou a subir no palco para pegar suas pautas musicais.

Era lamentável, pensou ela, que o pai não tivesse o charme expansivo e a cordialidade dos filhos.

Capítulo Dois

POUCAS COISAS ERAM melhores do que um passeio de carro pelo campo numa tarde agradável de outono. Nell se lembrou de como costumava passar seus sábados livres em Nova York. Algumas compras — se ela sentia falta de alguma coisa em Manhattan, era das compras —, talvez um passeio pelo parque. Nunca uma corrida. Nell não acreditava em corridas — afinal, andando se chegava ao mesmo lugar.

E dirigir, bem, isso era ainda melhor. Até aquele momento, ela não se dera conta do prazer que era não apenas ter um carro, mas ser capaz de andar em boa velocidade pelas curvas das estradas do interior, com as janelas abertas e o rádio tocando.

As folhas estavam começando a cair, quando setembro já estava em seu auge. O vermelho já competia com o verde. Numa estrada em especial, na qual ela entrou por impulso, as grandes árvores formavam um arco sobre o asfalto, uma abóbada espetacular, que deixava passar uma luz suave e se estendia por toda a extensão da estrada, que acompanhava o serpentear de um rio de águas rápidas.

Nell não percebeu que estava em Mountain View até ver a placa indicando o lugar.

A grande casa marrom, ela se lembrou do que Zack dissera. Não havia muitas casas ali, a mais de 3 quilômetros do centro da cidade, mas ela vislumbrou algumas através das árvores. Marrons, brancas, azuis — algumas mais próximas do leito do rio, outras mais no alto, aonde se chegava através de estreitos caminhos de terra esburacados.

Um lugar adorável para viver, ela pensou. E para criar filhos. Apesar de Mac Taylor ser taciturno e esquisito, a verdade é que fizera um excelente trabalho com os filhos.

Já sabia que Mac cuidava deles sozinho. Não demorara muito para Nell entender o ritmo das cidades pequenas. Um comentário aqui, uma pergunta casual ali, e ela conseguira a biografia completa dos homens Taylor.

Mac vivera em Washington desde que sua família se mudara da cidade quando ele era adolescente. Seis anos atrás, voltara, com dois filhos gêmeos a reboque. Sua irmã mais velha havia cursado uma universidade local, casara-se com um rapaz da cidade e se instalara em Taylor's Grove anos antes. O consenso geral era de que fora ela quem o animara a voltar para a cidade e criar os filhos ali quando a esposa o abandonara.

Deixando as pobres criancinhas desamparadas, a sra. Hollis contara a Nell no setor de pães do mercado. Fugiu sem uma única palavra e, desde então, nunca entrara em contato. E o jovem Macauley Taylor se tornara pai e mãe dos seus gêmeos desde então.

Talvez, pensou Nell cinicamente, se ele ao menos conversasse com a esposa de vez em quando, ela tivesse ficado com ele.

Não, isso não era justo. Não havia nenhuma desculpa que ela pudesse encontrar para uma mulher abandonar os filhos ainda bebês e não entrar em contato com eles por seis anos. Não importa o tipo de marido que Mac Taylor tivesse sido, as crianças mereciam uma mãe melhor.

Nell se lembrou deles, então, aqueles dois meninos idênticos e travessos. Sempre fora apaixonada por crianças, e os gêmeos Taylor eram prazer em dose dupla. Adorara tê-los na plateia dos ensaios, uma ou duas vezes na semana. Zeke até mesmo lhe mostrara seu primeiro teste de soletrar — contemplado com uma grande estrela prateada. Se ele não tivesse errado apenas uma palavra, lhe contara, teria recebido uma dourada.

Também não pudera ignorar o jeito envergonhado como Zack a olhava, ou os sorrisos rápidos, antes que ele enrubescesse e baixasse os olhos. Era muito doce ser o alvo da primeira paixão infantil do menino.

Nell suspirou de prazer enquanto o carro emergia da abóbada de árvores para a luz. Lá, onde as montanhas tinham dado nome à estrada, abria-se subitamente um vívido céu azul. A estrada serpenteava, mas as montanhas estavam sempre à vista, escuras, distantes e dramáticas.

A terra se erguia nas laterais do caminho, em cadeias de colinas e saliências rochosas. Ela diminuiu a velocidade quando viu uma casa no topo de uma colina. Marrom. Provavelmente, feita de cedro, pensou, com a base de pedra e o que pareciam ser quilômetros de vidro cintilante. A casa tinha um deque que contornava o segundo piso, e

muitas árvores garantiam sombra e privacidade. Em uma delas estava pendurado um pneu.

Nell imaginou se aquela seria mesmo a casa dos Taylor. Ela esperava que sim, que seus novos amiguinhos vivessem em um lar tão sólido e bem planejado. Então, passou pela caixa de correio fincada na lateral da estrada, bem na entrada do caminho que levaria à casa.

Sr. Taylor e filhos.

Isso a fez sorrir. Satisfeita, apertou o acelerador e não entendeu quando o carro engasgou e parou.

— Qual o problema aqui? — resmungou, soltando o pedal e voltando a apertá-lo. Dessa vez, o carro engasgou e morreu de vez. — Pelo amor de Deus! — Apenas levemente aborrecida, ela começou a virar a chave para ligar o motor novamente, quando olhou para o painel. O sinal de alerta de combustível baixo, no mostrador de gasolina, estava aceso.

— Estúpida — disse Nell em voz alta, repreendendo-se. — Estúpida, estúpida. Você não deveria ter posto gasolina *antes* de sair da cidade? — Ela se recostou e suspirou. Tivera realmente essa intenção. Assim como tivera a mesma intenção na véspera, logo depois das aulas.

Agora estava a mais de 3 quilômetros do centro da cidade, e não havia uma alma à vista. Soprando o cabelo Para longe dos olhos, ela olhou para a casa do sr. Taylor e filhos. Uma caminhada de uns 400 metros, estimou. O que era muito melhor do que mais de 3 quilômetros. E ela havia, de certa forma, sido convidada.

Assim, pegou as chaves e começou a subir a estradinha que levava à casa.

Mal havia passado da metade do caminho quando os meninos a avistaram. Eles desceram correndo o terreno pedregoso e acidentado em uma velocidade que gelou seu coração. Mas os dois tinham o passo firme como pequenos cabritinhos, e logo a alcançaram. Atrás deles vinha um enorme cachorro amarelo.

— Srta. Davis! Olá, Srta. Davis! Veio nos ver?

— Mais ou menos. — Rindo, ela se agachou para dar um abraço em cada um e sentiu o cheiro de chocolate. Antes que pudesse comentar alguma coisa, o cachorro decidiu que queria participar do encontro. E foi bastante comedido para colocar suas patas enormes em suas coxas, e não em seus ombros.

Zack prendeu a respiração, mas logo respirou aliviado quando viu a professora rindo e se abaixando para coçar a cabeça e as costas de Zack.

— Você é um garoto grande, não é? Grande e bonito!

Zark lambeu a mão dela para demonstrar sua total concordância. Nell viu os gêmeos trocarem um rápido olhar. Um olhar ao mesmo tempo presunçoso e animado.

— Você gosta de cachorros? — perguntou Zeke.

— É claro que gosto. Talvez eu arrume um para mim. Nunca tive coragem de trancar um cachorrinho em um apartamento em Nova York. — E começou a rir quando Zark se sentou e estendeu a pata. — Agora já é tarde demais para formalidades, companheiro — lhe disse ela, mas apertou a pata de qualquer maneira. — Eu estava dando um passeio de carro e minha gasolina acabou bem na frente da estradinha que traz até a casa de vocês. Não é engraçado?

O sorriso de Zack era tão grande que parecia ocupar todo o seu rosto. Ela gostava de cachorros. E ficara sem combustível bem diante da casa deles. Ele teve certeza de que isso era mais um sinal mágico.

— Papai vai consertar seu carro. Ele consegue consertar tudo. — Mais confiante agora que ela estava no território deles, Zack pegou a mão de Nell. Sem querer ficar por baixo, Zeke pegou a outra.

— Papai está lá atrás, fazendo uma "cadeira de roda".

— Uma cadeira giratória? — sugeriu Nell.

— Na-Não. Uma "cadeira de roda". Venha ver.

Eles a puxaram enquanto contornavam a casa, passando por um solário que recebia a luz que vinha do sul. Havia outro deque nos fundos, com degraus que desciam até um pátio com piso de cerâmica. A oficina ficava no quintal, atrás. Era feita do mesmo cedro que a casa e parecia bem grande para abrigar uma família de quatro pessoas. Nell ouviu os golpes do martelo na madeira.

Ardendo de agitação, Zeke correu para entrar na oficina.

— Papai! Papai! Adivinha!

— Eu adivinho que você acaba de me tirar cinco anos de vida com o susto que me deu.

Nell ouviu a voz de Mac, profunda, divertida e tolerante, e hesitou.

— Detesto incomodá-lo. Ele está ocupado — disse para Zeke. — Talvez eu possa apenas ligar para o posto na cidade.

— Está tudo bem, venha! — Zack puxou-a um pouco mais até que entrassem.

— Está vendo? — disse Zeke, com ar de importante. — Ela veio!

— Sim, estou vendo. — Pego desprevenido pela visita inesperada, Mac apoiou o martelo em sua bancada de trabalho. Ele levantou a aba do boné que usava e franziu a testa sem querer. — Srta. Davis.

— Sinto muito incomodá-lo, Sr. Taylor — começou Nell, e então viu o projeto em que ele estava trabalhando. — Uma cadeira Adirondack — murmurou, e sorriu. — Uma "cadeira de roda". Está uma beleza.

— Vai ficar. — Será que deveria oferecer um café?, se perguntou ele. Um passeio pela casa? O que deveria fazer? Ela não devia ser tão bonita, se irritou, sabendo que o pensamento era uma grande bobagem. Não havia nada de extraordinário nela. Bem, talvez os olhos. Eram grandes e castanhos. Mas o resto realmente era comum. Devia ser a forma como tudo se juntava, decidiu, que tornava o conjunto tão extraordinário.

Sem saber ao certo se achava o jeito como ele a encarava divertido ou desconfortável, Nell começou a se explicar.

— Eu estava dando um passeio de carro. Em parte por causa do prazer de simplesmente passear e em parte para tentar me familiarizar com a região. Só estou aqui há dois meses.

— E mesmo?

— A srta. Davis é da cidade de Nova York, papai — lembrou Zack. — Kim lhe disse.

— Sim, é verdade. — Ele pegou novamente o martelo e voltou a baixá-lo. — Está mesmo um belo dia para um passeio de carro.

— Foi o que pensei. Tão belo que acabei me esquecendo de colocar gasolina no carro antes de sair da cidade. Acabei parando bem na frente da estradinha que traz até a casa de vocês.

Uma centelha de suspeita escureceu os olhos dele.

— Isso foi bem conveniente.

– Não particularmente. – A voz dela, embora continuasse amigável, se tornara fria.
– Agradeceria se pudesse usar seu telefone para ligar para o posto na cidade.

– Eu tenho gasolina – murmurou ele.

– Viu? Eu lhe disse que papai podia consertar seu carro – disse Zack, orgulhoso. – Nós temos brownies – acrescentou ele, tentando desesperadamente conseguir uma maneira de fazê-la ficar mais tempo. – Foi papai quem fez. Você pode provar um.

– Bem que eu achei que havia sentido cheiro de chocolate. – Ela levantou Zack nos braços e cheirou o rosto dele. – Tenho um ótimo faro para chocolate.

Movido pelo instinto, Mac tirou Zack dos braços dela.

– Vocês, rapazes, vão pegar alguns brownies. Nós vamos pegar a gasolina.

– Está certo! – Eles saíram correndo.

– Eu não ia raptá-lo, Sr. Taylor.

– Não disse que ia. – Ele andou em direção à porta e olhou para trás. – A gasolina está no galpão.

Com os lábios cerrados, Nell acompanhou-o para fora da oficina.

– O senhor teve algum trauma com uma professora quando estava em uma idade impressionável, Sr. Taylor?

– Mac. Apenas Mac. Não, por quê?

– Estou imaginando se temos um problema pessoal ou profissional aqui.

– Eu não tenho problema algum. – Ele parou diante de um galpão pequeno, onde guardava sua máquina de cortar grama e as ferramentas para trabalhar no jardim, e disse:
– É engraçado que as crianças tenham lhe contado onde moramos e você tenha ficado sem combustível bem aqui em frente.

Nell respirou fundo e observou enquanto ele se inclinava para pegar uma lata e tornava a se virar para ela.

– Veja, não estou mais satisfeita do que você em relação a esta situação. Depois desta recepção, aliás, estou bem menos satisfeita. Acontece que esse é o primeiro carro que tenho na vida, e ainda estou me acostumando a lidar com algumas coisas. Também fiquei sem combustível no mês passado, em frente ao armazém. Pode checar, se quiser.

Ele deu de ombros, sentindo-se estúpido e desnecessariamente irascível.

– Desculpe.

— Esqueça. Se me der a lata, usarei o que precisar para conseguir voltar para a cidade, então, voltarei a enchê-la e a devolverei.

— Eu tomarei conta disso — murmurou ele.

— Não quero lhe dar trabalho. — Ela estendeu a mão para pegar a lata e isso fez com que travassem um rápido cabo de guerra. Depois de um momento, a covinha na lateral da boca de Mac apareceu.

— Sou maior do que você.

Ela deu um passo atrás e soprou o cabelo para longe dos olhos.

— Muito bem. Banque o homem superior, então.

— Olhando para Mac com raiva, ela acompanhou-o enquanto ele dava a volta na casa e tentou esconder seu péssimo humor quando os meninos apareceram correndo. Cada um deles segurava um pedaço de toalha de papel cheio de brownies.

— O papai faz os melhores brownies do mundo — disse-lhe Zack, oferecendo-os a ela. Nell pegou um e deu uma mordida.

— Você pode estar certo — ela foi forçada a admitir, com a boca cheia. — E eu sei tudo sobre brownies.

— Você sabe fazer biscoitos? — quis saber Zeke.

— Sou conhecida em toda parte pelos meus biscoitos com gotas de chocolate. — O sorriso dela ficou um pouco confuso quando viu os meninos se entreolharem e assentirem um para o outro. — Vocês devem vir me visitar um dia desses, e farei alguns.

— Onde você mora? — Como o pai não estava prestando muita atenção, Zeke enfiou um brownie inteiro na boca.

— Na Market Street, bem na praça. Na antiga casa de tijolos, com três varandas. Eu aluguei o andar superior.

— Papai é o dono daquela casa — lhe disse Zack.

— Ele a comprou, consertou-a toda e agora a aluga. Nós trabalhamos com imóveis.

— Oh! — Nell deixou escapar um longo suspiro.

— É verdade. — Seus cheques para pagamento do aluguel eram enviados para a Taylor Administradora... na Mountain View Road.

— Assim, você mora na nossa casa — concluiu Zack.

— De certo modo.

– O lugar está bom para você? – perguntou Mac.

– Sim, está ótimo. Me sinto muito confortável lá. E convenientemente perto da escola.

– Papai compra casas e as conserta o tempo todo.

– Zack imaginava se conseguiria comer outro brownie. – Ele gosta de consertar coisas.

Era óbvio, pela completa e cuidadosa reforma na velha casa onde ela vivia agora, que o pai deles a reformara muito bem.

– Você é carpinteiro, então? – perguntou ela, se dirigindo a Mac com relutância.

– As vezes. – Eles chegaram ao carro. Mac fez apenas um sinal com o polegar para avisar aos meninos e ao cachorro que ficassem longe da estrada. Ele abriu a tampa do tanque de combustível e falou, sem olhar para os lados: – Se você comer outro desses, Zeke, vai precisar fazer uma lavagem estomacal.

Envergonhado, Zeke devolveu o brownie ao papel toalha.

– Excelente radar – comentou Nell, inclinando-se sobre o carro enquanto Mac colocava a gasolina.

– Vem com a paternidade. – Ele olhou para ela, então. Seu cabelo voava com o vento e estava dourado pelo sol. O rosto estava rosado pela caminhada e pela brisa. Mac não gostava do que um simples olhar para ela fazia com sua pulsação. – Por que Taylor's Grove? É um longo caminho de Nova York até aqui.

– Exatamente por isso. Queria uma mudança. – Nell respirou fundo e olhou ao redor, para as rochas, as árvores e as colinas. – E consegui.

– Aqui é um pouco devagar, comparado com o que você estava acostumada.

– Devagar é o tipo de coisa que me agrada.

Ele apenas deu de ombros. Suspeitava que em seis meses a professora já estaria profundamente entediada e pronta para partir novamente.

– Kim está muito animada com suas aulas. Fala sobre elas quase tanto quanto fala sobre conseguir a carteira de motorista.

– Isso é um verdadeiro elogio. É uma boa escola. Nem todos os meus alunos são tão participantes quanto Kim, mas gosto de um desafio. Vou recomendá-la para o festival estadual.

Mac inclinou um pouco mais a lata.

– Ela é tão boa assim?

– Você parece surpreso.

Ele encolheu os ombros novamente.

– Ela sempre me pareceu boa, mas o antigo professor de música nunca a escolheu para um solo.

– Dizem que ele nunca teve muito interesse em nenhum dos seus estudantes individualmente, nem em trabalho extra.

– Suas informações estão corretas. Striker era um velho... – Mac se deteve, relanceou o olhar por sobre o ombro para os filhos, que estavam bem perto e eram só ouvidos. – Ele era velho – repetiu – e apegado ao seu próprio modo de fazer as coisas. Sempre o mesmo programa de Natal, o mesmo programa de primavera.

– Sim, vi as anotações de aula que ele deixou. Eu diria que todos devem esperar por uma surpresa este ano. Disseram-me que nenhum estudante de Taylor's Grove nunca foi para o festival estadual.

– Não que eu tenha sabido.

– Bem, vamos mudar isso. – Satisfeita agora por eles terem conseguido entabular uma conversa civilizada, ela jogou os cabelos para trás. – Você canta?

– No chuveiro. – A covinha dele voltou a aparecer, enquanto os meninos caíam na risada. – Sem comentários, pirralhos.

– Ele canta mesmo, e bem alto – disse Zeke, sem medo de represálias. – E faz com que Zark comece a uivar.

– Estou certa de que deve ser um show. – Nell coçou a cabeça do cachorro. Ele balançou o rabo e, seguindo o alarme de algum relógio interno, girou e subiu correndo a colina.

– Tome aqui, srta. Davis. Aqui. – Os dois garotos enfiaram as toalhas de papel cheias de brownies na mão dela e saíram correndo atrás de Zark.

– Imagino que eles não fiquem quietos por muito tempo – murmurou ela, vendo os meninos correrem atrás do cachorro.

– Esse foi quase um recorde. Eles gostam de você.

— Sou uma pessoa simpática. — Ela sorriu, voltou-se para olhar para ele e encontrou-o encarando-a com aquela expressão não muito satisfeita nos olhos. — Pelo menos na maior parte do tempo. Se você colocar essa lata no banco de trás, eu a encherei para você.

— Não precisa. — Mac voltou a colocar a tampa no tanque de combustível e continuou segurando a lata vazia. — Nós somos simpáticos aqui em Taylor's Grove. Na maior parte do tempo.

— Avise-me quando meu período de avaliação acabar. — Nell inclinou-se dentro do carro para colocar os brownies no assento do passageiro. Mac teve uma visão tantalizante e desconfortável do traseiro coberto pelo jeans. Ele também não podia evitar sentir seu perfume, um aroma leve e picante que fazia a cabeça dele girar com mais força do que os vapores da gasolina.

— Não foi isso o que eu quis dizer.

Ela tirou a cabeça de dentro do carro e lambeu um pouco de brownie que ficara no dedo, enquanto esticava o corpo.

— Talvez não. De qualquer modo, agradeço a ajuda. — O sorriso de Nell cintilou enquanto abria a porta do carro para entrar. — E o chocolate.

— Sempre que quiser — Mac se ouviu dizer, e quase se arrependeu.

Nell se acomodou ao volante e dirigiu a ele um sorriso rápido e atrevido.

— Vou fingir que acredito. — Então, ela riu e virou a chave na ignição, forçando o motor de uma maneira que fez Mac se encolher. — Você devia entrar para assistir aos ensaios de vez em quando, Mac, em vez de esperar do lado de fora, no estacionamento. Pode aprender alguma coisa.

Ele não estava certo se queria fazer isso.

— Coloque o cinto de segurança — ordenou.

— Oh, claro. — Ela afivelou o cinto, obedientemente. — Mas não se acostume demais a ser obedecido. Diga aos gêmeos que deixei um beijo. — Nell acelerou o carro a uma velocidade quase temerária e partiu, acenando com a mão pela janela.

Mac a observou até que ela virasse a curva e, então, lentamente esfregou o abdômen, tentando relaxar os músculos tensos. Havia alguma coisa naquela mulher, ele pensou.

Alguma coisa no jeito dela que o fazia sentir-se como se estivesse descongelando, depois de um longo tempo congelado.

Capítulo Três

MAIS MEIA HORA, pensou Mac, e ele terminaria a parede de gesso na suíte principal. Talvez ainda conseguisse aplicar a primeira camada de reboco. Olhou para o relógio e calculou que as crianças estariam chegando em casa, da escola. Mas era o dia da sra. Hollis e ela ficaria até às 17h. Isso lhe daria tempo suficiente para terminar a parede, limpar tudo e ir para casa.

Talvez até presenteasse a si mesmo e às crianças com uma pizza.

Mac já não se importava de cozinhar, mas ainda se ressentia do tempo que isso levava — ter que pensar no que iria fazer, preparar, limpar tudo depois. Seis anos como pai solteiro haviam lhe dado uma nova perspectiva sobre o quanto sua própria mãe — que era dona de casa, essa categoria antiquada e rara — trabalhara duro.

Ele fez uma pausa e olhou ao redor da suíte principal. Derrubara algumas paredes, levantara outras, recolocara no lugar as antigas janelas — que antes tinham apenas uma lâmina de vidro e agora estavam bem melhor, com vidro duplo. Duas clarabóias deixavam entrar a luz pálida do início de outubro.

Agora, a antiga casa possuía três quartos espaçosos no segundo andar, em vez dos quatro cômodos e do corredor excessivamente grande, como era antes de ele começar. A suíte principal contaria com um banheiro bem grande para abrigar uma banheira e um boxe para chuveiro separado. Mac estava avaliando a ideia de separá-lo do quarto por uma parede de tijolos de vidro. Ele já vinha querendo trabalhar com esse material há algum tempo.

Se a obra continuasse dentro do prazo, a casa estaria pronta no Natal e seria posta para vender ou alugar no início do ano seguinte.

Na verdade, deveria vendê-la, pensou Mac, passando a mão pela parede de gesso que levantara naquela tarde. Precisava superar aquele sentimento de posse que sentia sempre que trabalhava em uma casa.

Deve estar no sangue, supôs. Seu pai ganhara um bom dinheiro comprando propriedades em mal estado, recuperando-as e alugando-as. E Mac descobrira como era prazeroso possuir alguma coisa que ele mesmo reformara, com as próprias mãos.

Como a velha casa de tijolos onde Nell morava agora. Ele se perguntava se ela sabia que o prédio tinha mais de 150 anos, e que estava vivendo em um pedaço de história.

Também se perguntava se ela ficara novamente sem combustível.

Aliás, ele andava se perguntando um pouco demais sobre Nell Davis.

E não deveria, lembrou a si mesmo, e voltou-se novamente para suas ferramentas e para a fita de vedação que pretendia usar. Mulheres significavam problemas. De um modo ou de outro, mas sempre problemas. E bastava um olhar em Nell para que um homem inteligente percebesse que ela não era exceção.

Ele não levava adiante a sugestão dela de ir até o auditório e assistir parte do ensaio. Chegara a ir umas duas vezes, mas o bom senso o detivera. Nell era a primeira mulher em muito, muito tempo que mexia com ele. E não quero ninguém mexendo comigo, pensou Mac de cara feia, enquanto aplicava a fita vedante numa fenda da parede. Não podia se permitir isso, lembrou a si mesmo. Já tinha muitas obrigações, muito pouco tempo livre e, mais importante, dois filhos que eram a parte mais importante da sua vida.

Sonhar acordado com uma mulher já era ruim. Fazia com que um homem se tornasse negligente com seu trabalho, descuidado e... ansioso. Mas fazer alguma coisa a respeito era ainda pior. Fazer alguma coisa significava ter que encontrar assuntos para conversar e maneiras de entreter a outra pessoa. As mulheres esperavam ser levadas a lugares, e paparicadas. E quando o homem começava a se apaixonar — a se apaixonar de verdade —, elas tinham o poder de arrancar seu coração.

Mac não estava disposto a arriscar seu coração novamente, e, com certeza, não iria arriscar o coração dos filhos.

Ele não concordava com esse absurdo de que as crianças precisavam de um toque feminino, ou de amor materno. A mãe dos gêmeos tivera menos apego aos filhos que colocara no mundo do que uma gata tem em relação a sua cria. Ser mulher não garante a

existência de sentimentos maternos, apenas significa que aquela pessoa é fisicamente capaz de carregar uma criança dentro do corpo. Mas isso não quer dizer necessariamente que ela vai saber o que fazer quando tiver aquela criança nos braços.

Mac parou o serviço de vedação que estava fazendo e praguejou. Não pensava em Angie há anos. Pelo menos não profundamente. E agora que ela voltava à sua mente percebia que ainda era um ponto doloroso, como uma antiga ferida que não estivesse bem cicatrizada. Era isso que conseguia, pensou, ao deixar uma determinada lourinha mexer com ele.

Aborrecido consigo mesmo, Mac arrancou o último pedaço de fita vedante do rolo. Precisava se concentrar em seu trabalho, não numa mulher. Determinado a terminar o que começara, desceu as escadas pisando firme. Tinha mais fita vedante na picape.

A luz ao ar livre estava mais suave, com a proximidade do anoitecer. Dias mais curtos, ele pensou. Menos tempo.

Mac já descera as escadas e caminhava em direção à calçada quando a viu. Nell estava parada bem na entrada do terreno, olhando para a casa, com um leve sorriso no rosto. Usava uma jaqueta de camurça em um tom laranja brilhante e jeans desbotados. Pedras cintilantes pendiam de suas orelhas e nos ombros ela carregava uma pasta que parecia já ter um bom tempo de uso.

— Oh! Olá. — A surpresa brilhou nos olhos dela quando o encarou, o que logo o deixou desconfiado.

— Esta é uma das suas propriedades?

— Isso mesmo. — Ele passou por ela para chegar à picape, e desejou ter se lembrado de prender a respiração. O perfume de Nell era sutil, mas cheio de efeito.

— Estava apenas admirando. O trabalho em pedra é maravilhoso. Parece tão robusto e seguro, tão aconchegante no meio de todas essas árvores. — Ela respirou fundo. Já havia um leve aroma de outono no ar. — Esta será uma bela noite.

— Parece que sim. — Mac achou a fita que estava procurando e voltou-se, girando o rolo nas mãos.

— Ficou sem combustível de novo?

— Não. — Ela riu, obviamente divertida consigo mesma. — Gosto de andar pela cidade a esta hora do dia. Na verdade, eu estava indo para a casa da sua irmã. Fica algumas casas mais à frente, certo?

Os olhos dele se estreitaram. Não gostava da ideia de que aquela mulher em quem vinha pensando tanto estivesse próxima de sua irmã.

— Sim, isso mesmo. Por quê?

— Por quê? — A atenção dela estava concentrada nas mãos dele. Havia alguma coisa a respeito delas. Duras, calosas. Grandes. Nell sentiu uma agitação rá pida e muito agradável na boca do estômago. — Por que, o quê?

— Por que está indo à casa de Mira?

— Oh! Pensei em levar para Kim algumas pautas musicais que tenho.

— Isso está certo? — Ele se apoiou na picafe e examinou Nell de cima a baixo. O sorriso dela era cordial demais, decidiu. Atraente demais. — É parte das atribuições do seu cargo fazer visitas à casa dos alunos para levar pautas musicais?

— É parte da diversão. — O cabelo dela se alvoroçou com a brisa fresca e ela o colocou novamente para trás. — Nenhum emprego vale o esforço ou as dores de cabeça que provoca se não pudermos nos divertir. — Ela virou-se para olhar a casa. — Você se diverte, não é mesmo? Pegando alguma coisa e tornando-a sua?

Ele começou a dizer alguma coisa ácida e, então, percebeu que ela tocara bem no ponto.

— Sim. Nem sempre parece divertido, como quando tenho que arrancar telhados e o material isolante acaba fazendo com que chova em minha cabeça. — Ele sorriu levemente.

— Mas, no fim, é divertido, sim.

— Vai me deixar ver? — Ela indicou a casa com a cabeça. — Ou você é como um desses artistas temperamentais que não gosta de mostrar o trabalho até a última pincelada?

— Não há muito para ser visto. — Então, ele deu de ombros. — Mas é claro que você pode vir quando quiser.

— Obrigada. — Ela começou a caminhar na direção da casa, mas quando olhou por sobre o ombro viu que ele continuava parado junto à picafe. — Você não vai me mostrar?

Mac voltou a encolher os ombros e acompanhou-a.

— Foi você quem fez o acabamento no meu apartamento?

— Sim.

— É um belo trabalho. A madeira parece cerejeira. Ele franziu o cenho, surpreso.

— É cerejeira.

— Gosto das beiradas arredondadas. Tornam tudo mais suave. Contratou um decorador para escolher as cores ou foi você mesmo quem escolheu?

— Eu as escolhi. — Mac abriu a porta para ela. — Algum problema?

— Não. Na verdade, adoro o esquema de cores da cozinha, as bancadas de ardósia azul, o chão cor de malva. Oh, que escada fabulosa! — Ela atravessou correndo a sala de estar ainda não terminada e foi até a base da escadaria.

Mac trabalhara duro e por muito tempo nela, arrancando a escada antiga e colocando a nova, de nogueira escura, que fazia a curva e se alargava no topo de um modo que parecia flutuar sobre o espaço da sala de estar.

Sem dúvida, aquela escada era seu orgulho e alegria naquela casa.

— Você construiu isso? — murmurou Nell, passando a mão sobre o corrimão curvo.

— A antiga estava quebrada, a madeira estava podre. Precisava ser substituída.

— Tenho que testá-la. — Ela subiu e virou-se para ele, rindo, quando chegou ao topo. — Sem rangidos. Um bom trabalho, mas não muito nostálgico.

— Nostálgico?

— Você sabe, do jeito que ficamos quando nos lembramos da casa onde crescemos e o jeito como nos enfiávamos sob as escadas quando éramos crianças. Ou, já crescidos, como sabíamos exatamente que degraus precisávamos evitar para que não rangessem e acordassem nossa mãe.

Subitamente, ele percebeu que estava com dificuldades para respirar.

— É de nogueira — disse ele, porque não conseguia pensar em outra coisa para falar.

— Seja do que for, é linda. Seja quem for que vier morar aqui, precisa ter filhos.

A boca de Mac estava muito seca.

— Por quê?

— Porque... — Num impulso, Nell plantou o traseiro no corrimão e desceu. Os braços de Mac se estenderam como se tivessem vontade própria para ampará-la quando ela chegou ao final. — Este corrimão foi feito para ter alguém deslizando por ele — disse, sem fôlego, e rindo enquanto afastava a cabeça para encará-lo.

Alguna coisa mudou dentro dela quando seus olhos se encontraram. E a agitação que sentira retornou, não tão agradável dessa vez. Desconcertada, Nell pigarreou e tentou encontrar alguma coisa para dizer.

— Você continua aparecendo de repente — resmungou Mac. Ele ainda precisava soltá-la, mas não estava conseguindo fazer com que suas mãos obedecessem.

— É uma cidade pequena.

Ele apenas balançou a cabeça. Suas mãos estavam na cintura dela agora, e pareciam determinadas a deslizar por suas costas. Mac achou que a sentira tremer, mas talvez tivesse sido ele quem estremeceu.

— Não tenho tempo para mulheres — disse Mac para Nell, tentando convencer a si mesmo.

— Bem. — Ela tentou engolir, mas parecia haver alguma coisa entalada em sua garganta. — Eu também estou bastante ocupada. — Nell deixou o ar sair lentamente. Aquelas mãos subindo e descendo em suas costas já a estavam deixando fraca. — E realmente não estou interessada. Tive um ano muito difícil no que diz respeito a relacionamentos. Acho...

Ela não estava conseguindo pensar. Os olhos dele eram de um tom de azul tão bonito e estavam concentrados nela de um jeito tão intenso! Não tinha certeza sobre o que ele via, ou o que estava procurando, mas sabia que seus joelhos logo não a sustentariam mais.

— Acho — ela recomeçou — que seria melhor para nós dois se decidíssemos rápido se você vai me beijar ou não. Não vou conseguir lidar com essa situação por muito mais tempo.

Mac também não conseguiria. Mas, ainda assim, demorou mais um pouco. Ele era um homem metódico e ponderado. E estava com os olhos bem abertos e presos aos dela

quando baixou a cabeça, deixando o espaço de um suspiro entre eles. Nell deixou escapar um gemido.

Ela sentiu a visão turva quando os lábios de Mac capturaram os seus. Eram lábios macios, firmes, incrivelmente pacientes. A delicadeza do contato fez com que o coração dela falhasse uma batida. Mac se demorou sobre seus lábios, como um *gourmet* apreciando uma iguaria delicada, e então aprofundou lentamente o beijo, até que Nell estivesse com o corpo totalmente colado ao dele.

Ninguém nunca a beijara daquela maneira. E nunca imaginara que alguém pudesse beijar assim. Daquele jeito lento, profundo e sonhador. O chão pareceu se inclinar sob seus pés quando Mac mordeu delicadamente seu lábio inferior.

Nell estremeceu, gemeu e se deixou afundar naquele beijo.

Ela era muito poderosa. Seu cheiro, o toque de sua pele e o gosto dos lábios eram devastadores. Mac sabia que poderia se perder ali, por um instante, por toda a vida. O corpo pequeno e firme de Nell o embriagava. Suas mãos agarravam com força os cabelos dele. Mas, em contraste com esse gesto agressivo, a cabeça caía para trás, frouxamente, rendendo-se com um suspiro e fazendo o sangue dele ferver.

Mac queria tocá-la. Suas mãos ansiavam por despi-la, camada por camada, até encontrar a pele nua e macia por baixo. Para testar-se, e a ela, ele deslizou os dedos por baixo da jaqueta dela, ao longo da carne quente e aveludada das costas. Enquanto isso, sua boca continuava a assaltar lenta e preguiçosamente a dela.

Mac se imaginou deitando-a no chão, em uma lona, na relva. Imaginou-se observando o rosto dela, enquanto ele satisfazia a ambos. Divagou sobre a sensação de tê-la arqueando o corpo na direção dele, abrindo-se, recebendo-o.

Já se passara tanto tempo, disse a si mesmo, sentindo os músculos tensos e a respiração difícil. Tempo demais.

Mas não queria acreditar nisso. Porque o assustava.

Inseguro, Mac levantou a cabeça e afastou-se. Sentindo-o recuar, ela apoiou-se nele, encostando a cabeça em seu peito. Incapaz de resistir, ele enfiou os dedos em seus cabelos e embalou-a.

— Minha cabeça está rodando — ela murmurou.

— O que foi isso?

— Foi um beijo, só isso. — Mac precisava acreditar no que dizia. Isso ajudaria a diminuir o aperto que sentia no coração e a tensão em seu ventre.

— Acho que vi estrelas. — Ainda abalada, Nell levantou a cabeça para poder olhar para ele. Os lábios dela se curvaram, mas o sorriso não chegou aos olhos.

— Foi a primeira vez que isso me aconteceu.

Se não fizesse alguma coisa, e rápido, Mac acabaria por beijá-la novamente. Ele afastou-a.

— Isso não muda nada.

— Havia alguma coisa para ser mudada?

Já era quase noite. Por isso, ele não conseguia vê-la direito na penumbra.

— Não tenho tempo para mulheres. E não estou interessado em começar nada.

— Oh! — De onde viera aquela dor?, perguntou-se Nell, e teve que se controlar para não levar uma das mãos ao coração. — Foi um beijo e tanto, para um homem tão desinteressado. — Ela abaixou-se para pegar a pasta que deixara cair antes de subir as escadas. — Vou sair do seu caminho. Não quero desperdiçar nem mais um minuto do seu valioso tempo.

— Você não precisa ficar ofendida.

— Ofendida. — Ela trincou os dentes e enfiou o dedo no peito dele. — Estou bem mais do que ofendida, meu chapa, estou bem perto de ficar furiosa. Você tem um ego e tanto, não, Mac? Acha que vim até aqui para seduzi-lo?

— Não sei por que você veio até aqui.

— Pois bem, não virei novamente. — Nell pendurou a pasta no ombro e levantou o queixo. — Ninguém torceu seus braços.

Mac estava tentando lidar com um incômodo sentimento que misturava desejo e culpa.

— Nem os seus.

— Não sou eu quem está inventando desculpas. Sabe, não consigo entender como alguém tão estúpido pode criar dois filhos tão encantadores e adoráveis.

— Deixe meus meninos fora disso.

O tom defensivo dele fez com que ela estreitasse os olhos até que se transformassem em duas fendas.

— Oh, então agora também tenho más intenções em relação a eles? Seu idiota! — Nell saiu tempestuosamente pela porta, detendo-se apenas para disparar o tiro de misericórdia: — Espero que eles não herdem sua visão distorcida da espécie feminina!

E bateu a porta com força para fazer com que o som ecoasse por toda a casa. Mac fechou a cara e cerrou os punhos dentro dos bolsos da calça. Ele não tinha uma visão distorcida, diabos. E seus filhos eram problema dele.

Capítulo Quatro

NELL PAROU NO centro do palco e ergueu as mãos. Ela esperou até ter certeza de que os olhos de todos os estudantes estivessem concentrados nela e movimentou os braços para que a magia acontecesse.

Havia poucas coisas que lhe davam mais prazer do que o som de vozes jovens se elevando numa canção. Ela deixou que o som a invadissem, mantendo os olhos e ouvidos atentos enquanto se movia em torno do palco, regendo. E não pôde evitar um sorriso. Os garotos estavam se empenhando. A versão de Bruce Springsteen e da E Street Band para a música "Santa Claus Is Coming to Town", que ensaiavam naquele momento, era uma mudança e tanto em relação aos clássicos cantos de Natal e hinos que o antigo regente do coral repetia ano após ano.

Nell podia ver os olhos dos alunos brilhando quando eles entravam no ritmo. Agora com vigor, ela pensou, exigindo mais dos baixos quando eles se juntaram ao coro. Divirtam-se. Agora os sopranos, alto e claro... E os altos... Tenores... Baixos...

Ela abriu um sorriso largo para sinalizar sua aprovação quando o coro floresceu novamente.

—Bom trabalho — declarou ela. — Tenores, caprichem um pouco mais da próxima vez. Não deixem que os baixos abafem vocês. Holly, você está deixando seu queixo cair novamente. Agora temos tempo para fazer mais uma passagem rápida de "I'll Be Home for Christmas". Kim?

Kim tentou ignorar a leve palpitação e a cotovelada de Holly. Ela desceu de sua posição na segunda fila e ficou de pé em frente ao microfone de solo como se estivesse diante de um pelotão de fuzilamento.

— Fica melhor se você sorrir, você sabe — disse-lhe Nell gentilmente. — E lembre-se da respiração. Cante para a última fila da plateia e não se esqueça de sentir as palavras. Tracy. — Ela ergueu o dedo na direção da pianista, uma aluna de sua turma de música do segundo período que convencera a tocar na apresentação.

A introdução começou lentamente. Nell usou as mãos, o rosto e os olhos para assinalar o começo do murmúrio harmonioso e suave das vozes em segundo plano. E Kim começou a cantar. No princípio, muito hesitante. Nell sabia que elas teriam que trabalhar para superar esse nervosismo inicial.

Mas a menina tinha talento, e sentimento. Três compassos depois, Kim já estava tão imersa na música que se esquecera de ficar nervosa. Ela estava indo muito bem, pensou Nell satisfeita. Kim aprendera algumas coisas sobre estilo nas últimas semanas. A música sentimental combinava com ela, com a extensão da sua voz, com sua aparência.

Nell sinalizou a entrada do coro, mas o manteve sob controle. Eles agora eram apenas o fundo para a voz forte e romântica de Kim. Quando sentiu os olhos marejados, Nell pensou que se na noite do concerto eles se apresentassem tão bem quanto estavam fazendo naquele instante não haveria nenhum olho seco no teatro.

— Adorável — disse ela, quando as últimas notas morreram. — Realmente adorável. Pessoal, vocês percorreram um longo caminho em muito pouco tempo. Estou muito orgulhosa de vocês. Agora podem ir para casa, e tenham um ótimo final de semana!

Nell foi até o piano para recolher as pautas, enquanto ouvia a conversa atrás de si.

— Você cantou bem de verdade — disse Holly a Kim.

— Mesmo?

— Mesmo. Brad também achou. — Holly ergueu os olhos cautelosamente na direção do garoto mais cobiçado do colégio, que estava vestindo a jaqueta.

— Ele nem sabe que eu existo.

— Agora sabe, sim. Ele estava olhando para você o tempo todo. E sei disso porque *eu* estava olhando para ele o tempo todo. — Holly suspirou. — Se eu fosse parecida com a Srta. Davis, *ele* estaria olhando para *mim*.

Kim riu, mas deu uma rápida olhada na direção de Brad.

— Ela é mesmo o máximo. Só o jeito como fala conosco e nos orienta... O sr. Striker sempre resmungava.

— O sr. Striker *era* um resmungão. Vejo você mais tarde, certo?

— Certo. — Isso foi tudo o que Kim conseguiu dizer, porque parecia — parecia mesmo! — que Brad estava vindo em sua direção. Ele *estava* olhando para ela.

— Oi. — Ele sorriu mostrando os dentes muito brancos, um deles um pouco torto, e Kim sentiu o coração afundar no peito. — Você esteve mesmo muito bem.

— Obrigada. — Ela sentia como se alguém tivesse dado um nó em sua língua. Um veterano. Capitão do time de futebol. Presidente do grêmio dos estudantes. Muito louro e de olhos verdes.

— A srta. Davis é muito legal, não é?

— Sim. — Diga alguma coisa, ela ordenou a si mesma. — Ela vai a uma festa em minha casa hoje. Minha mãe está reunindo algumas pessoas.

— Só adultos, é?

— Não. Holly vai estar lá, com mais alguns amigos meus. — Kim sentia o coração trovejar nos ouvidos, enquanto tentava reunir coragem. — Você pode aparecer, se quiser.

— Seria legal. A que horas?

Ela teve dificuldades para fechar a boca e engoliu em seco.

— Oh, por volta das 20h — disse, esforçando-se para imprimir um tom casual à voz. — Eu moro na...

— Sei onde você mora. — Ele voltou a sorrir para ela e o coração já acelerado de Kim quase parou. — Ei, você não está mais saindo com Chuck, está?

— Chuck? — Quem era Chuck? — Oh, não. Nós ficamos juntos por um tempo, mas terminamos depois do verão.

— Ótimo. Vejo você mais tarde.

Brad deixou-a e se juntou a um grupo de rapazes que saía na direção dos bastidores.

— É um belo rapaz — comentou Nell atrás de Kim.

— Sim. — A palavra saiu como um suspiro. Os olhos da moça brilhavam como estrelas.

— Kimmy tem um namorado — entoou Zeke, no tom de voz agudo e irritante que reservava para irmãos pequenos... ou para primas.

— Quietos, pirralho!

O menino riu e começou a dançar ao redor do palco, repetindo a musiquinha que inventara. Nell viu o brilho assassino nos olhos de Kim e logo inventou alguma coisa para distraí-lo.

— Bem, acho que vocês, meninos, não querem praticar "Jingle Bells" hoje, não é?

— Queremos sim! — Zack parou de dar voltas no palco com o irmão e correu na direção do piano. — Eu sei qual dessas é — disse ele, atacando a pilha bem organizada de pautas musicais de Nell. — Posso achar.

— Eu é que vou encontrar — disse Zeke, mas seu irmão já segurava a folha triunfalmente.

— Bom trabalho! — Nell se acomodou no banco, com um garoto de cada lado. Ela tocou um acorde de introdução dramático, o que fez com que os dois caíssem na gargalhada. — Por favor, música é um assunto sério. E um, e dois, e...

Os dois realmente cantaram, então, em vez de apenas gritar, como haviam feito na primeira vez em que ela os convidara a tentar. O que lhes faltava em estilo, lhes sobrava em entusiasmo. E como!

Até Kim estava rindo quando eles terminaram.

— Agora a senhora canta uma, srta. Davis — Zack lhe deu um dos seus olhares irresistíveis. — Por favor.

— O pai de vocês provavelmente está esperando.

— Só uma.

— E, só uma — ecoou Zeke.

Em apenas poucas semanas já se tornara impossível para Nell resistir aos gêmeos.

— Só uma, então — concordou, e procurou na agora bagunçada pilha de partituras.
— Peguei uma que acho que vocês já devem ter ouvido no cinema do shopping. Aposto que já viram *A Pequena Sereia*.

— Um monte de vezes — gabou-se Zeke. — Temos o DVD e tudo mais.
— Então vão reconhecer isso. — Ela tocou a abertura de "Part of Your World".

Mac curvou os ombros para se proteger do vento, enquanto ia para a escola. Já estava cansado de esperar no estacionamento. Vira os outros alunos saindo há mais de dez minutos.

Ele tinha coisas para fazer, droga. Ainda mais naquele dia, em que não tivera como se desvencilhar da festa na casa de Mira.

Odiava festas.

Ele entrou pisando forte no corredor. E a ouviu. Não as palavras. Não conseguia distinguir as palavras, porque estavam abafadas pelas portas do auditório. Mas ouviu o som da voz dela, profunda e poderosa. Uma voz de "uísque com soda", ele já pensara mais de uma vez. Sensual, sedutora. Sexy.

Abriu a porta. Precisava fazer isso. E sentiu o desejo invadir todo o seu corpo.

Uma música para crianças. Ele a reconheceu agora, do filme da sereia pelo qual os meninos eram loucos. Mac disse a si mesmo que nenhum homem em sã consciência sentiria o corpo ferver ao ouvir uma mulher cantar uma música de crianças.

Mas ele não estava se sentindo muito são. E já não vinha se sentindo desde que cometera o enorme erro de beijá-la.

E Mac sabia que se Nell não estivesse sozinha ele teria caminhado até o piano e a teria beijado novamente.

Mas ela não estava só. Kim estava parada atrás dela e seus filhos, um de cada lado do banco onde Nell se sentava. De vez em quando, ela relanceava o olhar para eles enquanto cantava, e sorria. Zack estava encostado nela, sua cabeça inclinada do mesmo jeito que o menino fazia pouco antes de subir no colo do pai.

Alguma coisa aconteceu dentro dele quando viu a cena. Foi doloroso e assustador. E muito, muito doce.

Abalado, Mac enfiou as mãos fechadas nos bolsos. Aquilo precisava parar. O que quer que estivesse acontecendo com ele, precisava parar.

Respirou fundo quando a música terminou. E pensou — tolamente, ele sabia — que havia um sussurro mágico no instante de silêncio que se seguiu.

— Nós estamos com pressa — ele avisou, determinado a quebrar o encanto.

Quatro cabeças se viraram em sua direção. Os gêmeos começaram a pular no banco.

— Papai! Ei, papai! Nós conseguimos cantar "Jingle Bells" bem de verdade. Quer ouvir?

— Não posso. — Quando viu Zack fazendo bico, ele tentou sorrir para atenuar o golpe. — Eu realmente estou com pressa, meninos.

— Desculpe, tio Mac. — Kim vestiu o casaco. — Nós acabamos perdendo a hora.

Enquanto Mac se mexia, desconfortável, Nell inclinou-se e murmurou alguma coisa para os filhos dele. Alguma coisa, percebeu, que colocou um sorriso no rosto de Mac e acabou com o olhar rebelde de Zeke. Então, os dois meninos jogaram os braços ao redor do pescoço de Nell e a beijaram, antes de correrem para os bastidores para pegar os casacos.

— Tchau, Srta. Davis! Tchau!

— Obrigada, Srta. Davis — completou Kim. — Vejo a senhorita mais tarde.

Nell soltou um murmúrio como resposta e levantou-se para arrumar suas pautas musicais.

Mac sentiu o impacto da frieza dela enquanto se virava para sair do auditório.

— Ah, obrigada por entretê-los — ele voltou-se para dizer em voz alta.

Nell levantou a cabeça. Mac podia vê-la claramente sob as luzes do palco. Tão claramente que conseguiu distinguir o erguer de sobrancelhas e a frieza dos lábios que não sorriam, antes que ela voltasse a baixar a cabeça.

Está certo, ele disse a si mesmo, enquanto pegava os meninos que chegavam correndo. Não queria mesmo conversar com ela.

Capítulo Cinco

ELA NÃO PRECISAVA ignorá-lo tão completamente. Mac deu um gole na sidra que o cunhado havia empurrado em suas mãos e ficou olhando, ressentido, para as costas de Nell.

Ela permanecia de costas para ele há uma hora. E que bela visão, por sinal, ele pensou, mal escutando o prefeito que tagarelava em seu ouvido. As costas de Nell tinham linhas suaves, encimadas pela curva delicada dos ombros, e sua postura era reta. Ela estava muito atraente na jaqueta grossa cor de ameixa, que usava sobre um vestido curto combinando.

A mulher tinha pernas incríveis. Com certeza, não as vira antes, porque se lembraria delas. Podia afirmar que em todas as outras vezes em que haviam se encontrado, aquelas pernas estavam cobertas.

E naquela noite em especial ela, provavelmente, usara um vestido apenas para atormentá-lo.

Mac interrompeu o prefeito no meio da conversa e foi até Nell.

— Veja bem, isso é uma tolice.

Ela levantou os olhos. Estava tendo uma conversa agradável com um grupo de amigas de Mira — e apreciando profundamente o simples ato de ignorar o irmão da anfitriã.

— Como?

— É simplesmente uma tolice — ele repetiu.

— A necessidade de angariar mais fundos para as artes nas escolas públicas é uma tolice? — perguntou Nell, totalmente consciente de que ele não se referia ao assunto que elas estavam discutindo.

— O quê? Não! Droga, você sabe o que quero dizer.

— Sinto muito. — Ela começou a se virar novamente para o círculo de mulheres, todas aparentemente muito interessadas no que acontecia, mas ele a segurou pelo braço e puxou-a de lado. — Você quer que eu faça uma cena na casa de sua irmã? — disse Nell, entre os dentes.

— Não. — Mac continuou segurando o braço enquanto abria caminho entre os convidados, contornava a mesa da sala de jantar e entrava pela porta da cozinha. A irmã estava ocupada colocando canapés em uma bandeja. — Nos dê um minuto — ele ordenou a Mira.

— Mac, estou ocupada aqui. — Distraída, Mira ajeitou os cabelos curtos e escuros. — Você poderia encontrar Dave e lhe dizer que estamos com pouca sidra? — Ela sorriu cansada para Nell. — E eu pensei que era organizada.

— Nos dê um minuto — repetiu Mac.

Mira deixou escapar um suspiro de impaciência, mas então suas sobrancelhas se ergueram de modo conspiratório.

— Bem, bem — murmurou ela, divertida e obviamente encantada. — Já vou sair do caminho de vocês. Quero olhar mais de perto para esse rapaz por quem Kim está tão animada. — Ela pegou a bandeja de canapés e saiu da cozinha.

O silêncio caiu como uma bigorna.

— Então? — Com um ar despreocupado, Nell pegou uma fatia de cenoura de uma tigela. — Tem alguma coisa em mente, Macauley?

— Não vejo por que você precisa ser tão...

— Tão? — Ela deu uma mordida na cenoura. — O quê?

— Você está fazendo questão de não falar comigo. Nell sorriu.

— Sim, estou.

— Isso é uma tolice.

Ela descobriu uma garrafa aberta de vinho branco e se serviu de uma taça. Depois de dar um gole, voltou a sorrir.

— Não acho que seja. Parece-me que, sem nenhuma razão compreensível, eu o incomodo. Como estou realmente apaixonada por sua família, me parece lógico e cortês ficar longe do seu caminho tanto quanto possível. — Ela deu mais um gole na bebida. — Isso é tudo? Eu estava me divertindo muito esta noite, até agora.

— Você não me incomoda. Não exatamente. — Mac não conseguia encontrar o que fazer com as mãos, então pegou uma fatia de cenoura e partiu-a ao meio. — Me desculpe... por antes.

— Você sente muito por ter me beijado ou por ter se comportado como um imbecil depois?

Ele colocou os pedaços de cenoura sobre a bancada.

— Você é uma mulher difícil, Nell.

— Espere. — Com os olhos arregalados, ela pressionou o ouvido com a mão. — Acho que estou escutando mal. Pensei, por um instante, ter ouvido você realmente dizer meu nome.

— Pare com isso — disse ele. E então, deliberadamente, acrescentou: — Nell.

— Este é um momento a ser registrado — declarou Nell, e ergueu a taça num brinde. — Macaulay Taylor começou uma conversa de verdade comigo, e disse meu nome. Estou emocionada.

— Veja bem — ele sentia o mau gênio rondando-o. Quase agarrou-a antes de conseguir controlar a irritação. — Eu só queria que o clima entre nós ficasse melhor.

Nell observava, fascinada, o rosto dele, agora impassível.

— Você tem um eficiente botão de autocontrole aí, Mac. É admirável. Mas me pergunto o que aconteceria se não o apertasse com tanta frequência.

— Um homem que cria dois filhos sozinho precisa saber se controlar.

— Acho que sim — murmurou Nell. — Bem, se isso é tudo...

— Me desculpe — disse ele novamente.

Dessa vez, ela foi mais suave. Não era do seu temperamento guardar rancor.

— Tudo bem. Vamos esquecer isso. Amigos — propôs, e esticou a mão para ele.

Ele segurou a mão estendida. Era tão suave, tão pequena... ele não conseguiu se forçar a soltá-la de novo. Os olhos dela também eram suaves, naquele momento. Olhos grandes e líquidos como os de uma corça.

— Você... está bonita.

— Obrigada. Você também.

— Está gostando da festa?

— Gosto das pessoas. — O pulso de Nell começava a acelerar. Droga! — Sua irmã é maravilhosa. Tão cheia de energia e de ideias.

— Precisa tomar cuidado. — Os lábios de Mac se curvaram lentamente. — Ou logo estará envolvida em um dos projetos dela.

— Tarde demais. Ela já conseguiu me colocar no comitê de artes. E eu me ofereci para ajudar com a campanha de reciclagem.

— O truque é evitar o confronto direto.

— Na verdade, não me importo. Acho até que vou gostar. — Agora, Mac acariciava delicadamente o pulso dela com o dedo. — Mac, não comece uma coisa que você não tem intenção de terminar.

Ele franziu o cenho e olhou para as mãos deles, juntas.

— Eu penso em você. E não tenho tempo para pensar em você. Não quero ter tempo.

Estava acontecendo de novo. As palpitações e tremores sobre os quais ela parecia não ter controle.

— O que você quer?

Mac ergueu os olhos, que ficaram presos nos dela.

— Estou tendo alguns problemas para resolver isso.

A porta foi aberta de repente e uma horda de adolescentes invadiu a cozinha. Mas logo se detiveram quando Kim, que vinha na frente, parou de repente.

A menina arregalou os olhos quando viu o tio soltando a mão da professora, e o modo como os dois se afastaram rapidamente, como adolescentes pegos em flagrante namorando no sofá.

— Desculpem. Ah, desculpem — disse Kim, revirando os olhos. — Nós só íamos...
— Ela virou-se rapidamente e empurrou os amigos para fora da cozinha. Os adolescentes saíram correndo, às gargalhadas.

— Isso vai render alguns comentários — disse Nell ironicamente. Já estava na cidade tempo suficiente para saber que pela manhã todos estariam especulando a respeito de Mac Taylor e Nell Davis. Sentindo-se mais firme, ela virou-se para ele. — Escute, por que não tentamos fazer as coisas em etapas fáceis e agradáveis? Você quer sair para jantar amanhã? Ir ao cinema ou coisa assim?

Agora foi a vez dele de encará-la com surpresa.

— Um encontro? Você está me convidando para um encontro?

A impaciência dela voltou.

— Sim, um encontro. Isso não significa que estou pedindo para ser a mãe de seus filhos. Pensando melhor, vamos deixar pra lá, enquanto é tempo.

— Quero colocar minhas mãos em você — Mac se ouviu dizer, e já era tarde demais para retroceder.

Nell pegou a taça de vinho para se proteger.

— Bem, isso é simples.

— Não, não é.

Ela pensou um pouco e levantou o olhar para ele.

— Não — concordou baixinho. Quantas vezes, ela se perguntou, o rosto dele surgira de repente em sua mente nas últimas semanas? Não conseguiria contar. — Não é simples.

Mas alguma coisa precisava ser feita, ele decidiu. Um movimento qualquer, para frente ou para trás. Dê um passo adiante, ordenou Mac a si mesmo. Veja o que acontece.

— Não vou ao cinema sem as crianças há tanto tempo que nem consigo me lembrar quanto. Acho que posso conseguir uma babá.

— Está bem. — Nell agora olhava para Mac com o mesmo receio que ele olhava para ela. — Me ligue se conseguir acertar tudo. Vou estar em casa a maior parte do dia de amanhã, corrigindo provas.

Voltar para o terreno dos encontros não era a coisa mais fácil a se fazer — por menor que fosse o terreno e por mais convidativa que fosse a grama. E o nervoso que estava sentindo o irritava quase tanto quanto os risinhos e perguntas da sobrinha, quando concordou em servir de babá para os gêmeos.

Agora, enquanto subia a escada para o apartamento de Nell, no terceiro andar, ele se perguntava se não seria melhor para todos se eles esquecessem a coisa toda.

Quando chegou ao patamar do andar dela, percebeu que Nell ladeara a porta com vasos de crisântemos. Era mesmo um belo toque, pensou. Mac sempre apreciava quando alguém que alugava um de seus imóveis se preocupava em acrescentar esses belos toques.

Era apenas uma ida ao cinema, lembrou a si mesmo, e bateu na porta. Quando Nell abriu, Mac ficou satisfeito ao ver que ela estava vestida casualmente — um suéter na altura dos quadris e, por baixo, uma dessas calças legging quentes e confortáveis de que Kim tanto gostava.

Então, ela sorriu. E ele sentiu a boca ficar seca.

— Olá! Você chegou bem na hora. Quer entrar e ver o que fiz com seu apartamento?

— O apartamento é seu... enquanto você pagar o aluguel — ele disse, mas ela já havia pegado a mão dele e o puxava para dentro.

Mac derrubara as paredes que antes dividiam cômodos muito pequenos e criara uma área única, onde ficavam a sala de estar, a de jantar e a cozinha. E Nell soubera bem o que fazer com o espaço.

O enorme sofá em forma de L, forrado com um tecido resistente, de estampa floral, deveria parecer exagerado, mas, em vez disso, ficara perfeito. Em uma pequena mesa sob a janela repousava um pote com folhas de outono secas. Ao longo de uma das paredes ela colocara uma estante com livros, um aparelho de som e uma pequena televisão, além de toda sorte de objetos decorativos que ele sabia que as mulheres gostavam.

Nell transformara o espaço destinado a servir como sala de jantar numa combinação de sala de música e escritório, e colocara ali sua escrivaninha e um pequeno teclado. E ainda um suporte para partituras com uma flauta em cima.

— Eu não trouxe muita coisa comigo de Nova York — disse ela, enquanto vestia o casaco. — Só mesmo as coisas de que eu gostava muito. Estou acrescentando aos poucos outras peças que venho comprando em antiquários e lojas de segunda mão.

— Temos milhares deles por aqui — ele comentou. — Ficou bom. — E realmente ficara, os tapetes gastos e antigos no chão, as românticas cortinas de babado nas janelas. — Confortável.

— O conforto é muito importante para mim. Pronto?

— Claro.

No fim das contas, não foi tão difícil.

Mac pediu a Nell para escolher o filme e ela quis ver uma comédia. Foi surpreendentemente relaxante sentar no escuro do cinema e dividir pipocas e risadas com ela.

Ele só pensou nela como uma mulher, e uma mulher muito atraente, umas 30 vezes.

Comer uma pizza depois do cinema era apenas uma progressão natural das coisas, disse Mac a si mesmo. Eles disputaram uma mesa na pizzaria lotada de casais de adolescentes que estavam ali para namorar.

— Então... — Nell alongou o corpo, quando já estavam sentados no reservado. — Como vai indo a carreira de Zeke como soletrador?

— É uma luta. Ele realmente se esforça. O engraçado é que Zack pode soletrar quase qualquer coisa que você pedir a ele de primeira, mas Zeke precisa estudar a palavra como um estudioso diante dos pergaminhos do Mar Morto.

— Mas ele é bom em matemática.

— Sim. — Mac não estava certo de como se sentia por Nell saber tanto sobre seus filhos. — Os dois são loucos por você.

— É recíproco. — Ela passou a mão pelos cabelos. — Pode parecer estranho, mas... — Ela hesitou, sem saber direito como falar. — Mas, sabe, naquele primeiro dia no ensaio, quando os vi? Tive uma sensação como se... não sei, foi como "Oh, aí estão vocês. Estava imaginando quando vocês apareceriam". Parece estranho, mas era como se eu estivesse esperando por eles. Agora, quando Kim vem sem eles, eu fico decepcionada.

— Acho que eles gostam cada dia mais de você.

Era mais do que isso, mas ela não sabia como explicar. E não tinha certeza de como Mac encararia o fato de que ela simplesmente se apaixonara pelos filhos dele.

— Eu me divirto muito com eles me contando sobre o dia no colégio e me mostrando as provas.

— Está quase na hora de receber os primeiros boletins. — Ele abriu um sorriso. — Estou mais nervoso do que eles.

— As pessoas dão um valor excessivo às notas. Ele ergueu as sobrancelhas diante do comentário.

— Isso vindo de uma professora?

— Capacidade individual, aplicação, esforço, aproveitamento do ensino. Essas coisas são muito mais importantes de que um A, um B ou um C. Mas posso lhe contar, confidencialmente, que Kim vai receber A em coral avançado e história da música.

— Mesmo? — Ele sentiu uma onda de orgulho. — Ela nunca foi tão bem antes. Tirava no máximo B.

— O sr. Striker e eu temos abordagens bem diferentes.

— Acha que não sei? A cidade toda está comentando que o coral vai estourar este ano. Como você conseguiu?

— Foram os garotos que conseguiram — disse Nell, ajeitando-se no assento quando a pizza que haviam pedido foi servida. — Meu trabalho é fazer com que eles pensem e cantem como um time. Sem querer falar mal do sr. Striker — acrescentou ela, dando uma generosa mordida na pizza. — Mas tive a impressão de que ele estava apenas fazendo hora, contando os dias até poder se aposentar. Se você vai dar aula para crianças e jovens, precisa gostar deles, respeitá-los. — Ela riu, e as bochechas ficaram ainda mais coradas. — E alguns desses garotos não farão nada além de cantar no chuveiro pelo resto da vida... e o mundo agradecerá por isso.

— Já teve alguns fracassos, então, hã?

— Bem... — Nell voltou a rir. — Sim, uns poucos. Mas eles mantiveram uma boa autoestima. Isso é que conta. E há alguns poucos, como Kim, que são realmente especiais.

Vou mandá-la, com outras duas alunas, para as provas de voz para o festival estadual, na próxima semana. E depois da apresentação de final de ano vou começar as provas aqui para o musical de primavera.

— Há três anos não temos um musical da escola de ensino médio.

— Pois este ano vamos ter um, meu caro. E vai ser incrível!

— É bastante trabalho para você.

— Eu gosto. E é para isso que estou sendo paga. Mac brincava com a segunda fatia de pizza.

— Você realmente gosta disso, não é? Da escola, da cidade, do pacote todo?

— E por que não deveria? É uma ótima escola, uma ótima cidade.

— Não é Manhattan.

— Exatamente.

— Por que você partiu? — Ele logo recuou. — Desculpe, não tenho nada a ver com isso.

— Não tem problema. Tive um ano ruim. Já estava me sentindo insatisfeita antes, mas o ano passado foi terrível. Eles acabaram com meu cargo na escola. Redução de custos. A área das artes é sempre a primeira a sofrer. — Ela deu de ombros. — De qualquer modo, a garota que dividia o apartamento comigo se casou e eu não podia pagar o aluguel sozinha... não se eu quisesse comer com alguma regularidade. Então, coloquei um anúncio para procurar outra pessoa. Pedi referências, avaliei o caráter das candidatas. — Nell deu um suspiro e apoiou o queixo nas mãos. — Pensei que estava sendo cuidadosa, mas três semanas depois que a pessoa se mudou voltei para casa e descobri que ela havia limpado tudo.

Mac parou de comer.

— Ela roubou você!

— Levou tudo. A televisão, o som, todas as jóias boas que eu tinha, dinheiro, a coleção de caixas de porcelana Limoges que eu havia começado quando estava na faculdade. Primeiro, fiquei furiosa, depois, realmente abalada. Não conseguia mais me sentir confortável morando ali depois do que acontecera. Então, o cara com quem eu vinha

saindo há mais de um ano começou a me dar sermões sobre minha estupidez, minha ingenuidade. No que lhe dizia respeito, eu tivera exatamente o que merecia.

— Cara legal — resmungou Mac. — Muito solidário.

— E isso aí. De qualquer modo, olhei bem para ele e para nossa relação e descobri que pelo menos em uma coisa ele estava certo. Enquanto eu permitisse que aquele relacionamento continuasse, realmente estaria tendo o que merecia. Então, decidi cair fora, deixá-lo.

— Boa escolha.

— Foi o que pensei. — E ele também era, ela pensou, observando o rosto de Mac. Uma ótima escolha. — Por que você não me conta quais são seus planos para a casa que está reformando?

— Não imagino que você saiba muito sobre serviços hidráulicos.

Ela apenas sorriu.

— Aprendo rápido.

Já era quase meia-noite quando ele parou o carro diante do prédio dela. Mac não tivera a intenção de ficar fora até tão tarde. Com certeza, não imaginara que passaria mais de uma hora falando com Nell sobre instalações elétricas e hidráulicas e sobre suportes estruturais. Ou rascunhando projetos em guardanapos.

Mas, de algum modo, ele conseguira passar por aquela noite sem se sentir tolo, desconfortável ou desajeitado. Apenas uma coisa o preocupava: queria vê-la de novo.

— Acho que foi um ótimo primeiro passo. — Ela segurou a mão dele e beijou-o no rosto. — Obrigada.

— Vou subir com você.

A mão de Nell já estava na maçaneta do carro. Seria mais seguro, ela decidiu por ambos, que subisse sozinha, o mais rápido possível.

— Não precisa. Sei o caminho.

— Vou subir com você — ele repetiu, e saiu do carro. Eles subiram juntos as escadas. O inquilino do primeiro andar ainda estava acordado. O murmúrio da televisão e a luz cinzenta, fantasmagórica, passavam pela janela.

O vento havia parado e aquele som da televisão era o único que ouviam. E incontáveis estrelas cintilavam no céu negro sobre eles

— Se fizermos isso novamente — começou Mac —, as pessoas na cidade vão começar a falar sobre nós, vão deduzir que somos... — Ele não estava bem certo de que palavra deveria usar.

— Um casal? — ajudou Nell. — Isso o incomoda? — Não quero que as crianças fiquem tendo ideias, que

se preocupem ou... seja o que for. — Quando chegaram ao andar dela, ele voltou a encará-la e foi conquistado novamente. — Deve ser sua aparência — murmurou.

— O que tem ela?

— Deve ser ela que me faz pensar tanto em você. — Era uma explicação razoável, ele decidiu. Atração física. Afinal, ele não estava morto. Era apenas um homem cuidadoso. — Que me faz pensar em fazer isso.

Mac segurou o rosto de Nell entre as mãos num gesto tão doce, tão terno, que ela sentiu todos os músculos do seu corpo relaxarem. E foi tão lento, impressionante e forte como da primeira vez. O toque da boca dele sobre a dela, a paciência, o estremecimento, o encantamento.

Seria isso?, ela se perguntou. Seria isso o que ela vinha esperando? Seria ele?

Mac ouviu seu suspiro suave e ofegante quando se afastou. Ele sabia que ir além seria um erro, por isso deixou as mãos penderem ao lado do corpo antes que elas procurassem por mais.

Como se para guardar o sabor do beijo, Nell passou a língua por sobre os lábios.

— Você é mesmo muito bom nisso, Macauley. Muito bom.

— Vamos dizer que estou recuperando o tempo perdido. — Mas ele não achava que era apenas isso. E estava muito preocupado. — Até mais.

Nell assentiu, ainda sem forças, enquanto ele descia as escadas. E ainda estava recostada sonhadoramente na porta quando ouviu o carro dele partir.

Por um instante, ela poderia jurar ter ouvido o som distante dos sinos de um trenó.

Capítulo Seis

O FINAL DE OUTUBRO era a época das reuniões de pais com professores e de um muito esperado feriado para as crianças. Era também uma época de dor de cabeça para Mac. Ele precisava fazer malabarismos para deixar os gêmeos com a irmã, com Kim ou com a sra. Hollis, enquanto encaixava no tempo que tinha uma viagem para encomendar material e uma inspeção elétrica.

Quando estacionou a caminhonete no pátio da escola, estava à beira de um ataque de nervos. Só Deus sabia o que iria ouvir sobre os filhos, como eles haviam se comportado enquanto estavam distantes de seu controle. Ele se preocupava por talvez não ter tido tempo suficiente para ajudá-los com os trabalhos de casa e, de algum modo, ter negligenciado alguma obrigação paterna que os pudesse ter preparado melhor para as exigências sociais, educacionais e emocionais do ensino fundamental.

Por causa da incompetência dele, seus meninos se tornariam neuróticos antissociais e analfabetos.

Ele sabia que estava sendo ridículo, mas não conseguia controlar o medo que não parava de perturbar seus pensamentos.

— Mac! — A buzina do carro e a voz de alguém gritando seu nome fizeram com que ele virasse e, finalmente, visse o carro da irmã. Ela abriu a janela e balançou a cabeça.

— Onde estava? Chamei você três vezes!

— Tirando meus filhos da cadeia — murmurou para si mesmo, e virou-se para caminhar para o carro dela. — Tenho uma reunião em um minuto.

— Eu sei. Acabo de sair da reunião da escola de ensino médio. Lembre-se de que comparamos nossas agendas.

— É verdade. Eu não posso me atrasar.

— Não se preocupe. Minha reunião era para levantar fundos para comprarmos novos uniformes para o coral. Aqueles garotos estão usando as mesmas velhas túnicas há 12 anos. Estamos com a esperança de conseguir verba suficiente para que eles passem a usar alguma coisa um pouco menos exagerada.

— Ótimo, farei uma doação para sua causa, mas não posso me atrasar. — Ele já estava imaginando a jovem professora de rosto redondo do ensino fundamental anotando seu atraso, mais um item na lista crescente de pontos negativos dos homens Taylor.

— Eu só queria dizer que Nell parece estar chateada com alguma coisa.

— O quê?

— Chateada — repetiu Mira, satisfeita por finalmente ter conseguido chamar a atenção dele. — Ela apareceu com algumas boas ideias para levantarmos fundos, mas estava claramente distraída. — Mira ergueu uma sobrancelha, lançando um olhar malicioso para o irmão. — Você não fez nada para aborrecê-la, não é?

— Não. — Mac se controlou antes que começasse a mudar o peso do corpo de um pé para o outro, denunciando seu sentimento de culpa. — O que eu poderia ter feito?

— Não sei. Mas como você andou saindo com ela...

— Nós fomos ao cinema.

— E depois comeram uma pizza — acrescentou Mira. — Um casal de amigos de Kim viu vocês.

A maldição das cidades pequenas, pensou Mac, e enfiou as mãos nos bolsos.

— E daí?

— E daí nada. Bom para você. Gosto muito dela. Kim é louca por ela. Acho que estou sendo apenas um pouco superprotetora. Ela estava mesmo chateada, Mac, e tentando não demonstrar isso. Talvez para você ela conte o que está havendo.

— Não vou ficar me metendo na vida particular dela.

— Do meu ponto de vista, você é parte da vida pessoal dela. Vemos-nos mais tarde.

Resmungando para si mesmo, Mac entrou pisando duro no prédio onde funcionava o ensino fundamental. Quando saiu, 20 minutos depois, seu humor estava muito melhor. No fim, seus filhos não haviam sido declarados como desajustados sociais com tendências homicidas. Na verdade, a professora os elogiara.

Mas, é claro, ele sabia disso desde o começo.

Talvez Zeke esquecesse algumas regras de vez em quando e conversasse com o colega que sentava ao seu lado. E talvez Zack fosse um pouco tímido para levantar a mão quando sabia uma resposta. Mas eles estavam se adaptando.

Com o peso da entrada dos filhos no ensino fundamental fora de seus ombros, Mac continuou a caminhar. O impulso fez com que se dirigisse ao prédio da escola de ensino médio. Ele sabia que sua reunião havia sido uma das últimas do dia. Não sabia bem como as reuniões com os professores funcionavam na outra escola, mas o estacionamento estava quase vazio. De qualquer modo, ele viu o carro de Nell e decidiu que não teria problema se entrasse por um minuto.

Só quando já estava no interior do prédio é que percebeu que não tinha a menor ideia de onde encontrá-la.

Mac enfiou a cabeça na porta do auditório, mas estava vazio. Já que chegara até ali, voltou até o escritório principal, e perguntou a uma das secretárias, que já estava de saída. Seguindo as indicações dela, desceu por um corredor, subiu uma rampa e virou à direita.

A porta da sala de aula de Nell estava aberta. Não era como nenhuma das salas onde já ficara preso quando aluno. Essa tinha um piano, um suporte para pautas musicais, instrumentos diversos, um gravador. Havia também o usual quadro-negro, muito limpo, e uma escrivaninha diante da qual Nell estava sentada, trabalhando naquele momento.

Mac ficou observando-a por algum tempo. O modo como o cabelo dela descia pelas costas, o jeito como seus dedos seguravam a caneta, a forma como o suéter se dobrava no pescoço. De repente, lhe ocorreu que, se ele tivesse tido uma professora com aquela aparência, seu interesse em música seria muito maior.

— Olá.

Ela levantou rapidamente a cabeça. Havia um brilho agressivo em seus olhos que se refletia na rigidez do maxilar. Ele a viu respirar fundo e se esforçar para sorrir.

— Olá, Mac. Seja bem-vindo ao caos.

— Parece mesmo é uma grande quantidade de trabalho. — Ele entrou na sala e foi até a mesa. Estava coberta de papéis, livros, folhas impressas do computador e pautas musicais, tudo arrumado em pilhas aparentemente organizadas.

— Estou finalizando as primeiras anotações do período, vendo as notas dos alunos, organizando os planejamentos de aula, criando estratégias para levantar fundos, dando os toques finais na apresentação do fim do ano... e tentando esticar o orçamento para conseguir produzir o musical de primavera. — Numa tentativa de manter seu péssimo humor para si mesma, ela se recostou e perguntou: — Então, como foi seu dia?

— Muito bom. Acabei de ter uma reunião com a professora dos gêmeos. Eles estão indo bem. Posso parar de me preocupar com os boletins.

— Eles são meninos fantásticos. Você não precisa se preocupar.

— A preocupação é parte do pacote. E, por falar nisso, o que *a* está preocupando? — ele perguntou, esquecendo-se de que estava determinado a não se meter.

— Quanto tempo você tem? — ela devolveu.

— Bastante. — Curioso, ele apoiou o quadril na beira da escrivaninha. E percebeu que estava com vontade de acariciar o rosto dela até ver desaparecer aquela leve ruga entre as sobrancelhas. — Dia difícil?

Ela deu de ombros e então se levantou da escrivaninha. Sempre que estava de mau humor precisava manter-se em movimento.

— Já tive melhores. Você tem ideia de quanto dinheiro o time de futebol recebe em contribuições da escola e da cidade? De quanto recebem todos os times esportivos? — Nell começou a jogar algumas fitas cassete em uma caixa; qualquer coisa estava valendo para manter as mãos ocupadas. — Até a banda recebe incentivo. Mas, para o coral, precisamos implorar por cada dólar.

— Você está aborrecida por causa do orçamento?

— E não deveria estar? — Nell virou-se rapidamente para ele, os olhos chispando. — Não há problema em conseguir equipamento para o time de futebol, para que um bando de garotos possa entrar em campo e atacar uns aos outros, mas *eu* preciso implorar de joelhos por uma hora se preciso de 80 dólares para mandar afinar o piano. — Ela se controlou, suspirando. — Não tenho nada contra futebol. Até gosto. Os esportes são importantes no ensino médio.

— Conheço uma pessoa que afina pianos — disse Mac. — Ele provavelmente doaria seu tempo.

Nell passou a mão pelo rosto e levou-a até a nuca, onde a tensão se concentrava. Papai dá um jeito em tudo, ela pensou, exatamente como os gêmeos haviam anunciado. Está com algum problema? Chame o Mac.

— Isso seria ótimo — disse ela, e conseguiu dar um sorriso de verdade. — Mas antes preciso andar com toda a papelada e conseguir aprovação. Não se pode aceitar nem mesmo doações voluntárias sem o consentimento do conselho diretor. — A questão a irritou, como sempre. — Um dos piores aspectos de ser professora é a burocracia. Talvez eu devesse ter continuado a me apresentar em clubes noturnos.

— Você se apresentava na noite?

— Em outra vida — ela resmungou, afastando a ideia com um aceno. — Algumas canções que ajudavam a pagar minha faculdade. Era melhor do que ser garçonne. De qualquer modo, o problema não é o orçamento. Nem a falta de interesse da comunidade. Estou acostumada com isso.

— Você quer me contar o que está acontecendo ou prefere ficar remoendo a respeito?

— Estava tendo bons momentos remoendo a respeito. — Ela voltou a suspirar, e levantou os olhos para ele. Mac parecia tão sólido, tão confiável! — Talvez eu seja mesmo urbana demais, no fim das contas. Tive meu primeiro embate com o jeito antiquado do campo e estou desconcertada. Você conhece Hank Rohrer?

— Claro. Ele tem uma fazenda de gado leiteiro na Old Oak Road. Acho que o filho mais velho dele está na mesma turma de Kim.

— Hank Jr. Sim. Júnior é um dos meus alunos, um barítono muito potente. O rapaz tem um interesse verdadeiro por música. Até compõe.

— E mesmo? Isso é ótimo.

— Você acha isso, não é? — Nell jogou o cabelo para trás e foi até a escrivaninha, onde começou a arrumar os papéis que já estavam arrumados. — Bem, eu pedi ao Sr. e à sra. Rohrer que viessem até aqui esta manhã, porque Júnior decidiu não participar das provas de voz para o festival estadual, neste final de semana. Sei que ele tem uma boa chance de ter sucesso, e queria conversar com os pais a respeito de uma bolsa de estudos para música. Quando eu disse a eles como Júnior é talentoso e como eu tinha esperanças de que encorajassem o filho a mudar de ideia sobre as provas de voz, Hank, o pai, agiu como eu o estivesse insultando. Ele ficou horrorizado. — Havia amargura na voz dela, agora, e raiva também. — Nenhum filho dele iria perder tempo cantando ou compondo, como algum...

Ela se interrompeu, furiosa demais para repetir a opinião do homem sobre as pessoas que trabalhavam com música.

— Eles nem mesmo sabiam que Júnior estava na minha turma. Pensavam que ele havia escolhido a oficina de marcenaria como eletiva este ano. Tentei amaciá-los, disse que Júnior precisava de um crédito em belas-artes para se formar. Não me saí muito bem. O sr. Rohrer mal conseguiu engolir a ideia de Júnior permanecer na minha turma. Ele continuou resmungando que o filho não precisava de lições de canto para tocar uma fazenda. E que, com certeza, não iria permitir que Júnior tirasse um sábado para ir a um teste quando o garoto tem trabalho para fazer lá onde moram. E disse, ainda, que eu parasse de colocar ideias absurdas na cabeça do garoto.

— Eles têm quatro filhos — disse Mac lentamente. — Instrução deve ser um problema.

— Se esse fosse o único obstáculo, eles deveriam ficar gratos diante da possibilidade de uma bolsa de estudos. — Ela fechou com força o caderno onde anotava as notas dos alunos. — O que temos é um rapaz brilhante e talentoso, que tem sonhos. Sonhos que nunca vai poder levar adiante porque seus pais não irão permitir. Ou o pai não vai —

acrescentou. — A mãe não disse nem duas palavras durante todo o tempo em que estiveram aqui.

— Talvez ela prefira conversar com ele a respeito quando estiverem sozinhos.

— Ou talvez ele a contamine com a contrariedade que sente a meu respeito.

— Hank não é assim. Ele está acomodado no seu jeito de ser e acha que tem todas as respostas, mas não é um homem mau.

— É difícil para mim tentar ver alguma virtude no homem, depois de ele ter me chamado de... — ela parou e respirou fundo — uma moça da cidade grande, de mãos lisinhas, que estava desperdiçando o dinheiro suado dos impostos que ele pagava. Eu poderia ter feito alguma diferença na vida daquele garoto — murmurou Nell, sentando-se novamente. — Sei disso.

— Tudo bem, talvez você não consiga fazer a diferença com Júnior, mas fará com outra pessoa. Aliás, já fez, com Kim.

— Obrigada. — Nell deu um rápido sorriso. — Isso ajuda um pouco.

— Mas é verdade. — Mac odiava vê-la daquele jeito, toda aquela energia brilhante, todo aquele otimismo, apagados. — Ela ganhou confiança em si mesma. Kim sempre foi tímida para cantar e para muitas outras coisas. Agora está realmente se abrindo.

Ouvir aquilo realmente ajudou e, dessa vez, o sorriso de Nell foi espontâneo.

— Então devo parar de remoer.

— Não combina com você. — Mac surpreendeu a si mesmo, e a Nell, ao correr os dedos pelo queixo dela. — O sorriso, sim.

— Nunca fui capaz de ficar de mau humor por muito tempo. Bob dizia que era porque sou superficial.

— Quem diabos é Bob?

— Aquele que tirei da minha vida.

— Com certeza, era isso mesmo o que ele merecia. Nell riu.

— Estou feliz que você tenha passado por aqui. Eu, provavelmente, ficaria aqui por mais uma hora, rangendo os dentes.

— São belos dentes — murmurou Mac, e se afastou. — Agora tenho que ir. Preciso arrumar fantasias de Halloween.

— Precisa de ajuda?

— Eu... — Era tentador, tentador demais, mas muito perigoso, ele pensou, começar a compartilhar tradições familiares com ela. — Não, já tenho tudo sob controle.

Nell aceitou o desapontamento e até conseguiu disfarçá-lo.

— Você vai trazê-los aqui no sábado à noite, não vai? Para as "gostosuras ou travessuras"?

— Claro. Até mais. — Ele virou-se para sair da sala, mas parou sob a porta e virou-se. — Nell?

— Sim?

— Certas coisas levam um tempo para mudar. As mudanças deixam algumas pessoas nervosas.

Ela inclinou a cabeça.

— Você está falando sobre os Rohrer, Mac?

— Entre outros. Vejo você no sábado à noite. Nell ficou olhando para a porta vazia, enquanto os passos dele ecoavam no corredor. Será que Mac achava que ela estava tentando mudá-lo? E será que ela estava mesmo tentando? Ela se recostou, afastando a papelada. Não seria capaz de se concentrar naquilo agora.

Sempre tinha dificuldade de se concentrar quando Macauley Taylor estava por perto. Quando se tornara tão suscetível àquele tipo lento, meticuloso e quieto? No momento em que ele entrara no auditório para pegar Kim e os gêmeos, admitiu.

Amor à primeira vista? Com certeza, ela era sofisticada demais, esperta demais, para acreditar numa coisa dessas. E com certeza, acrescentou, era esperta demais para se colocar na posição vulnerável de se apaixonar por um homem que não retribuía seus sentimentos.

Ou que não queria retribuir, pensou. O que era ainda pior.

Não deveria importar o fato de ele ser doce, bom e devotado aos filhos. Não deveria importar ele ser tão bonito, forte e sexy. Ela não deixaria que fizesse diferença o fato de que

estar com ele, pensar nele, a deixasse ansiando por certas coisas. Por um lar, uma família, por risadas na cozinha e paixão na cama.

Nell deixou escapar um longo suspiro, porque, no fim, importava. Importava muito quando uma mulher estava balançando bem na beira do abismo que era se apaixonar.

Capítulo Sete

No MEIO DE novembro as folhas já haviam caído e as árvores estavam nuas. Até isso era bonito, pensou Nell. Havia beleza nos galhos escuros e nus, no farfalhar das folhas secas no meio-fio, na geada que fazia a grama reluzir como poeira de diamante nas manhãs.

Ela se pegou espiando pela janela várias vezes, esperando pela neve como uma criança aguardava um feriado escolar.

Era uma sensação maravilhosa. Era fantástico antecipar o inverno e lembrar o outono. Pensava, com frequência, na noite de Halloween, e em todas as crianças que bateram em sua porta vestidas de piratas e princesas. Lembrava-se do modo como Zeke e Zack haviam rido quando ela fingiu não reconhecê-los nas elaboradas roupas de astronauta que Mac fizera para eles.

Nell se pegou relembrando o concerto de música country a que Mac a levara. Ou no quanto se divertiram quando se encontraram no shopping na semana anterior, todos com a intenção de completar suas listas de compras de Natal mais cedo.

Agora, passando pela casa que Mac estava reformando, ela voltou a pensar nele. Fora tão doce o modo como ele se esforçara para descobrir o presente certo para Kim! Macauley Taylor não comprava presentes só por comprar, para as pessoas que lhe eram queridas. Era preciso ter a cor certa, o estilo certo.

Nell começava a acreditar que tudo a respeito dele era certo.

Ela passou pela casa, apreciando o ar fresco da noite e sentindo-se leve. Naquela tarde, tivera o orgulho de anunciar que dois dos seus alunos iriam participar do festival estadual.

Enfim, ela havia feito alguma diferença, pensou Nell, fechando os olhos de prazer diante dessa certeza. Não era apenas o prestígio, o prazer de ser cumprimentada pelo diretor do colégio. O que fizera diferença mesmo foi a expressão no rosto dos alunos. O orgulho, não apenas no rosto de Kim e do tenor que participaria com ela do festival estadual, mas do coral inteiro. Todos compartilhavam o triunfo, porque ao longo daquelas poucas semanas haviam se tornado um time. O time dela. Seus garotos.

— Está frio para uma caminhada.

Nell sobressaltou-se, tensa, e então riu de si mesma quando viu Mac sair da sombra de uma árvore no jardim da casa da irmã.

— Céus, você me assustou! Já estava pronta para assumir uma das minhas posturas de defesa pessoal contra assaltantes.

— Não temos muitos assaltantes em Taylor's Grove. Você está indo visitar Mira?

— Não, na verdade estou apenas caminhando um pouco. Estava com energia demais acumulada para ficar parada em casa. — Seu rosto se acendeu com um sorriso. — Você já soube das boas-novas?

— Parabéns.

— Não sou eu...

— Sim, é. E muito. — Aquela foi a única maneira que Mac encontrou de lhe dizer o quanto estava orgulhoso do que ela fizera. Ele se voltou para trás para olhar para a casa da irmã, onde as luzes cintilavam na noite. — Mira e Kim estão lá dentro, chorando.

— Chorando? Mas...

— Não esse tipo de choro. — As lágrimas femininas sempre o embaraçavam. Ele deu de ombros. — O outro tipo.

— Oh! — Em resposta, Nell sentiu os próprios olhos arderem. — Isso é legal.

— Dave está andando de um lado para o outro com um enorme sorriso no rosto. Estava falando com os pais dele quando saí. Mira já falou com nossos pais, e também com todos os seus amigos e parentes espalhados pelo país.

— Bem, mas isso é mesmo importante.

— Sei disso. — Ele abriu um sorriso. — Eu mesmo já dei alguns telefonemas. Você deve estar muito satisfeita com tudo isso.

— Pode apostar. Ver o rosto deles hoje, quando fiz o anúncio... bem, isso foi o melhor de tudo. E é um excelente pontapé inicial para nossa arrecadação de fundos. — Ela estremeceu quando o vento balançou as árvores.

— Você está com frio. Vou levá-la de carro para casa.

— Seria bom. Continuo esperando pela neve.

Do jeito como sempre fizeram todos os homens do campo, desde Adão, Mac levantou a cabeça para o ar, respirou fundo e analisou o céu.

— Você não vai precisar esperar muito. — Ele abriu a porta da caminhonete para Nell. — As crianças já estão tirando os trenós do armário.

— Devo comprar um para mim também. — Ela se recostou no banco do carro, relaxada. — Onde estão os meninos?

— Vão passar a noite com amigos. — Mac gesticulou na direção da casa que ficava em frente à de Mira.

— Acabei de deixá-los lá.

— Eles devem estar ansiando pelo Natal agora, com a neve no ar.

— É engraçado. Normalmente, logo depois do Halloween eles começam a me bombardear com listas de presentes, fotos de brinquedos nos catálogos, anúncios na tevê.

— Ele ligou o carro e guiou em direção ao centro da cidade. — Este ano eles me disseram que Papai Noel está tomando conta de tudo. Só sei que querem bicicletas — acrescentou, franzindo o cenho. — Foi só o que escutei. Os dois andam cochichando pelos cantos sobre mais alguma coisa, mas ficam quietos quando chego perto.

— Isso é o Natal — disse Nell, tranquila. — É a melhor época do ano para sussurros e segredos. E você? — Ela virou-se e sorriu para ele. — O que vai querer de Natal?

— Um pouco mais do que as duas horas de sono que durmo normalmente.

— Você pode fazer melhor do que isso.

— Quando os meninos descem as escadas de manhã, com aquelas carinhas iluminadas, já tenho tudo o que quero. — Ele parou na frente do prédio dela. — Você vai voltar para Nova York para as festas de fim de ano.

— Não, não há nada lá para mim.

— E sua família?

— Sou filha única. Meus pais costumam passar as festas no Caribe. Você quer entrar, tomar um café?

Aquela era uma ideia muito mais tentadora do que voltar para uma casa vazia.

— Sim, obrigado. — Quando eles começaram a subir as escadas, ele tentou voltar delicadamente ao assunto das festas de fim de ano e da família dela. — E quando você era criança, costumava passar o Natal no Caribe?

— Não. Nós tínhamos uma comemoração bem tradicional, na Filadélfia. Mas, então, fui para a faculdade em Nova York e eles se mudaram para a Flórida. — Ela abriu a porta e tirou o casaco. — Não somos muito próximos, na verdade. Eles não ficaram exatamente felizes com minha decisão de estudar música.

— Oh! — Ele jogou o casaco dele sobre o de Nell, enquanto ela ia até a cozinha preparar o café. — Imagino que tenha sido por isso que você ficou tão furiosa a respeito de Júnior.

— Talvez. Meus pais não desaprovaram diretamente, apenas ficaram desnorteados. Nós convivemos bem melhor, distantes. — Ela olhou para ele por cima do ombro. — Acho que é por isso que admiro você.

Ele parou de analisar uma caixa de música de pau-rosa, que estava em cima de uma mesa, para encará-la.

— A mim?

— Seu interesse e envolvimento com os filhos e com a família. É tudo tão sólido, tão natural. — Ela jogou o cabelo para trás e começou a colocar biscoitos numa travessa. —

Nem todo mundo tem tanta disposição e capacidade para investir tempo e atenção. Nem todo mundo ama com tanta dedicação. — Nell sorriu. — Agora eu o deixei encabulado.

— Não. Sim — admitiu ele e pegou um dos biscoitos. — Você não perguntou a respeito da mãe deles. — Ela não disse nada e Mac começou a falar. — Eu tinha acabado de sair da faculdade quando a conheci. Ela era uma das secretárias da imobiliária do meu pai. Era bonita. Quero dizer, era bonita de um jeito vistoso, daquele tipo que vira a cabeça de um homem. Saímos juntos algumas vezes, fomos para a cama, ela ficou grávida.

A voz inexpressiva fez com que Nell levantasse a cabeça. Mac deu outra mordida e continuou, com amargura:

— Sei que isso soa como se ela tivesse feito tudo sozinha. Eu era jovem, mas tinha idade para saber o que estava fazendo, para ser responsável.

Nell percebeu que ele sempre levava suas responsabilidades a sério, e que sempre levaria. Bastava olhar para Mac para perceber que era uma pessoa confiável.

— Você não falou nada sobre amor.

— Não, não falei. — Aquilo era uma coisa que ele não encarava levianamente. — Eu me sentia atraído por ela e vice-versa. Ou achei que ela sentia a mesma coisa. O que não sabia é que ela mentira sobre o fato de estar usando contraceptivos. Só depois que nos casamos foi que descobri que ela havia planejado "fisgar o filho do patrão". Estas foram as palavras dela — acrescentou Mac. — Angie viu em mim uma possibilidade de melhorar seu padrão de vida.

Ele ficou surpreso que mesmo naquele momento, depois de tanto tempo, ainda sentisse o orgulho e o coração feridos por saber que fora usado tão friamente.

— Para encurtar a história — continuou, no mesmo tom inexpressivo —, ela não contava com a vinda de gêmeos, ou com as inconveniências da maternidade. Assim, cerca de um mês depois de os meninos nascerem, Angie limpou minha conta do banco e se mandou.

— Sinto muito, Mac — murmurou Nell. Ela desejou saber a palavra, o gesto certo para apagar aquela indiferença fria dos olhos dele. — Deve ter sido horrível para você.

— Poderia ter sido pior. — Ele relanceou o olhar para ela e encolheu os ombros. — Eu poderia estar apaixonado por Angie. Ela entrou em contato comigo uma vez, para me dizer que queria que eu arcasse com as custas do divórcio. Em contrapartida, eu poderia ficar com as crianças, com seu consentimento total e absoluto. Consentimento total e absoluto — repetiu Mac. — Ela falou deles como se fossem móveis e utensílios... e não crianças. Eu fiz com que cumprisse o prometido. Fim da história.

— Foi assim? — Nell foi até ele e pegou suas mãos. — Mesmo que você não a amasse, ela o magoou.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou o rosto dele, para acalmá-lo e confortá-lo. Viu a mudança nos seus olhos... e, sim, viu mágoa também. Aquilo explicava muita coisa, pensou Nell, depois de ouvi-lo contar a história. Depois de ver aquela expressão no rosto dele. Mac ficara desiludido, devastado. Em vez de enfraquecer diante da situação, ou de se encostar nos pais para ajudá-lo com o fardo, ele pegara os filhos e começara uma vida nova com eles. Uma vida para eles.

— Ela não merecia você, ou os meninos.

— Não foi nenhuma provação. — Mac não conseguia desviar os olhos dos dela, agora. Estava impressionado, não tanto pela simpatia que ela demonstrava, mas pela compreensão dos fatos sem questionamentos. — Eles são a melhor parte de mim. Não queria que parecesse que isso é um sacrifício.

— E não parece. — O coração de Nell pareceu derreter quando ela o abraçou. O gesto tivera a intenção de confortá-lo, mas acabara mexendo com alguma emoção muito mais profunda dentro dela. — Você deixa claro que faz o que faz porque os ama. É muito atraente ouvir um homem dizer que considera seus filhos uma dádiva, e saber que ele realmente pensa assim.

Mac estava abraçado a Nell, e não tinha muita certeza de como isso acontecera. Parecia tão fácil, tão natural, tê-la aconchegada em seus braços.

— Quando recebemos um presente importante, temos que cuidar bem dele. — A voz de Mac traía uma mescla de sentimentos. Ela. Seus filhos. Alguma coisa no modo como ela

erguia os olhos para ele, a forma como seus lábios se curvavam. Ele ergueu a mão e acariciou-lhe os cabelos, mas logo se lembrou de recuar. — Tenho que ir.

— Fique. — Nell descobriu que era fácil pedir isso a ele. Muito fácil, no fim, precisar dele. — Você sabe que quero que fique. Sabe que quero você.

Mac não conseguia afastar os olhos do rosto dela, e seu desejo era muito maior e muito mais doce do que ele jamais imaginara.

— Isso pode complicar as coisas, Nell. Eu carrego uma bagagem pesada. A maior parte dela está arquivada, mas...

— Eu não me importo. — A respiração dela estava trêmula. — Não tenho nem mais orgulho, neste momento. Faça amor comigo, Mac. — Com um suspiro, ela puxou a cabeça dele para baixo e beijou-o. — Apenas me ame esta noite.

Mac não pôde resistir. Aquela era uma fantasia que tomara seu corpo e sua mente desde o momento em que a encontrara pela primeira vez. Nell era tão suave e ao mesmo tempo muito ardente. Ele já ficara tempo demais sem aqueles dois maravilhosos dons femininos.

Agora, com a boca de Nell colada à dele e com seus braços envolvendo-o, ela era tudo o que ele mais queria.

Nunca se considerara um homem romântico. Imaginou se uma mulher como Nell iria preferir luz de velas, música suave, essências perfumando o ar. Mas o cenário já estava montado. Ele não podia fazer nada além de erguê-la nos braços e carregá-la para o quarto.

Mac acendeu o abajur, surpreso ao perceber que seu próprio nervosismo desaparecera quando viu nos olhos de Nell que ela estava nervosa.

— Venho pensando nisto há muito tempo — ele revelou. — E quero poder vê-la durante todo o tempo em que estiver tocando-a. Quero ver você.

— Bom. — Nell ergueu os olhos para ele e o sorriso de Mac afastou um pouco da tensão que ela sentia. — Eu também quero ver você.

Ele carregou-a até a cama e se deitou ao lado dela, passando a mão em seus cabelos e em seus ombros. Então, baixou a cabeça para beijá-la.

Foi tão fácil como se eles já compartilhassem a intimidade e as noites há anos. E tão arrebatador como se cada um deles tivesse chegado naquela cama inocente como um bebê.

O toque de mãos, os lábios que saboreavam, tudo muito lento e demorado. Um murmúrio, um suspiro, suave e doce. As mãos dele não se apressavam, apenas davam prazer, deslizando pelo corpo dela, abrindo botões, parando para explorar.

Nell sentiu a pele estremecer com as carícias, enquanto sentia o corpo ficar cada vez mais quente. Sua pulsação disparava a cada roçar de dedo, a cada toque da língua de Mac. Suas próprias mãos trêmulas fizeram com que ela soltasse uma risada rouca que se transformou em gemido quando finalmente encontrou a pele dele.

Fazer amor! A expressão nunca fora verdade para ela. Mas ali havia uma ternura preciosa, misturada com uma curiosidade voluptuosa que dominava os sentidos, deixando todo o corpo com a sensação de estar sendo retorcido em delicados nós de seda. Cada vez que a boca de Mac voltava a capturar a dela, o beijo era mais profundo, mais selvagem, levando os dois cada vez mais alto, até que ele era a única coisa que existia para ela. E a única de que precisava.

Nell se entregava com tanta generosidade que o comoveu. O corpo se encaixava ao dele com uma perfeição que o enlouquecia. Mas sempre que ele achava que iria perder o controle se descobria voltando com facilidade ao ritmo que ambos haviam estabelecido.

Lento, sutil, saboroso.

O corpo dela era pequeno, de constituição delicada. A fragilidade que percebeu fez com que suas mãos fossem ainda mais suaves. Mesmo quando ela arqueou o corpo e gritou na primeira vez, ele não se apressou. Era muito excitante apenas observar aquele rosto incrivelmente expressivo, apreciar cada emoção que ele revelava.

Mac lutou para retardar a necessidade de se derramar dentro dela, controlando-se tempo suficiente para que se protegessem. E seus olhos se fecharam quando ele finalmente abandonou o controle e se entregou. Nell prendeu a respiração, e, quando a soltou, um sorriso curvou seus lábios.

Do lado de fora, o vento sacudia as janelas, criando uma música que lembrava a de sinos tocando. E a primeira neve da estação começou a cair, tão silenciosa quanto um desejo.

Capítulo Oito

ELE NÃO CONSEGUIA se saciar dela. Mac pensou que na pior das hipóteses aquilo devia ser um caso de insanidade, e, na melhor delas, uma obsessão temporária. Não importava o quanto seu tempo, seu cérebro e suas emoções fossem solicitados, ele ainda se pegava pensando em Nell nos momentos mais estranhos, de dia ou à noite.

Embora soubesse que era uma visão cínica, desejava que pudesse ter sido apenas sexo. Porque, se tivesse sido só sexo, ele poderia atribuir tudo aos hormônios e voltar para suas ocupações. Mas ele não ficava apenas imaginando-a na cama, ou fantasiando sobre encontrar um momento para se perder naquele corpo pequeno e belo.

Algumas vezes, quando se flagrava devaneando, ela estava diante de um grupo de crianças, regendo suas vozes com as mãos, com os braços, com o corpo todo. Ou estava sentada ao piano, com os gêmeos, um de cada lado, rindo com eles. Ou estava apenas caminhando pela cidade, com as mãos enfiadas nos bolsos e o rosto erguido para o céu.

Nell o apavorava.

E ela parecia tão tranquila a respeito de tudo aquilo, pensou Mac, enquanto media o rodapé. Esta é a mulher para você, decidiu ele. Não precisavam se preocupar em fazer os movimentos certos, em dizer as coisas certas. Precisavam apenas... ser, pensou. E isso era o bastante para enlouquecer um homem.

E ele não podia se permitir enlouquecer. Tinha filhos para criar, um negócio para tocar. Droga, precisava colocar as roupas para lavar assim que chegasse a casa. E, diabo, esquecera mais uma vez de tirar o frango do freezer.

Eles comeriam hambúrgueres a caminho para o concerto, disse a si mesmo. Já tinha muita coisa na cabeça para ainda precisar se preocupar com o jantar. O Natal estava quase chegando e as crianças estavam agindo de um jeito muito estranho.

Apenas as bicicletas, papai, eles haviam afirmado. Papai Noel já está fazendo as bicicletas e é ele quem está cuidando também do presente maior.

Que presente maior?, se perguntou Mac. Nenhuma pergunta ou truque conseguira desvendar esse mistério. Pela primeira vez seus filhos estavam impenetráveis. E essa era uma ideia que o perturbava. Sabia que em um, no máximo dois anos, se ele tivesse sorte, os dois começariam a questionar e a duvidar da existência de Papai Noel e da magia que envolvia o Natal. O fim da inocência. E fosse o que fosse que os dois estivessem esperando achar debaixo da árvore na manhã de Natal, Mac queria ter certeza de que encontrariam.

Mas os garotos apenas riam quando ele os pressionava e lhe diziam que seria uma surpresa para os três.

Teria que trabalhar naquilo. Mac martelou o rodapé no lugar. Ao menos eles haviam enfeitado a árvore de Natal, assado alguns biscoitos e feito fitas de pipoca para colocar na árvore. Ele ainda sentia uma pontada de culpa por ter se esquivado do oferecimento de Nell para ajudar com a decoração. E por ter ignorado os meninos quando lhe perguntaram se ela poderia decorar a árvore com eles.

Será que ele era o único que percebia o erro que seria deixar que as crianças se apegassem muito a ela? Nell estava na cidade há poucos meses. E poderia partir a qualquer momento. Ela podia achar os gêmeos uma gracinha, mas não havia nada que a prendesse a eles.

Maldição, agora *ele* é que estava fazendo com que os meninos parecessem móveis e utensílios.

Mas não era sua intenção, assegurou Mac a si mesmo. Ele simplesmente não iria permitir que ninguém abandonasse seus filhos outra vez.

Não se arriscaria a isso por nada neste mundo.

Depois de prender a última parte do rodapé no lugar, ele assentiu, aprovando o trabalho. A casa estava ficando ótima. Sabia o que estava fazendo ali. Assim como sabia o que estava fazendo com os filhos.

Só gostaria de ter uma ideia melhor do que fazer com Nell.

— Talvez aconteça esta noite. — Zeke observava o hálito sair como fumaça por causa do ar gelado, enquanto ele e o irmão estavam sentados na casa da árvore, protegidos do frio de dezembro por casacos e cachecóis.

— Ainda não é Natal.

— Mas é o dia do concerto de Natal — disse Zeke, obstinado. Ele já estava cansado de esperar por uma mãe. — Foi lá que nós a vimos primeiro. E vai haver música e uma árvore de Natal, e todas essas coisas, então, será como o Natal.

— Não sei. — Zack gostava da ideia, e muito, porém era mais cauteloso. — Talvez, mas nunca recebemos nenhum dos nossos presentes antes do Natal.

— Recebemos sim. Quando o sr. Perkins finge ser o Papai Noel, na festa do Corpo de Bombeiros. Isso acontece muitas semanas antes do Natal e ele dá presentes para todas as crianças.

— Mas não são os presentes *de verdade*. Não são as coisas que pedimos. — Mas Zack já começava a aceitar a ideia. — Talvez, se desejarmos com muita força. Papai gosta muito dela. Tia Mira estava dizendo para tio Dave que papai encontrou a mulher certa, mesmo que ele ainda não saiba disso. — Ele franziu o cenho. — Como ele poderia não saber se já a encontrou?

— Tia Mira está sempre dizendo coisas que não fazem sentido — disse Zeke, com o desdém fácil dos muito jovens. — Papai vai se casar com ela e Nell virá morar aqui em casa conosco e será nossa mãe. Ela tem que ser. Nós fomos bons garotos, não fomos?

— Hmm, hmm. — Zack brincava com a ponta da bota. — Você acha que ela vai nos amar e tudo mais?

— Provavelmente. — Zeke olhou diretamente para o irmão. — Eu já a amo.

— Eu também. — Zack sorriu, aliviado. Finalmente, tudo iria ficar bem.

— Muito bem, pessoal. — Nell elevou a voz acima do burburinho na sala do coral. O lugar servia como bastidores nas noites de concerto, e os alunos estavam zanzando por ali, checando roupas, maquiagem e cabelos e tentando aliviar a tensão da estreia falando o mais alto possível. — Acalmem-se.

Um dos alunos estava com a cabeça abaixada entre os joelhos, lutando contra uma crise aguda de medo de palco. Nell sorriu-lhe com simpatia, enquanto o grupo começava a se aquietar.

— Vocês todos trabalharam muito duro para esta noite. Sei que muitos estão nervosos porque há amigos e parentes na plateia. Pois bem, usem esse nervosismo para aprimorar sua atuação. E, por favor, lembrem-se de sair do palco do jeito sério e tranquilo que praticamos.

Houve alguns risinhos abafados diante dessa declaração. Nell apenas levantou uma sobrancelha.

— Eu deveria ter dito para se lembrarem de serem mais sérios e tranquilos do que foram no ensaio. Diafragmas — ela disse. — Projeção. Postura. Sorrisos. — Nell fez uma pausa, ergueu a mão. — E, acima de tudo, espero que se lembrem do principal ingrediente da apresentação desta noite: prazer! Divirtam-se! — disse ela e sorriu. — É Natal! Agora vamos lá, arrasar!

Seu próprio coração estava aos pulos quando ela acompanhou a turma até a entrada do palco e observou-os assumirem suas posições no estrado, enquanto os murmúrios se erguiam na plateia para logo depois cessarem. Nell sabia que para muitos aquele concerto seria o primeiro teste dela como professora. Naquela noite, a comunidade decidiria se o conselho fizera ou não uma boa escolha ao contratá-la como a nova professora de música.

Ela respirou fundo, ajeitou a gola da jaqueta de veludo e entrou no palco.

Houve aplausos educados quando se aproximou do microfone.

— Sejam bem-vindos ao concerto de final de ano da Taylor's Grove High School — começou.

— Nossa, papai, a Srta. Davis não está linda?

— Sim, Zack, ela está. — *Adorável* era a palavra certa, pensou Mac, no delicado conjunto verde-escuro que usava, com os pequenos enfeites vermelhos espalhados nos cabelos e o sorriso nervoso no rosto.

Nell ficava incrível sob a luz dos refletores. Ele se perguntava se ela sabia disso.

Naquele momento, tudo o que Nell sabia era que estava nervosa. Queria poder ver os rostos na plateia com mais clareza. Sempre preferia ver a audiência quando se apresentava. Tornava tudo mais engraçado, mais divertido. Depois da abertura, Nell virou-se, viu os olhos dos alunos fixos nela e sorriu para tranquilizá-los.

— Muito bem, pessoal — ela murmurou, num tom que apenas eles poderiam ouvir.
— Vamos sacudir este teatro!

Quando soaram os aplausos, Nell sentiu a tensão se dissolver. Haviam superado o primeiro obstáculo. Ela passou de um número musical a outro, do tradicional ao divertido. Entusiasmou-se quando a plateia acompanhou o "Cantate Domine", encantou-se quando seus sopranos decolaram no "Adeste Fideles" e riu quando eles emendaram um alegre "Jingle Bell Rock", que ficou perfeito com a performance de gingado e palmas que acrescentaram à música.

E seu coração se encheu de orgulho quando Kim se aproximou do microfone e as primeiras notas límpidas do seu solo flutuaram no ar.

— Oh, Dave. — Fungando, Mira agarrou com força a mão do marido, e depois, a de Mac. — Nosso bebê.

A previsão de Nell estava certa. Quando Kim voltou para sua posição no coral não havia um único olho seco na plateia. Eles fecharam o concerto com "Silent Night", à capela, só as vozes, sem o piano. Do jeito que aquela música devia ser cantada, dissera

Nell aos alunos. Do modo como ela fora composta para ser cantada.

Quando a última nota morreu e ela virou-se para indicar seu coral à plateia, todos já estavam aos pés deles. Uma onda de pura emoção atravessou o corpo de Nell quando ela voltou a se virar e viu os queixos trêmulos, os olhos arregalados e os sorrisos tolos no rosto de seus alunos.

Nell engoliu as lágrimas e esperou até que os aplausos cessassem antes de voltar ao microfone. Sabia como fazer as coisas.

— Eles foram incríveis, não foram?

Como esperara, isso fez com que os gritos e os aplausos recomeçassem. Esperou mais uma vez que cessassem.

— Gostaria de agradecer a todos por terem vindo, por apoiarem o coral. Devo um agradecimento especial aos pais dos cantores que estão no palco esta noite, por sua paciência, compreensão, e por terem concordado em dividir seus filhos comigo por algumas horas, todos os dias. Cada estudante que está neste palco trabalhou muito duro para que esta noite acontecesse, e estou encantada que vocês tenham apreciado o talento e o esforço deles. Gostaria de acrescentar que os bicos-de-papagaio que decoram o palco foram doados pela Hill Florists e estão à venda por 3 dólares o vaso.

O lucro irá para o fundo para as novas roupas do coral. Feliz Natal, e voltem sempre!

Antes que ela se afastasse do microfone, Kim e Brad se aproximaram, um de cada lado.

— Só mais uma coisa. — Brad pigarreou para silenciar o burburinho na plateia. — O coral gostaria de oferecer uma lembrança simbólica em agradecimento à Srta. Davis por todo o trabalho e apoio. Hã...

— Kim escrevera o discurso, mas Brad fora designado para proferi-lo. O rapaz gaguejou um pouco, deu um sorriso para Kim e continuou: — Este é o primeiro concerto da Srta. Davis na Taylor High. Hã... — Ele não conseguiu se lembrar de todas as palavras bonitas que Kim escrevera, então disse o que estava sentindo.

— Ela é o máximo. Obrigado, Srta. Davis!

— Esperamos que goste — murmurou Kim sob aplausos, e entregou a Nell uma caixa embrulhada em papel brilhoso. — Todos os alunos colaboraram.

— Eu... — Ela não sabia o que dizer e estava com medo de prosseguir. Quando abriu a caixa, olhou com os olhos marejados para um broche no formato de uma chave de sol.

— Sabemos que a senhorita gosta de jóias — começou Kim. — Então pensamos...

— É maravilhoso. Perfeito. — Nell respirou fundo para se recuperar da emoção e virou-se para o coral. — Muito obrigada. Isso significa quase tanto para mim quanto para vocês. Feliz Natal.

— Ela ganhou um presente — falou Zack. Eles estavam esperando no corredor lotado, do lado de fora do auditório, para cumprimentar Kim. — Isso quer dizer que também podemos ganhar um esta noite. Podemos ganhar a srta. Davis.

— Não se ela for para casa quando sair daqui. — Zack já pensara nisso. Estava esperando por esse momento e, quando a viu, atacou. — Srta. Davis! Aqui, srta. Davis!

Mac não se mexeu. Não conseguiu. Alguma coisa acontecera enquanto estava sentado na terceira fileira, observando-a no palco. Ele a vira sorrir, vira as lágrimas em seus olhos. Só vira Nell.

Estava apaixonado! E nunca experimentara aquela sensação. Não sabia como lidar com aquilo. Correr parecia a solução mais inteligente, mas ele achava que não conseguiria se mexer.

— Olá! — Ela agachou-se para abraçar os meninos, apertando-os com força, beijando as bochechas de cada um. — Gostaram do concerto?

— Foi bom mesmo. Kim foi a melhor.

Nell inclinou-se para ficar perto da orelha de Zeke.

— Também acho, mas isso tem que ficar em segredo.

— Somos bons em guardar segredos. — Ele sorriu, presunçoso, para o irmão. — Estamos guardando um há semanas.

— Poderia vir até nossa casa, Srta. Davis? — Zack agarrou-lhe a mão e colocou todo o seu charme no olhar que dirigiu a ela. — Por favor? Venha ver nossa árvore e as luzes. Colocamos luzes em todos os lugares e a senhorita já vai conseguir vê-las por todo o caminho na estrada.

— Eu gostaria muito. — Ela levantou o olhar para Mac. — Mas o pai de vocês deve estar cansado.

Ele não estava cansado, estava abalado. Ela ainda tinha os cílios úmidos, e o broche que as crianças haviam dado cintilava na jaqueta de veludo.

— Você é bem-vinda para vir conosco, se não se importar com a distância.

— Eu gostaria muito. Ainda estou agitada. — Ela ficou de pé, buscando por algum sinal de boas-vindas ou de rejeição no rosto de Mac. — Se você tem certeza de que não é uma hora ruim.

— Não. — Ele percebeu que sua língua parecia grossa. Como se ele tivesse bebido.

— Quero falar com você.

— Irei assim que terminar aqui. — Ela piscou para os meninos e voltou a se misturar com a multidão.

— Ela fez maravilhas com aqueles garotos. — A Sra. Hollis acenou com a cabeça para Mac. — Seria uma vergonha perdê-la.

— Perdê-la? — Mac olhou para os filhos, mas eles estavam grudados um no outro, sussurrando. — O que quer dizer?

— Ouvi do sr. Perkins, que ouviu de Addie McVie, que trabalha na secretaria da escola de ensino médio, que Nell Davis foi convidada a voltar para seu antigo cargo na escola em Nova York. Para começar no próximo outono. Nell e o diretor tiveram uma reunião esta manhã. — A Sra. Hollis continuou tagarelando, enquanto Mac olhava inexpressivamente por sobre a cabeça dela. — Odeio pensar que ela pode nos deixar. Ela fez diferença com essas crianças. — Então, a Sra. Hollis avistou uma companheira de fofocas e abriu caminho a cotoveladas pela multidão.

Capítulo Nove

MAC SEMPRE FORA um homem controlado. Pelo menos nos últimos sete anos. Agora, estava precisando usar todo esse autocontrole para evitar que os filhos percebessem seu péssimo humor.

Eles estavam tão animados porque ela ia visitá-los, ele pensou amargamente. Quiseram se certificar de que todas as luzes estavam acesas, que havia biscoitos e que a coleira de Zark estava enfeitada com um sino.

Eles também estavam apaixonados por ela, percebeu Mac. E isso criava uma enorme confusão.

Ele deveria ter adivinhado. Tinha que ter adivinhado. De algum modo, deixara que isso acontecesse. Se deixara mergulhar naquilo e afundara. E arrastara os filhos consigo.

Bem, precisava consertar as coisas, não é mesmo? Mac pegou uma cerveja e bebeu. Era bom em consertar coisas.

— As senhoras gostam de vinho — Zack lhe informou. — Tia Mira gosta.

Ele se lembrou de Nell bebericando vinho branco na festa de Mira.

— Não tenho nenhum em casa — resmungou. Como o pai parecia infeliz, Zack abraçou as pernas dele.

— Você pode comprar depois, para a próxima vez que ela vier.

Mac se abaixou e segurou o rosto do filho entre as mãos. O amor que sentia era tão forte, tão vital, que ele quase podia senti-lo apertando sua garganta.

— Sempre tem uma resposta, não é, companheiro?

— Você gosta dela, não é, papai?

— Sim, ela é legal.

— E ela também gosta de nós, certo?

— Ei, quem não gostaria dos rapazes Taylor? — Mac se sentou à mesa da cozinha e puxou o menino para seu colo. Quando os filhos eram pequenos, ele descobrira que não havia nada mais mágico do que segurar um filho no colo. — Na maioria das vezes, até *eu* gosto de vocês.

Isso fez com que Zack risse e se aconchegasse mais ao pai.

— Mas ela vive sozinha. — Zack começou a brincar com os botões da camisa do pai. Mac sabia que aquele era um sinal certo de que o filho estava aprontando alguma coisa.

— Muitas pessoas vivem sozinhas.

— Nós temos uma casa grande e dois quartos inteiros onde ninguém dorme, a não ser quando vovó e vovô vêm nos visitar.

O radar dele estava detectando alguma coisa. Mac puxou de brincadeira a orelha do filho.

— Zack, o que você está aprontando?

— Nada. — Fazendo bico, o menino começou a brincar com outro botão. — Estava só pensando como seria se a Srta. Davis viesse morar com a gente. — Ele olhou para o pai por entre as pálpebras cerradas. — Assim, ela não se sentiria tão solitária.

— Ninguém disse que ela era solitária — ressaltou Mac. — E acho que você deveria...

A campainha da porta tocou, fazendo com que o cachorro começasse a pular e latir, agitado. Zeke entrou voando na cozinha, dançando ora em um pé, ora no outro.

— Ela está aqui! Ela está aqui!

— Eu entendi direitinho, viu, rapaz? — Mac mexeu no cabelo de Zack e colocou-o no chão. — Muito bem, façam-na entrar. Está frio lá fora.

— Eu abro!

— *Eu* abro!

Os gêmeos dispararam pela casa até chegar à porta. Eles a alcançaram ao mesmo tempo, lutaram para ver quem girava a maçaneta e quase arrastaram Nell para dentro quando finalmente abriram a porta com força.

— Você demorou — reclamou Zeke. — Estamos esperando há séculos. Eu coloquei música de Natal para tocar. Está ouvindo? E acendemos as luzes da árvore de Natal e tudo mais.

— Estou vendo. — Era uma sala adorável e ela estava tentando não ficar ressentida por só agora ter sido convidada para uma visita.

Mac já lhe contara que ele mesmo havia construído a maior parte da casa. E conseguira criar um espaço aberto e confortável, com muita madeira. Na lareira, com uma porta protetora de vidro, as meias já estavam penduradas. A árvore, um pinheiro azul de 1,80m de altura, estava fartamente decorada e havia sido colocada orgulhosamente próxima à larga janela da frente.

— É incrível! — Nell deixou que os meninos a puxassem até a árvore para que olhasse mais de perto.

— Realmente maravilhosa. Ela faz com que a pequeninha que tenho no meu apartamento pareça tão mirrada...

— Pode dividir esta com a gente. — Zack levantou o olhar para ela, com o coração refletido nos olhos.

— Também podemos conseguir uma meia para você pendurar e colocamos seu nome nela.

— Eles fazem isso no shopping — Zeke contou a ela. — Nós conseguiremos uma bem grande para você.

Os meninos lhe tocaram o coração. Emocionada, Nell agachou-se e puxou os dois para seus braços.

— Meninos, vocês são demais. — Ela riu quando Zark empurrou-a com o focinho para chamar atenção. — Você também, Zark. — Com os braços cheios com as crianças e com o cachorro, Nell levantou os olhos para sorrir para Mac, que saía da cozinha. — Oi.

Desculpe-me por ter demorado tanto. Os alunos me cercaram, querendo repassar cada erro e cada triunfo do concerto.

Ela não deveria parecer tão certa, tão perfeita, segurando seus filhos nos braços sob a árvore.

— Eu não percebi nenhum erro.

— Mas houve alguns. Vamos trabalhar neles.

Nell chegou para trás e sentou em um pufe, levando os meninos junto. Como se, pensou Mac, ela tivesse a intenção de ficar com eles.

— Nós não temos vinho — informou Zack solenemente. — Mas temos leite, suco, refrigerantes e cervejas. Um monte de outras coisas. Ou... — Ele lançou um olhar astuto na direção do pai. — Alguém poderia fazer chocolate quente.

— É uma das minhas especialidades. — Nell levantou-se para tirar o casaco. — Onde fica a cozinha?

— Pode deixar que eu faço — resmungou Mac.

— Eu ajudo, então. — Confusa com o ar distante dele, ela caminhou em sua direção e perguntou: — Ou você não gosta de mulheres na sua cozinha?

— Não temos muitas por aqui. Você estava muito bem no palco.

— Obrigada. Foi bom estar lá.

Mac olhou além dela, para os olhos arregalados e cheios de expectativa dos filhos.

— Por que vocês não vão colocar os pijamas? O chocolate estará pronto assim que terminarem.

— Nós seremos mais rápidos — prometeu Zack, e saiu voando pelas escadas.

— Só se vocês deixarem as roupas espalhadas pelo chão. E não façam isso. — Ele virou-se e entrou na cozinha.

— Eles vão pendurá-las ou empurrá-las para baixo da cama? — perguntou Nell.

— Zack vai pendurá-las e elas vão cair no chão, e Zeke vai empurrá-las para baixo da cama.

Ela riu e observou enquanto Mac pegava o leite e o chocolate.

— Preciso lhe contar uma coisa muito engraçada que aconteceu. Há uns dias, eles chegaram com Kim para o ensaio. Os dois haviam trocado de suéteres, você sabe, o código de cores. E eu os deixei muito impressionados quando soube quem era quem mesmo assim.

Mac parou de medir o chocolate que colocava na panela.

— Como você conseguiu?

— Acho que não pensei a respeito. Cada um deles tem a própria personalidade. Expressões faciais. Você sabe, o jeito como os olhos de Zeke se estreitam, ou a forma como Zack olha para nós por sob os cílios quando está satisfeito com alguma coisa. Inflexões de voz. — Ela abriu um armário na sorte, para ver se achava as xícaras. — Postura. Há várias pequenas pistas, se prestarmos atenção e olharmos bem de perto. Ah, achei. — Satisfeita consigo mesma, pegou as xícaras e colocou-as sobre a bancada. Então, inclinou a cabeça para o lado, quando viu que Mac a observava.

Examinava-a, na verdade, ela pensou. Como se ela fosse alguma coisa a ser medida e encaixada no lugar. — Há alguma coisa errada?

— Eu queria conversar com você. — Ele se ocupou mexendo o chocolate no fogo.

— Pode dizer. — Nell sentiu que precisava se apoiar na bancada para se estabilizar.

— Mac, você está pulando fora ou eu estou enganada?

— Não sei se eu diria dessa forma.

Alguma coisa lhe dizia que ela iria se magoar. Nell se preparou para o que viria.

— E como você diria? — replicou ela, o mais calmamente que conseguiu.

— Estou um pouco preocupado com os meninos. Com a agitação deles ao seu redor. Eles estão ficando muito envolvidos. — Por que isso soava tão estúpido?, ele se perguntou. Por que se sentia tão estúpido?

— *Eles* estão?

— Acho que nós estamos passando uma impressão errada para eles e seria melhor se recuássemos. — Mac se concentrava no chocolate como se aquilo fosse uma experiência nuclear. — Nós saímos algumas vezes e...

— Dormimos juntos — ela completou, fria agora. Era a última defesa.

Ele olhou em volta, preocupado. Mas ainda podia ouvir o barulho dos pezinhos dos filhos no cômodo acima.

— Sim. Dormimos juntos, e foi muito bom. A questão é que as crianças percebem mais as coisas do que a maioria das pessoas pensa. E começam a ter ideias. Eles se envolvem.

— E você não quer que eles se envolvam comigo. — Sim, ela percebeu, aquilo iria mesmo magoá-la. — E não quer se envolver.

— Acho apenas que seria um erro levar isso adiante.

— Isso está bem claro. As placas de "Não Ultrapasse" já estão bem visíveis. Estou fora.

— Não é bem assim, Nell. — Ele apoiou a colher e deu um passo na direção dela. Mas havia uma barreira que não podia atravessar completamente. Uma barreira que ele mesmo criara. E se não se certificasse de que cada um ficaria em seu próprio lado, a vida que construía com tanto cuidado poderia desmoronar. — Eu tenho as coisas sob controle aqui, e preciso mantê-las dessa forma. Sou tudo o que eles têm. Eles são tudo o que eu tenho. Não posso estragar isso.

— Não é preciso explicar. — Ela percebeu que sua voz estava rouca e sabia que num instante ficaria trêmula. — Você deixou isto claro desde o princípio. Bem claro. É engraçado que a primeira vez em que você me convida para vir na sua casa seja para me dispensar.

— Não estou dispensando-a, estou tentando reajustar as coisas.

— Oh, vá para o inferno e guarde os reajustes para as suas casas! — Ela disparou cozinha afora.

— Nell, não saia assim! — Mas quando chegou à sala de estar ela já estava pegando o casaco e os meninos desciam correndo as escadas.

— Aonde vai, srta. Davis? Você não... — Os dois pararam, chocados ao ver as lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

— Sinto muito. — Era tarde demais para esconder o rosto, então ela continuou a caminhar para a porta. — Preciso resolver uma coisa. Sinto muito.

E ela se foi, deixando Mac parado, sem saber o que fazer, enquanto os dois meninos o encaravam. Uma dezena de desculpas passava pela cabeça dele. Enquanto tentava escolher uma, Zack desabou a chorar.

— Ela se foi. Você fez ela chorar e ela foi embora.

— Não tive essa intenção. Ela... — Ele foi até os filhos para pegá-los, mas encontrou um muro de resistência.

— Você estragou tudo! — Uma lágrima escapou dos olhos de Zeke, que estavam ardentes de raiva.

— Fizemos tudo o que tínhamos de fazer e você estragou tudo!

— Ela nunca mais vai voltar. — Zack sentou-se no primeiro degrau da escada e soluçou. — Nunca será nossa mãe.

— O quê? — Frustrado, Mac passou a mão pelos cabelos. — Do que vocês dois estão falando?

— Você estragou tudo! — disse Zeke mais uma vez.

— Escutem, a srta. Davis e eu tivemos um... desentendimento. As pessoas se desentendem. Não é o fim do mundo. — Ele gostaria de não estar se sentindo como se fosse o fim do mundo.

— Papai Noel a mandou. — Zack secou os olhos com as costas da mão. — Ele a mandou, exatamente como pedimos. E agora ela se foi.

— O que vocês querem dizer com Papai Noel a mandou? — Determinado a entender tudo aquilo, Mac sentou-se nos degraus da escada. Puxou um Zack relutante para seu colo e trouxe Zeke para baixo para que se juntasse a eles. — A Srta. Davis veio de Nova York para ensinar música, não do Polo Norte.

— Sabemos disso. — Zeke colocou a raiva de lado e procurou conforto encostando o rosto no peito do pai. — Ela veio porque mandamos uma carta para Papai Noel, meses atrás, assim estaríamos adiantados e ele teria bastante tempo.

— Tempo para quê?

— Para escolher nossa mãe. — Com um suspiro trêmulo, Zack fungou e olhou para o pai. — Queríamos que ela fosse boa, que cheirasse bem, gostasse de cachorros e tivesse

cabelos amarelos. Nós pedimos, e ela veio. E você devia casar com ela e fazer com que ela fosse nossa mãe.

Mac deixou escapar um longo suspiro e rezou para ter sabedoria para lidar com aquela situação.

— Por que não me disseram que estavam pensando em ter uma mãe?

— Não é *uma* mãe — lhe disse Zeke. — *É a* mãe. A Srta. Davis é a mãe, mas agora ela se foi. Nós a amamos e ela agora não vai gostar mais de nós porque você a fez chorar.

— Mas é claro que ela ainda vai gostar de vocês.

— Ela odiava a ele, mas jamais descontaria isso nos meninos. — Mas vocês dois já estão bem crescidos para saber que não é possível conseguir mães através de Papai Noel.

— Ele a mandou para nós, do jeito que pedimos a ele. Não pedimos nada além disso, só as bicicletas.

— Zack enterrou mais o corpo no colo dele. — Não pedimos nenhum brinquedo, nem jogos. Só mãe. Faça-a ela voltar, papai! Conserte isso. Você sempre conserta tudo.

— Não funciona assim, camarada. Pessoas não são como brinquedos velhos ou casas antigas. Papai Noel não a mandou, ela se mudou para cá por causa do emprego.

— Ele mandou ela também. — Com uma dignidade surpreendente, Zack desceu do colo do pai. — Talvez você não a queira, mas nós queremos.

Mac viu os filhos subirem as escadas, uma frente unida que o excluía, e foi deixado com um vazio no estômago e com o cheiro de chocolate queimado.

Capítulo Dez

EU DEVERIA TER saído da cidade por alguns dias, pensou Neil. Deveria ter ido para algum lugar. Para qualquer lugar. Não havia nada mais patético do que ficar sentada sozinha na noite de Natal, olhando pela janela e vendo as pessoas passando apressadamente na rua.

Declinara de todos os convites que recebera para aquela noite. Dera desculpas que pareciam furadas até para si mesma. Estava taciturna, admitia, e isso não parecia nada com seu jeito. Mas a verdade é que nunca tivera um coração partido precisando de conserto antes.

Com Bob fora apenas orgulho ferido, que se curara sozinho com incrível rapidez.

Agora ela fora abandonada com as emoções em carne viva, bem na época do ano em que o amor era mais importante.

Sentia saudades dele. Oh, odiava saber que sentia saudades dele. Daquele sorriso lento e hesitante, da voz calma, da gentileza de Mac. Em Nova York, ao menos, ela poderia ter se perdido na multidão, na confusão. Mas ali, para qualquer lugar que olhasse, havia alguma recordação.

Vá para algum lugar, Nell. Apenas entre no carro e saia dirigindo.

Seu coração doía de vontade de ver as crianças. Ficou imaginando se eles haviam levado seus trenós para fora, para aproveitar a neve fresca que caíra na véspera. Será que estavam contando as horas até o Natal, conspirando para ficarem acordados até ouvirem o barulho das renas no telhado?

Comprara presentes para eles, estavam embrulhados e esperando embaixo da árvore. Ela os mandaria por Kim ou Mira, pensou, e ficaria ainda mais arrasada por não poder ver os rostinhos deles enquanto rasgavam o papel para desembulhá-los.

Eles não são seus filhos, lembrou a si mesma. Mac sempre fora bem claro a esse respeito. Compartilhar a si mesmo já fora bastante difícil. Compartilhar os filhos teria sido mais do que ele poderia aguentar.

Precisava sair, decidiu, e forçou-se a se mexer. Arrumaria uma bolsa, jogaria no carro e dirigiria até sentir vontade de parar. Tiraria uns dois dias. Diabos, tiraria uma semana. Não aguentaria ficar ali sozinha durante as festas de fim de ano.

Durante os dez minutos seguintes ela se ocupou jogando coisas dentro de uma mala, sem nenhum planejamento ou senso de ordem. Agora que se decidira, queria partir logo. Fechou a mala, carregou-a para a sala e começou a procurar o casaco.

A batida na porta fez com que trincasse os dentes. Se mais algum vizinho bem-intencionado quisesse lhe desejar "Feliz Natal" e convidá-la para jantar, ela começaria a gritar.

Nell abriu a porta e sentiu a ferida em seu coração voltar a sangrar.

— Bem, Macauley... Veio desejar boas-festas aos seus inquilinos?

— Posso entrar?

— Por quê?

— Nell — Havia um mundo de paciência naquela única palavra. — Por favor, deixe-me entrar.

— Tudo bem, você é o proprietário. — Ela deu as costas para ele. — Sinto muito, mas não tenho nada para brindar e também não estou com humor para brindes.

— Preciso conversar com você. — Há dias ele vinha tentando encontrar a maneira certa, as palavras certas para falar com ela.

— É mesmo? Desculpe-me se não me entusiasmo com a ideia. A última vez em que você precisou falar comigo ainda está firmemente gravada na minha memória.

— Não tinha a intenção de fazê-la chorar.

— Eu choro com facilidade. Devia me ver depois de um anúncio mais sentimental na tevê. — Nell não conseguiu evitar o comentário sarcástico e se entregou, fazendo a pergunta que não saía de sua cabeça. — Como estão as crianças?

— Mal falam comigo. — Diante do olhar indiferente dela, Mac fez um gesto na direção do sofá. — Você quer sentar? Essa é uma história meio complicada.

— Vou ficar de pé. Na verdade, não tenho muito tempo. Estava de saída.

O olhar de Mac acompanhou o dela e se fixou na mala. Ele cerrou os lábios.

— Bem, não demorou muito.

— O que é que não demorou?

— Imagino que você tenha aceitado o emprego de professora que lhe ofereceram em Nova York.

— As palavras realmente voam. Não, eu não aceitei. Gosto do meu emprego aqui, gosto das pessoas daqui e tenho a intenção de ficar. Estava apenas indo passar as festas de fim de ano fora.

— Você está saindo para passar o feriado fora à lh da véspera de Natal?

— Vou e venho de acordo com minha vontade. Não, não tire seu casaco — ela disse secamente. Estava difícil controlar as lágrimas. — Apenas diga o que tem para dizer e vá embora. Eu ainda pago o aluguel daqui. Pensando melhor, saia agora. Diabos, você não vai me fazer chorar novamente.

— Os meninos acham que Papai Noel mandou você.

— O quê?

Quando a primeira lágrima rolou, Mac se adiantou e secou-a com o dedo.

— Não chore, Nell. Odeio saber que a fiz chorar.

— Não me toque. — Ela se afastou e pegou um lenço de papel numa caixa.

Ele estava descobrindo exatamente qual era a sensação de ser partido em dois.

— Me desculpe. — Mac baixou lentamente as mãos e deixou-as cair ao lado do corpo. — Sei como deve estar se sentindo em relação a mim.

— Não imagina nem a metade. — Ela assoou o nariz e lutou para se controlar. — Que história é essa dos meninos e de Papai Noel?

— Eles escreveram uma carta no último outono, pouco antes de a conhecerem. E decidiram que queriam a mãe de presente de Natal. Não *uma* mãe — explicou Mac quando ela se virou para encará-lo. — A mãe. Eles me corrigem a esse respeito o tempo todo. Os dois tinham ideias bem específicas a respeito do que desejavam. Ela deveria ter o cabelo amarelo e sorrir muito, gostar de crianças, de cachorros e de fazer biscoitos. Eles também queriam ganhar bicicletas, mas isso era algo secundário. O que realmente queriam era a mãe.

— Oh! — Nell precisava se sentar. Deixou o corpo arriar sobre o braço do sofá. — Isso explica algumas coisas. — Equilibrando-se, ela voltou-se para olhar para ele. — E coloca você numa situação interessante, não é? Sei que você os ama, Mac, mas começar uma relação comigo para tentar agradar seus filhos vai muito além da devoção paterna.

— Eu não sabia. Droga, você acha que eu brincaria com os sentimentos deles ou com os seus dessa forma?

— Com os deles, não — disse ela, agressivamente. — Com certeza, com os deles, não.

Mac se lembrou de como ela parecera delicada quando eles fizeram amor. Estava ainda mais frágil naquele momento. Seu rosto não estava com o rubor saudável que costumava ter, ele percebeu com uma pontada de dor. E não havia luz em seus olhos.

— Sei o que é ser magoado, Nell. E nunca teria magoado você de propósito. Eles só me contaram sobre a carta depois que você saiu... Não foi a única que eu fiz chorar naquela noite. Tentei explicar a eles que Papai

Noel não trabalha desse jeito, mas nada os demoveu da ideia de que ele mandou você.

— Falarei com eles, se você quiser.

— Eu não mereço...

— Não por você — disse ela. — Por eles. Ele assentiu, aceitando.

— Fiquei imaginando como você se sentiria ao saber que eles a queriam.

— Não me provoque, Mac.

Ele não podia evitar, e manteve os olhos presos ao dela enquanto se aproximava.

— Eles a queriam para mim, também. Foi por isso que não me contaram. Você seria nosso presente de Natal. — Ele levou as mãos aos cabelos dela. — Como se sente a esse respeito?

— Como acha que me sinto? — Ela afastou a mão dele e virou o rosto para a janela. — Dói. Me apaixonei por vocês três quase que à primeira vista, e isso dói. Vá embora, me deixe sozinha.

Mac sentia o coração cada vez mais apertado.

— Pensei que você ia embora. Achei que nos abandonaria. Não me permiti acreditar que você se importasse a ponto de ficar.

— Então você é um idiota — ela resmungou.

— Eu fui desajeitado. — Ele reparou nas luzes minúsculas da árvore de Natal dela brilhando em seus cabelos e desistiu de qualquer possibilidade de se defender.

— Está certo, fui um idiota. E do pior tipo, porque me escondi do que você sentia por mim, e do que eu sentia por você. Não me apaixonei de imediato por você. Ou pelo menos não soube que havia me apaixonado. Não até a noite do concerto. Eu queria contar para você, mas não sabia como fazê-lo. Então ouvi alguém comentar sobre a proposta de Nova York e essa foi a desculpa perfeita para expulsá-la da minha vida. Pensei que estava protegendo as crianças, evitando que fossem magoadas.

— Não, ele não usaria os filhos, pensou Mac indignado consigo mesmo. Nem mesmo para tê-la de volta. — Isso é apenas parte da explicação. Na verdade, eu estava protegendo a mim mesmo. Não conseguia controlar o que sentia por você. E isso me assustava.

— Nada mudou desde então, Mac.

— Mas poderia mudar. — Ele aproveitou a chance e segurou-a pelos ombros, virando-a para encará-lo.

— Precisei que meus próprios filhos me mostrassem que, algumas vezes, tudo o que precisamos fazer é desejar. Não me deixe, Nell. Não nos deixe.

— Eu não estava indo embora para nenhum lugar.

— Me perdoe. — Ela começou a virar a cabeça, mas ele segurou o queixo dela delicadamente. — Por favor. Talvez eu não consiga consertar isso, mas me dê a chance de tentar. Preciso de você em minha vida. Precisamos de você.

Havia uma paciência tão grande na voz dele e uma força serena na mão pousada em seu rosto. Só de olhar para Mac seu coração já começava a se curar.

— Eu amo vocês. Todos vocês. Não posso evitar. O beijo dele tinha sabor de alívio e de gratidão.

— Amo você, Nell. E não quero fugir desse amor.

— Mac a puxou mais para perto e apoiou-lhe a cabeça em seus ombros. — Fomos apenas nós três por tanto tempo que não soube como abrir espaço. Acho que estou descobrindo como fazer isso. — Ele afastou-a e enfiou a mão no bolso do casaco. — Comprei um presente para você.

— Mac. — Ainda abalada pela montanha-russa de emoções, ela passou a mão pelo rosto úmido. — Ainda não é Natal.

— Está bem perto. Acho que se você abrir isto agora talvez eu sinta afrouxar esse nó que está apertando meu peito.

— Está certo. — Ela enxugou mais uma lágrima.

— Vamos considerar isto uma oferta de paz, então. Eu posso até decidir... — Ela não conseguiu mais falar ao abrir a caixa. Lá dentro havia um anel de noivado, o tradicional diamante coroando a aliança de ouro.

— Case-se comigo, Nell — disse ele, tranquilamente. — Seja a mãe dos meus filhos.

Ela levantou os olhos úmidos para ele.

— Você age espantosamente rápido para alguém que sempre parece seguir um ritmo próprio.

— É noite de Natal. — Mac olhava nos olhos dela enquanto tirava o anel da caixa. — Me pareceu um bom momento para arriscar minha sorte.

— Foi uma boa escolha. — Ela sorriu e levantou a mão. — Uma ótima escolha. — Quando o anel já estava em seu dedo, ela levou a mão ao rosto dele. — Quando?

Ele deveria ter sabido que seria simples assim. Com ela era sempre simples.

— Falta apenas uma semana para a noite de Ano-novo. Seria um bom começo para um novo ano. Uma nova vida.

— Sim.

— Você viria comigo esta noite? Deixei as crianças na casa de Mira. Poderíamos pegá-los e você passaria o Natal no lugar a que pertence. — Antes que Nell pudesse responder, ele sorriu e beijou sua mão. — Já está até com a mala pronta.

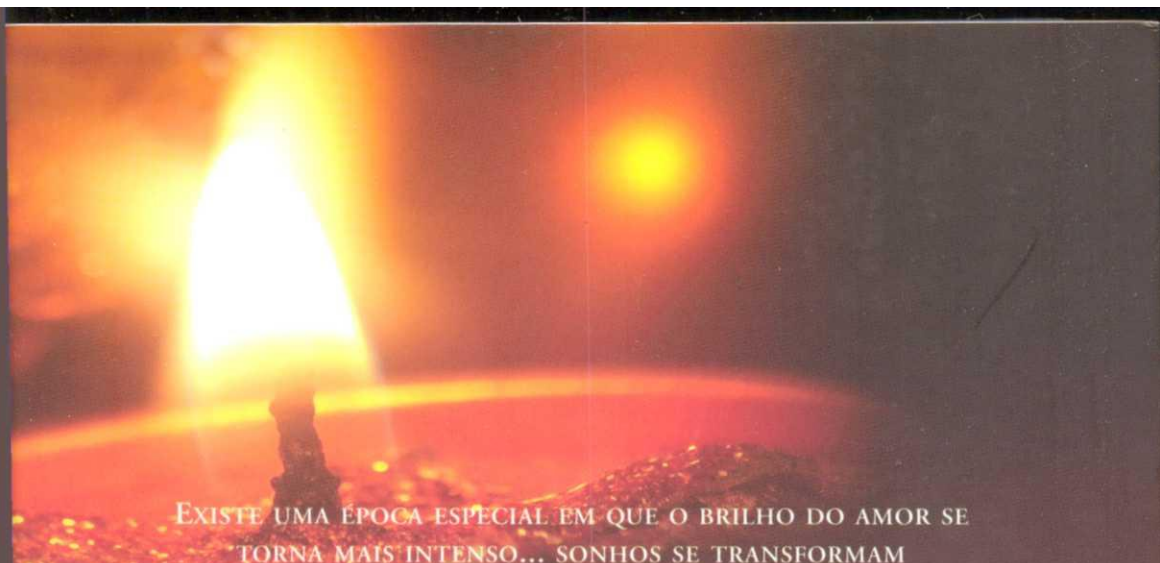
— E mesmo. Deve ser magia.

— Estou começando a acreditar nisso. — Ele voltou a segurar o rosto dela entre as mãos e capturou sua boca num beijo intenso e demorado. — Talvez eu não tenha pedido você a Papai Noel, Nell, mas você é tudo o que eu queria de presente de Natal.

Mac encostou o rosto nos cabelos dela e olhou para baixo, para as luzes coloridas que cintilavam nas casas abaixo, na rua.

— Está ouvindo alguma coisa? — ele murmurou.

— Hmm... — Ela abraçou-o com mais força e sorriu. — Sinos de trenó.



EXISTE UMA ÉPOCA ESPECIAL EM QUE O BRILHO DO AMOR SE
TORNA MAIS INTENSO... SONHOS SE TRANSFORMAM
EM REALIDADE... E A ESPERANÇA RENASCE EM NOSSOS CORAÇÕES...

De volta, no Natal

Após 10 anos longe de sua cidade, o jornalista Jason Law retorna a New Hampshire sob a égide do filho pródigo. Premiado pelas reportagens realizadas em diversos países, Jason agora só pensa em uma coisa: reencontrar Faith Kirkpatrick, seu primeiro amor... e sua primeira decepção... Mãe de uma linda menina, Faith dedica seu tempo a criar a filha e administrar sua loja de bonecas. Talvez ela não tenha mais tempo para Jason... a não ser que, inspirada pelo espírito natalino, crie coragem para realizar seu maior desejo...

Nosso pedido de Natal

Os gêmeos idênticos Zeke e Zach tinham apenas um pedido para Papai Noel: uma nova mãe! Ao conhecerem a professora de música da escola, mal podem acreditar em tamanha sorte. A srta. Davis é uma verdadeira mãe sob medida! Por outro lado, convencer o pai deles seria muito mais difícil do que imaginavam. Havia muito que Mac Taylor estava fechado para o amor. Mas a paz e a alegria que Nell traz para sua vida e a de seus dois filhos aquece seu coração como o sol da primavera. Talvez Zeke e Zach possam mesmo ganhar o presente que tanto querem...



Capa: Simone Villas-Boas



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**